



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**



**CONTOS MARAVILHOSOS DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO
EM UMA TURMA DO SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

MARGARETE DE OLIVEIRA BRITO COSTA BITTENCOURT

VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA
Setembro - 2023

MARGARETE DE OLIVEIRA BRITO COSTA BITTENCOURT

**CONTOS MARAVILHOSOS DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO
EM UMA TURMA DO SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Professor Doutor Halysson Frankleynyelly Dias Santos.

Pesquisa Autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa: CAAE 60974122.5.0000.0055

VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA
Setembro – 2023

FICHA CATALOGRÁFICA

B545c

Bittencourt, Margarete de Oliveira Brito Costa.

Contos maravilhosos de Hans Christian Andersen: uma proposta de intervenção para o letramento literário em uma turma do sexto ano do ensino fundamental. / Margarete de Oliveira Brito Costa Bittencourt, 2023.

130f.

Orientador (a): Dr. Halysson F. Dias Santos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Vitória da Conquista, 2023.

Inclui referência F. 112 a 114.

1. Letramento literário. 2. Conto maravilhoso. 3. Literatura - Ensino. I. Santos, Halysson F. Dias. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS III. T.

Catlogação na fonte: **Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890**

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA



Governo do
Estado da Bahia

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA– UESB Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS

ATA REFERENTE AO EXAME DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DA MESTRANDA **MARGARETE DE OLIVEIRA BRITO COSTA BITTENCOURT** DO PROGRAMA MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS, DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB.

Aos quatro dias do mês de setembro do ano de 2023, às 14:00hs., por videoconferência, **Margarete de Oliveira Brito Costa Bittencourt**, regularmente matriculada sob o regime acadêmico nº 2021J0008 defendeu a Dissertação “**CONTOS MARAVILHOSOS DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO EM UMA TURMA DO SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**” perante a Banca Examinadora, composta pelos professores doutores: Halysson F. Dias Santos (UESB), Luciano Lima Souza (UESB), Zoraide Portela Silva (UNEB), membros titulares, obtendo **APROVAÇÃO**. Entretanto, o efeito legal desta ata, para o fim específico de emissão de diploma de Mestre Profissional em Letras, está condicionado à entrega da versão definitiva da dissertação no prazo máximo de 60 (sessenta) dias decorridos da data de defesa, qual seja, 04 de novembro de 2023, no Colegiado do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, *Campus* Vitória da Conquista, com alterações e/ou correções sugeridas pelos membros da banca, conforme preconiza o artigo 65, capítulo XIII do Regimento Interno do Mestrado Profissional em Letras. Nada mais havendo a ser tratado, eu, Prof. Dr. Halysson F. Dias Santos, encerro a sessão pública de defesa, da qual lavrei a presente ata que, após leitura e aprovação, será assinada por mim, pelos demais membros da banca e pela candidata ao título de mestre.

Vitória da Conquista – Bahia, 04 de setembro de 2023

Prof. Dr. Halysson F. Dias Santos (UESB)
Orientador

Prof.ª Dr.ª Zoraide Portela Silva (UNEB)
Examinadora

Prof. Dr. Luciano Lima Souza (UESB)
Examinador

Margarete de Oliveira Brito Costa Bittencourt
Mestranda

A Deus.
À minha família.
A todos os professores de língua portuguesa.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e ao PROFLETRAS pela oportunidade de ampliar meus conhecimentos como professora de língua portuguesa, principalmente, com o ensino de literatura.

Ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras por ter me proporcionado novas aprendizagens que me fizeram ressignificar meu trabalho em sala de aula.

À CAPES pelo grande incentivo da pesquisa no Brasil.

Ao meu orientador Professor Doutor Halysson Dias, por ter partilhado seu conhecimento científico comigo, pelas palavras de incentivo, pela atenção, pela seriedade, humildade e confiança no que propus realizar.

Aos professores que compuseram a banca de qualificação e examinadora: Professor Doutor Luciano Lima Souza e a Professora Doutora Zoraide Portela Silva pelas contribuições imprescindíveis para meu trabalho.

A todos os professores do PROFLETRAS/UESB, pela partilha do conhecimento nas majestosas aulas, pela paciência, pela seriedade, pela responsabilidade e pelo carinho.

À direção e à coordenação pedagógica da escola onde trabalho que, com carinho e compreensão, me deram os suportes necessários para a realização e conclusão deste curso.

Aos meus queridos colegas da TURMA VII que muito me ensinaram com a amizade, o carinho, a empatia e o companheirismo, qualidade que acompanha a turma desde os primeiros dias.

À minha família, começando pelos meus pais, Florisvaldo e Arailde, que sempre se sacrificaram para que eu pudesse estudar, pois acreditavam que esta seria a melhor herança.

Ao meu marido, Osman, companheiro espetacular, que sempre me apoiou e incentivou nos estudos.

Às minhas filhas Rebeca e Raquel, meus tesouros, por compreenderem os momentos que estive ausente e por terem me ajudado quando as solicitei.

A todos os amigos, demais familiares e colegas de trabalho pelo acompanhamento, pela ajuda e pelas palavras de ânimo.

“Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem”.

Rildo Cosson

RESUMO

A prática da leitura literária tem ocupado pouco espaço no planejamento pedagógico e sua aplicação, em sala, na maioria das vezes, não suscita resultados satisfatórios. Diante disso, esta dissertação pretende promover uma reflexão sobre como o ensino de literatura pode contribuir para o letramento literário, através de estratégias de leitura, que ampliarão o conhecimento e a competência leitora do indivíduo na sociedade. Isso aconteceu através de uma abordagem qualitativa de pesquisa cujas características mais se aproximaram para investigar fenômenos educacionais. Para nortear as proposições já apresentadas, autores como Cosson (2021), Colomer (2007), Terra (2014), Aguiar (2013), Zilberman (2009), Todorov (2021), Propp (1978), entre outros estudiosos foram selecionados. A intervenção pedagógica, foi aplicada em uma turma com trinta participantes do sexto ano, Ensino Fundamental Anos Finais, de uma escola pública da cidade de Vitória da Conquista. A sequência básica, criada por Cosson (2021), foi desenvolvida tendo como gênero o conto maravilhoso de Hans Christian Andersen “O Patinho Feio”. Andersen foi selecionado por seu engajamento social e político, além da grande sensibilidade e talento. Durante a aplicação da sequência básica os dados foram coletados através dos textos elaborados pelos alunos no diário de bordo. Este instrumento foi recolhido e sua análise se baseou no trabalho acadêmico de Buzzo (2003) e Silva (2019) que analisaram os relatos do diário em “Categorias de interpretação do gênero diário”, mostrando o quanto foi significativo para o aluno a experiência com o texto literário. Acredita-se que as estratégias de leitura realizadas poderão abrir caminhos para que o letramento literário seja uma realidade nas escolas, pois a leitura se constrói pela experiência pessoal e é ampliada com a experiência do outro a partir de ações bem organizadas.

Palavras-Chave: Conto maravilhoso. Ensino. Literatura. Letramento literário.

ABSTRACT

The practice of literary reading has occupied little space in pedagogical planning and its application in the classroom, in most cases, does not elicit satisfactory results. Thus, this dissertation intended to promote a reflection on how literature classes can contribute to literary literacy through reading strategies, which will expand the knowledge and reading competence of the individual in society. This was achieved through a qualitative research approach whose characteristics came closest to investigate educational phenomena. To guide the propositions already presented, authors such as Cosson (2021), Colomer (2007), Terra (2014), Aguiar (2013), Zilberman (2009), Todorov (2021), Propp (1978), among other scholars were selected. The pedagogical intervention was applied in a class with thirty participants of the sixth grade, Elementary School Final Years, of a public school in the city of Vitória da Conquista. The basic sequence, created by Cosson (2021), was developed taking as its genre the wonderful tale of Hans Christian Andersen "The Ugly Duckling". Andersen was selected for his social and political engagement, as well as great sensitivity and talent. During the application of the basic sequence, the data were collected through the texts elaborated by the students in the logbook. This instrument was collected and its analysis was based on the academic work of Buzzo (2003) and Silva (2019) who analyzed the diary reports in "Categories of interpretation of the daybook genre", showing how significant the experience with the literary text was for the student. It is believed that the reading strategies carried out may open ways for literary literacy to be a reality in schools, because reading is built by personal experience and is expanded with the experience of the other from well-organized actions.

Keywords: Wonderful tale. Teaching. Literature. Literary literacy.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gosta de ler?	50
Gráfico 2 – Para você, a leitura é importante para sua formação?.....	51
Gráfico 3 – O que você costuma ler?	52
Gráfico 4 – Com relação aos textos literários, o que você mais gosta de ler?.....	54
Gráfico 5 – Qual o formato de leitura de sua preferência?.....	55
Gráfico 6 – Em casa, com que frequência você lê?.....	56
Gráfico 7 – Com que frequência você vê alguém de sua família ou alguém com quem você mora lendo?.....	57
Gráfico 8 – De que forma você tem acesso com mais frequência aos livros literários?.....	58
Gráfico 9 – Nas aulas de português, a leitura se dá somente nos textos do livro didático?.....	59
Gráfico 10 – Como é a leitura de histórias em sala de aula para você?.....	59
Gráfico 11 – Você já leu qual(is) desta(s) histórias?.....	60
Gráfico 12 – Já ouviu falar sobre o conto maravilhoso?.....	61
Gráfico 13 – Avaliação.....	80

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Christian Anderson em 1869, aos sessenta e quatro anos.....	65
Figura 2– Livro de contos Vol. I	66
Figura 3 – Livro de contos -Hans Christian Andersen.....	67
Figura 4 – Livro de contos Vol. I.....	67
Figura 5 – Livro de contos Vol. II	68
Figura 6 – Livro de contos.....	68
Figura 7 – Livro de contos de Fadas em suas versões originais.....	69
Figura 8 – Diários de Bordo dos alunos.....	75
Figura 9 – Avaliação das aulas de literatura.....	79
Figura 10 – Avaliação das aulas de literatura.....	79
Figura 11 – Avaliação das aulas de literatura.....	79
Figura 12– Avaliação das aulas de literatura.....	80
Figura 13– Avaliação das aulas de literatura.....	80
Figura 14 – Resumo da obra.....	84
Figura 15 – Resumo da obra.....	84
Figura 16 – Dúvidas sobre o texto.....	88
Figura 17 – Entrevista com o protagonista.....	90
Figura 18 – Novo personagem.....	101
Figura 19 – Novo personagem.....	101
Figura 20 – Novo personagem.....	102
Figura 21 – Participação coletiva.....	105

LISTA DE TABELAS

Tabela I – Linha do tempo do gênero conto.....	24
Tabela II – Sequência básica do conto “O patinho feio”.....	41

LISTA DE SIGLAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos

UFC – Universidade Federal do Ceará

UEMS – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

AC – Atividades Complementares

REDA - Regimento Especial de Direito Administrativo

NTE – Núcleo Territorial de Educação

SOPAS – Serviço de Orientação Psicológica e Assistência Social

UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

HQ – História em Quadrinho

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A	Questionário para reconhecimento do perfil da turma como leitora tanto no ambiente familiar como escolar	116
APÊNDICE B	Apresentação, através de imagem, da estética do diário de bordo utilizado pelos alunos.....	119
APÊNDICE C	Cronograma de atividades a serem desenvolvidas com o conto “O patinho feio”, no diário de bordo.....	120
APÊNDICE D	Descrição da sequência básica do conto “A pequena vendedora de fósforos”	122
APÊNDICE E	Cronograma de atividades a serem desenvolvidas com o conto “A pequena vendedora de fósforos”, no diário de bordo	127

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 LEITURA LITERÁRIA DE CONTOS MARAVILHOSOS E A FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	19
2.1 LEITURA, ENSINO E LITERATURA NA ESCOLA.....	19
2.2 O LETRAMENTO LITERÁRIO.....	22
2.3 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E TEÓRICAS SOBRE O GÊNERO LITERÁRIO ESCOLHIDO.....	23
2.3.1 O gênero conto: origem e evolução.....	24
2.3.2 O que faz um conto ser um conto: concepções e teorias	26
2.3.3 Eis o conto maravilhoso: conceito	28
2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE AUTOR E OBRAS ESCOLHIDAS.....	30
3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	33
3.1 METODOLOGIA	33
3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PÚBLICO-ALVO	34
3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O LOCAL	36
3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO.....	38
3.5 PROPOSTA DE SEQUÊNCIA BÁSICA	40
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	48
4.1 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO.....	48
4.1.1 Aplicação e objetivo	48
4.1.2 Questões propostas e análise	49
4.2 APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA BÁSICA.....	62
4.2.1 Motivação.....	62
4.2.2 Introdução	65
4.2.3 Leitura	69
4.2.4 Interpretação	71
4.2.5 O último encontro: a avaliação.....	73

4.3 DIÁRIO DE BORDO: PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS.....	74
4.3.1 Análise dos registros no diário de bordo.....	77
4.3.2 As categorias de interpretação do gênero diário.....	78
4.3.3 Outros benefícios proporcionados pelo ensino de literatura com o diário de bordo.....	100
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
6 REFERÊNCIAS	112
7 APÊNDICES.....	115

1 INTRODUÇÃO

Vários segmentos da sociedade colaboram com a formação do indivíduo como igrejas, associações comunitárias, universidades, sindicatos, família e outros. Sem desmerecer a função dessas instituições, é imprescindível reconhecer que a escola desempenha um papel importante na vida do ser humano, pois tem como privilégio criar as bases que promoverão novos conhecimentos.

O objetivo da escola está relacionado ao desenvolvimento de diferentes competências, entre as quais, a competência leitora. No entanto, ela não é alcançada por grande parte dos indivíduos que passam pela escola. Esta não consegue apresentar à sociedade cidadãos formados a partir de uma efetiva proposta pedagógica de leitura. Isso remete a uma profunda e contínua reflexão a respeito do assunto, principalmente sobre como a abordagem se realiza no Ensino Fundamental.

As aulas de literatura, no Ensino Fundamental, têm um tempo escasso porque o processo de ensino-aprendizagem prioriza, sobretudo, o ensino da gramática. Muitas vezes, o tempo para a literatura se limita à leitura, à interpretação do texto literário presente no livro didático, ao preenchimento de fichas e de avaliações. Tais atitudes aumentam o desinteresse e desvalorização do ensino de literatura no ambiente escolar.

É importante que a escola trabalhe com vários gêneros textuais como e-mail, notícia, reportagem, anúncios publicitários, etc. No entanto, é primordial incluir, no planejamento, atividades ou projetos que envolvam o texto literário. Pois este, dentro da sociedade, apresenta-se com maior circulação no ambiente escolar. Dificilmente o indivíduo terá acesso a esse texto em outro ambiente social.

A leitura do texto literário pode proporcionar novas experiências, mais informações, deve provocar atitudes e reflexões diferentes do arcabouço cultural do educando, ampliando seu conhecimento e promovendo sua participação ativa na sociedade.

A experiência pessoal com o texto literário pode propiciar ao indivíduo mais conhecimento e entendimento do mundo a sua volta. O contato com diferentes literaturas, entre elas, aquelas consideradas canônicas, suscitará múltiplas experiências literárias.

Propomos que o ensino de literatura seja desenvolvido através de estratégias de leitura de contos maravilhosos, para contribuir com o letramento literário em turmas do sexto ano do Ensino Fundamental. A literatura pode ser trabalhada de forma planejada e com orientações para que o indivíduo dialogue com o texto literário e perceba que a leitura também se constitui a partir de uma interação entre leitor e escritor. Isso desenvolverá a consciência de seu papel

como leitor, não apenas na escola, como também na sociedade.

Este trabalho possui três seções pensadas e organizadas para descrever todo o processo de estudo, coleta e análise de dados, no que diz respeito ao ensino de literatura para promoção do letramento literário.

A primeira seção tem como título “Leitura literária de contos maravilhosos e a formação de leitores no Ensino Fundamental”. Comentaremos a respeito do ensino de literatura na escola e apresentaremos a definição sobre letramento literário. Além disso, exporemos as considerações históricas e teóricas sobre o gênero literário escolhido, conto maravilhoso, a origem e a evolução deste gênero, as concepções e as teorias que circundam o conto e, em seguida, o conceito e as características do conto maravilhoso.

Ainda nesta seção, justificaremos a preferência pelo escritor Hans Christian Andersen. Escritor dinamarquês que demonstrou preocupação em desenvolver uma literatura específica para o público infantil através de histórias que fazem refletir a condição humana na sociedade. Finalizaremos a seção com a explicação da escolha do conto “O Patinho Feio” para o desenvolvimento da intervenção.

Na segunda seção, com o título “Proposta de Intervenção”, explicaremos a metodologia adotada que terá uma abordagem qualitativa e participativa com intervenção pedagógica. Em seguida, a sequência básica, fundamentada nos estudos de Cosson (2021 c) será detalhada e, por último, um resumo sobre o local e o público-alvo deste trabalho.

Na terceira seção, “Apresentação e análise de dados”, está inserida a coleta e análise de dados segundo o referencial teórico-metodológico estabelecido. No primeiro momento, os resultados do questionário, aplicado antes da sequência básica, são apresentados e analisados cuidadosamente.

A sequência básica foi descrita com objetivo de informar como ocorreu cada etapa: a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação. Esse detalhamento é de suma importância para uma melhor compreensão da abordagem feita.

Depois, os registros feitos pelos alunos durante aplicação da sequência básica, no diário de bordo, foram analisados conforme a teoria das “Categorias de interpretação do gênero diário: avaliações, resumos, comentários, dúvidas, relações e contribuições”. Cada categoria foi analisada e comprovada com fragmentos dos diários de bordo.

A inspiração para esta análise partiu da Dissertação de Mestrado de Marina Gonçalves Buzzo cujo título é “O diário de leituras: uma experiência didática na Educação de Jovens e Adultos (EJA)”, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no ano de 2003.

Como o ensino de leitura gera muitos estudos por se tratar de um dos dilemas vividos por professores de língua portuguesa, também nos inspiramos na Dissertação de Mestrado “Práticas de

letramento em uma turma de 7º ano”, de Daniely Moreira Coelho da Silva, do PROFLETRAS da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 2019. Neste trabalho, a autora também utilizou das “Categorias de interpretação do gênero diário”, apresentadas por Buzzo (2003), para sua análise dos diários de leitura.

Para enriquecer mais nosso trabalho, também conhecemos e analisamos a Dissertação “A formação do leitor crítico nos anos finais do ensino fundamental por meio da leitura de contos”, de Rosemeire Santos Alecrin, do PROFLETRAS da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), 2020.

Por fim, outros aspectos, que não foram contemplados pelas categorias de interpretação, mereceram atenção, pois mostraram que os alunos vivenciaram experiências relevantes que comprovam que o ensino de literatura, diante de um planejamento, pode despertar saberes adormecidos e fazê-los entender que são protagonistas dentro do processo de leitura.

2 LEITURA LITERÁRIA DE CONTOS MARAVILHOSOS E A FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teóricos que norteiam este trabalho que envolve o ensino de literatura, durante as aulas de Língua Portuguesa. A abordagem mostra a enorme contribuição que a leitura literária pode oferecer na formação de leitores no Ensino Fundamental.

A leitura se manifesta nas diversas situações promovidas pela sociedade. Sejam formais ou não, essas situações requerem do indivíduo um certo domínio e controle de competências leitoras para que haja melhor interação e participação social. Isso demonstra que a leitura possui uma missão imprescindível na construção do conhecimento e na formação do ser humano.

Por outro lado, a escola apresenta dificuldades para conseguir trabalhar com a concepção de leitura como uma atividade além da decodificação de sinais gráficos e da construção de sentidos a partir, exclusivamente, do que o autor declara no texto. O ato de ler transpassa as palavras do texto e a visão do autor, se efetiva com o leitor produzindo significados que são resultados de suas referências culturais.

Desse modo, o letramento literário pode cooperar significativamente para que o ensino de literatura amplie o acesso às informações, a pensamentos e a culturas diferentes que expandirão o universo linguístico da criança e, conseqüentemente, o conhecimento e a experiência com o texto literário.

Nesse intuito, a escolha do conto maravilhoso se justifica por pertencer à realidade do público-alvo deste trabalho, as crianças, e por instigar a imaginação e a criatividade, além de sua estrutura conter elementos narrativos densos que facilitam a compreensão.

O autor Hans Christian Andersen, devido a seu pioneirismo literário para as crianças e sua sensibilidade expressiva sobre o ser humano e suas mazelas, contribuiu consideravelmente, através dos contos “O Patinho Feio” e “A Pequena Vendedora de Fósforos”¹, para que se desenvolva uma proposta de ensino de literatura que promova o letramento literário.

2.1 LEITURA, ENSINO E LITERATURA NA ESCOLA

Diante das várias concepções de leitura que norteiam a sociedade, corroboramos com o pensamento de Terra (2014, p. 53) que a define como “uma atividade de construção de sentido” que

¹ Devido a problemas, que estão além do nosso domínio, este conto não foi trabalhado na turma. Entretanto, a sequência básica se encontra na parte dos Apêndices.

se realiza no processo de leitura e não apenas no texto.

Cosson (2021 a, p. 36) afirma que essa produção de sentido se faz através do diálogo com o texto e explica que “ler é um diálogo, com o passado, que cria vínculos, estabelece laços entre leitor e o mundo e os outros leitores”.

Portanto, a leitura não se limita a tentar entender o que o autor quis dizer, a identificar a estrutura do texto e momentos que compõem a narrativa. A leitura se faz num processo de interação entre leitor e texto. Nesse processo, o leitor tem o protagonismo, pois é ele quem deve produzir os sentidos que serão conduzidos pelos conhecimentos de mundo que o acompanham e outras experiências culturais.

A leitura do texto literário, em alguns ambientes escolares, se desenvolve de forma esporádica ou com atividades que visam à interpretação básica dos elementos do texto e a identificação de mecanismos linguísticos. Ler está além da superficialidade do texto:

Ler [...] não é apenas decifrar um código: é perceber a interligação lógica dos significados, as relações entre eles e, o que é mais importante, assimilar o pensamento e as intenções do autor, confrontar as ideias apreendidas com os conhecimentos anteriores sobre o assunto, dialogar com o autor, posicionando-se diante dele, e utilizar os conteúdos ideativos adquiridos em novas situações (AGUIAR, 2013, p. 153).

Assim, entendemos que a aplicação de atividades, muitas vezes propostas nas aulas de literatura, com objetivo de buscar no próprio texto as respostas como sendo a única interpretação possível, destoa com os conceitos de leitura apresentados até aqui. Porém, a escola pode rever esse conceito de leitura que está sendo trabalhado por ela. Pois é perceptível que este conceito não abre espaço para o diálogo do leitor com o autor, numa troca de informações e reflexões pessoais.

O ensino de leitura precisa ser exercido de forma mais significativa e Aguiar (2013) acrescenta ainda que “com participação ativa do leitor, que não é mero receptor de uma mensagem acabada, mas, ao contrário, interfere na construção de sentidos” que, como define Terra (2014):

[...] é um processo complexo e não deve ser confundido com a simples decodificação ou identificação de informações básicas. Como o sentido não está no texto, no processo de leitura, o leitor sai do texto e vai buscar, por meio de inferências, os conhecimentos necessários [...] para a construção do sentido numa atitude colaborativa (TERRA, 2014, p.54).

O ato de ler se edifica com as inferências do leitor sobre o que foi lido como produto dos conhecimentos que já lhes são dominados. Zilberman (2009) também ressalta que “a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca”. Ler é fazer o indivíduo perceber que ele pode agir sobre o texto descobrindo sobre si mesmo e sobre a realidade que o rodeia.

Em contrapartida, em algumas situações, a escola, não leva em consideração essa realidade do aluno, o seu saber. A dificuldade que alguns apresentam em “acertar” as respostas das atividades

de interpretação mostra o quanto é difícil descobrir o que o outro pensou ou pensa. Sabemos de nós mesmos, mas entender o que o outro disse é uma descoberta muito complexa.

Contudo, a forma como apresentamos a leitura revela que as respostas para as interpelações que surgem sobre a interpretação da obra não estão prontas, elas são construídas a cada experiência de leitura. Dessa maneira, cabe à escola desenvolver projetos que estimulem a vivência de práticas de leitura que o façam não só a ler e escrever melhor, mas também a conhecer o mundo que o cerca.

Seguramente, o trabalho com o texto literário em sala de aula poderá ser realizado para que tais perspectivas sejam alcançadas. Na visão de Todorov (2021, p. 23), “a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo”. Com isso, confirma-se que a literatura merece uma atenção maior da escola, merece ser repensada em sua prática pedagógica. Pois, suas ações despertam sensações e produzem saberes que permitem “que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano” (TODOROV, 2021, p. 24).

Com esse propósito, cabe à escola valorizar mais a leitura dos textos literários, revendo o processo de escolarização da literatura, em especial no ensino fundamental. A leitura literária pode ajudar na formação humana porque estimula o leitor a dialogar com outras realidades, ampliando seus conhecimentos literários e de mundo.

É importante que a escola trabalhe com vários gêneros textuais, contudo, é primordial incluir atividades ou projetos que envolvam o texto literário. Segundo Colomer (2007), os alunos terão contato com os demais gêneros fora da escola (notícia, e-mail, anúncio publicitário, etc.), já o texto literário tem sua circulação limitada ao ambiente escolar. Se a escola não exerce esta função, os indivíduos encontrarão mais dificuldade de ter contato com o texto literário.

Portanto, o ensino de literatura precisa, aos poucos, desprender-se da didatização e formar indivíduos que possam “entender o significado da leitura como procedimento de apropriação da realidade, bem como o sentido do objeto por meio do qual ela se concretiza: a obra literária” (ZILBERMAN, 2009, p.30).

A leitura literária não ocorre na forma como deveria ser, ou seja, mais significativa para o aluno que, ao chegar nos anos finais do Ensino Fundamental, não consegue nem mesmo, segundo Colomer (2007), usar termos específicos para caracterizar suas leituras e preferências. Isso ocorre porque a escola não consegue determinar o tipo de leitor que deve formar nem se propõe a mostrar para o cidadão o que ele pode fazer com relação à leitura.

A relação da escola com a literatura merece algumas reflexões já que ambas convergem para a mesma natureza:

Preservar as relações entre literatura e a escola, ou o uso do livro em sala de aula, decorre de ambas compartilharem um aspecto em comum: a natureza formativa. De fato, tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem (ZILBERMAN, 2003, p.25).

O texto literário poderá ser o ponto de partida para a formação de leitores conscientes de seu papel dentro e fora do espaço escolar. Cabe à escola promover uma nova forma de trabalhar o texto literário, para que a leitura faça sentido tanto para o professor como para o aluno.

Para que isso ocorra, Cosson (2021 c) defende que o ensino de literatura seja uma prática que faça sentido dentro do processo de ensino-aprendizagem e acrescenta que:

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos (COSSON, 2021c, p. 17).

Diante da alteridade que caracteriza a leitura literária, a experiência do outro nos leva a uma experiência pessoal que amplia o conhecimento e o universo linguístico, redirecionando pensamentos e atitudes. Isso dentro de um planejamento mais cuidadoso e um espaço maior para as aulas de literatura, pois, assim se manifesta o letramento literário.

2.2 O LETRAMENTO LITERÁRIO

Numa sociedade letrada, saber ler e escrever é fundamental para a interação e aceitação nos diversos grupos sociais. Quando o indivíduo não dispõe dessa habilidade, a sociedade vê isso como um contratempo para o seu desenvolvimento e acaba negando a esse indivíduo os direitos como cidadão e o acesso à cultura e ao conhecimento.

Por outro lado, há aqueles cuja condição social é mais privilegiada devido ao domínio da leitura e da escrita. No entanto, a forma como essas habilidades são aplicadas na sociedade tem sido objeto de estudo. Com relação a isso, Soares (2009, p. 20) diz que: “[...] não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente”.

Dessa forma, o letramento se diferencia da alfabetização. Quanto a essa afirmação, Cosson (2021 c, p. 11) esclarece que letramento “Trata-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas.” Logo, o letramento é o uso social da leitura e da escrita, enquanto a alfabetização se limita à decifração do código linguístico e ambos podem ser desenvolvidos no ambiente escolar.

Nesta perspectiva, a escola precisa enfrentar alguns desafios para, além da alfabetização, também promover o letramento. A respeito disso, Soares (2009) ressalta que o desafio envolve exclusivamente o ato de ensinar o indivíduo a ler e a escrever, mas também fazê-lo vivenciar as diversas práticas sociais abrangidas pela leitura e pela escrita e ter acesso à materiais que promovam o ato de ler, como livros.

A visão da escola como uma instituição social promotora de letramentos fez com que estudiosos ampliassem esse conceito de letramento que se realiza com a leitura do texto literário. Entre os estudiosos, destacamos Cosson (2021 c, p. 12) cujo letramento literário defende que:

[...] compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio [...] no que se refere a escolarização da literatura. A proposta ... aqui se destina a reformar, fortalecer e ampliar a educação literária que se oferece no ensino básico.

O autor propõe uma valorização, organização e ampliação do ensino de literatura nas escolas da educação básica para que haja um domínio efetivo da leitura a partir do texto literário.

Compreendemos muito bem a posição desse autor, pois nossa vivência em sala de aula tem mostrado que, devido a vários fatores, a literatura ocupa pouco espaço nas aulas e sua aplicação não perpassa por um processo pedagógico que estimule o surgimento de novos leitores. Por isso, é preciso repensar esse ensino nas aulas de Língua Portuguesa, da educação básica, mais precisamente na etapa do Fundamental Anos Finais cuja intervenção foi aplicada com propósito de sugerir como a literatura pode ajudar a formar leitores ativos através do letramento literário.

Reforçamos que as práticas literárias na escola podem ser aplicadas para incentivar a leitura como um processo relevante para o aluno e não como identificação de informações superficiais do texto. Cosson (2021 c) reconhece que as atividades com leitura devem ser organizadas segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar.

Além disso, é justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de contribuir para que o cidadão leia com proficiência, que não seja apenas a aquisição de um hábito ou a realização de um ato prazeroso, mas que suscite instrumentos fundamentais para que o indivíduo amplie seu conhecimento e desenvolva sua competência leitora.

2.3 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E TEÓRICAS SOBRE O GÊNERO LITERÁRIO ESCOLHIDO

O conto sempre esteve presente na vida do ser humano, desde os primórdios quando a linguagem escrita não era conhecida ainda. À noite, após as caçadas e conclusão dos afazeres do dia, em redor de uma fogueira fumegante com estalos frenéticos de madeira queimando, uma voz mais

experiente se manifestava ativa para narrar histórias. Assim, os mais velhos transmitiam seus ensinamentos aos mais novos através dos relatos de fatos ligados à sua sobrevivência e às suas crenças.

O conto surgiu com a própria humanidade e por ela foi sendo modificado, seja na sua estrutura ou na sua função durante os séculos. É um gênero resistente, como tantos outros, que sobreviveu às intempéries do homem e suas necessidades e se mantém presente na vida, principalmente, dos mais jovens.

2.3.1 O gênero conto: origem e evolução

O gênero conto² atravessou séculos, sofreu alterações na sua forma e no seu conteúdo, todavia sempre fora o ser humano e suas mazelas sua matéria-prima. Para entendermos um pouco desse percurso, traçamos uma linha do tempo para expor, brevemente, informações históricas deste gênero.

Tabela I – Linha do tempo do gênero textual conto

LINHA DO TEMPO							
Tempos remotos	Egito	Século X d.C.	Civilização grega	Antiguidade	Idade Média	Século XVII e XVIII	Século XIX

Adaptado pela autora do trabalho, 2023.

O conto nasceu com a necessidade do homem de transmitir o saber, a cultura e contribuir com a educação e formação moral dos mais jovens que, no futuro, também teriam a missão de narrar histórias para dar continuidade à cultura e ensinamentos do grupo social da qual faziam parte” (GOTLIB, 2004).

Dessa forma, a origem do conto está ligada à tradição oral, principal forma de comunicação nos tempos remotos da humanidade e parte de experiências vividas pelo povo nos seus grupos sociais.

² O conceito de gênero textual, apresentado neste trabalho, advém dos estudos sobre a linguagem humana desenvolvidos pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) sobre os gêneros do discurso.

Com relação ao conto escrito, Gotlib (2004) afirma que “para alguns, os contos egípcios - *Os contos dos mágicos* – são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4.000 anos antes de Cristo.”

Discorrer sobre a história do conto é descrever a história da própria humanidade. É falar de suas conquistas, suas perdas, seus sonhos, seus ideais, seus pensamentos, tudo isso revelado através das palavras que, tanto para o leitor como para o escritor, representam a vida.

Isso nos faz lembrar de *Mil e uma noites* do século X, que circulava pela Pérsia, mostrando como “Sheherazade, contando estórias, vai adiando a morte e prolongando a vida” (GOTLIB, 2004).

Segundo Júnior (1972), o conto esteve presente na civilização grega desde o início e foi copilado pela primeira vez por Partênio de Niceia, gramático e poeta. Ainda neste ensaio, Valera revela que Partênio foi sequestrado e tornou-se o mentor de Virgílio, autor estimável de *Odisseia* e *Ilíada*.

Na Antiguidade, o conto era histórias de fatos que ocorreram. Valera retrata que “os contos eram então apresentados como anedotas e proezas de pessoas particulares, que a história não registra e que o narrador quer dar a conhecer [...]” (JÚNIOR, 1972, p.09).

Na Idade Média, o conto era confundido com outros gêneros como fábula, parábola, novela. Nos séculos seguintes, o conto se restringia a contos populares e escritos em versos. Neste período, o conto se afirma como texto escrito e sofre algumas mudanças.

O *Decameron* (1350), de Giovanni Boccaccio, contribuiu significativamente para o que chamamos hoje de conto clássico. Os contos eróticos do *Decameron* romperam com o estigma moralizante que perfazia a estrutura do conto. Dessa feita, o contador mostra uma maior preocupação com a expressão artística sem abster-se das características que compõem a narrativa oral.

Em seguida, no século XVII, surgem as *Novelas ejemplares* (1613), de Miguel de Cervantes e contos de Charles Perrault, na França. No século XVIII, surge La Fontaine que se destaca como notório contador de histórias cujos personagens eram animais personificados os quais, através de toda a trama repassavam, em seu conteúdo, uma moral.

No entanto, foi no século XIX que o conto ganhou mais visibilidade e, conseqüentemente, mais leitores. Para o autor Gotlib (2004, p. 7) o conto assim se justifica: “[...] estimulado pelo apego à cultura medieval, pela pesquisa do popular e do folclórico, pela acentuada expansão da imprensa, que permite a publicação dos contos nas inúmeras revistas e jornais”.

Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm e Edgar Allan Poe são responsáveis pela ascensão do conto moderno no século XIX.

No Brasil, o conto também surgiu na modalidade oral iniciando com os povos indígenas contando histórias sobre os elementos da natureza, cultura e religião. Depois vieram os negros nas

senzalas narrando suas histórias nostálgicas de sua terra natal além-mar. Ademais, os colonizadores portugueses também tiveram sua parcela de contribuição na origem do conto nas modalidades oral e escrita, assim como outros povos que por aqui passaram.

Esse gênero nasce praticamente com o próprio ser humano, nasce da necessidade dele se expressar, ensinar e entreter. Iniciou de forma oral e foi evoluindo com o passar dos tempos para a escrita, porém seu conteúdo permanecia registrando as mazelas e os deleites da vida.

2.3.2 O que faz um conto ser um conto: concepções e teorias

O conto sofreu alterações durante os séculos. Ele foi modelado, no passar do tempo, em consonância com as necessidades e pensamentos do ser humano. Tais mudanças ocorreram, principalmente, quando o conto passou a ser registrado. A estrutura, o conteúdo, o objetivo conseqüentemente passaram por ampliações e mudanças que proporcionaram a acessibilidade ao gênero tornando-o mais popular com um público leitor relevante.

Contudo, as mudanças ocorridas durante os séculos e as produções contemporâneas de contos na sociedade suscitam, entre os teóricos, a discussão sobre o que faz um conto ser um conto. Inicialmente, destacamos que para o escritor argentino Cortázar (2006, p.150-151)

se não tivermos uma ideia viva do que é o conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. Só com imagens se pode transmitir essa alquimia secreta que explica a profunda ressonância que um grande conto tem em nós, e que explica também por que há tão poucos contos verdadeiramente grandes.

Além disso, Cortázar (2006) defende que o contista sente necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam *significativos*. O conto deve aguçar a inteligência e a sensibilidade do leitor, deve ir além do texto literário, deve ultrapassar os limites da estrutura e o tema da história contada.

O julgamento se um tema é interessante ou não, distancia-se da literatura. Para esta, não existem temas enfadonhos. O que conduz a isso é a forma como o tema é tratado pelo escritor. Um simples episódio cotidiano pode virar um tema interessante, dependerá do tratamento literário dado e da técnica usada para compor o texto. A significação, que Cortázar defende, está ligada à intensidade e à tensão que deve aparecer desde as primeiras palavras do conto. Já a intensidade “consiste na eliminação de todas as ideias ou situações intermediárias, de todos os recheios ou fases de transição que o romance permite e mesmo exige.” (CORTÁZAR, 2006, p. 157).

A intensidade com que os acontecimentos são feitos vão criando uma tensão no leitor que o prende à história, se fixa na narração de forma a esquecer, por aqueles instantes, o mundo real.

O conceito de conto se baseia justamente nesta ideia de que o tratamento literário dado ao tema deve promover a intensidade da ação e a tensão do texto no leitor que responderá com grande interesse de chegar até o fim da narrativa sem se importar com o que está à sua volta.

Portanto, esse encantamento pelas histórias pode ser explicado pela razão do conto ser uma sequência de acontecimentos vivenciados pelo ser humano e destinada para ele mesmo. O que Gotlib (2004, p.11) resume que o conto é “de nós, para nós, acerca de nós”.

Esses acontecimentos trazidos pelos contos podem ser reais ou imaginários? O conto não se detém nos limites da vida real e da ficção. Na verdade, eles se complementam. O conto é narrar alguma coisa de forma distinta, independente de sua veracidade. Como já foi supracitado, não é o tema, mas o modo como será narrado que tornará o conto interessante e atingirá seu objetivo de provocar os sentimentos do leitor ou ouvinte.

Ao narrar, o fato vira uma ficção, ele passará por uma mudança, o contador criará um modo diferente para expressar aquilo que o motivou à produção do conto. Esse modo diferente estará carregado de um material literário selecionado com todo o cuidado. Os recursos criativos farão com que o conto seja destacado pelos seus princípios. Quando o conto passou a ser escrito, o contador adquiriu mais funções “de contador-criador-escritor, afirmando, então o seu caráter literário” (GOTLIB, 2004, p. 13).

O conto literário se caracteriza não apenas pelo aspecto estético como também pelas vozes que o expressam. A primeira sendo do escritor, que o faz dentro da perspectiva da arte do conto. Enquanto a outra voz se manifesta no narrador, aquele que emprestará sua voz, seu corpo, seus gestos, para transmitir ao seu interlocutor todo o sentimento e mensagem do texto.

A respeito da estrutura, o conto herda de outros gêneros como a novela e o romance as principais características: “a economia do estilo e a situação e a proposição temática resumidas” (GOTLIB, 2004, p. 15).

Não existe um consenso sobre o conceito de conto em vários países. Na França, com La Fontaine, o conto era visto como uma narrativa condensada como o conto popular, todavia a novela era uma narrativa mais extensa. Para os franceses, há uma distinção entre romance, novela e conto que é determinado pelo tamanho da narrativa. Esse conceito de romance, de novela e de conto também é visualizado aqui no Brasil.

Nos Estados Unidos, há o *short story*, narrativa curta, com características próprias. Há também *tale* e *sketch*. Este seria uma história descritiva e estática e aquele uma anedota mais extensa. E ainda aparece *yan* que seria uma anedota pequena em linguagem coloquial.

Pode não haver consenso com relação à estrutura do conto pelos povos, mas uma coisa todos reconhecem: não importa o que é, nem sua temática. O que importa é a forma como a história é contada.

2. 3. 3 Eis o conto maravilhoso: conceito

Os contos maravilhosos tiveram como precursores Charles Perrault com seus *Contos da mãe Gansa*, que ele ouviu do filho e por sua vez ouviu de uma ama e os irmãos Grimm que registraram contos maravilhosos na obra cuja tradução é *Contos para crianças e família*, em 1812.

O conto maravilhoso, segundo Jolles (1976), não pode ser concebido sem o elemento “maravilhoso” que lhe é imprescindível. Os elementos desse conto como personagens, tempo e espaço não são explicitamente determinados. A história se passa num tempo e espaço indefinidos e os personagens se mostram fiéis aos acontecimentos ali retratados, sem preocupação de agir numa visão pré-existente.

Discernir o conto da novela não é uma atividade difícil. Para os estudiosos, o que torna o conto maravilhoso tão estimado é sua fluidez, sua facilidade de compreensão que mesmo sendo transmitido oralmente ou por escrito não perde sua essência. Tais aspectos justificam como maravilhoso.

A novela, para Jolles (1976), corresponde ao que chamamos hoje de conto literário, ou seja, possui uma solidez, uma peculiaridade e uma unicidade, que é baseada em um acontecimento marcante que procura retratar uma parcela da realidade. Entretanto o conto maravilhoso pode ser contado e recontado sem perder seus fundamentos, o conto literário será sempre um novo conto a cada leitura/audição. Por outro lado, Propp (1978, p.144), em seu livro *A morfologia do conto*, afirma que:

Podemos chamar de conto maravilhoso, do ponto de vista morfológico, a qualquer desenrolar de ação que parte de uma malfeitoria ou de uma falta [...], e que passa por funções intermediárias para ir acabar em casamento[...] ou em outras funções utilizadas no desfecho.

Para Propp, as funções representam as ações praticadas por diversos personagens e de formas variadas. Isto é, as mesmas funções são repetidas em contos distintos por personagens também distintos.

Os contos maravilhosos são reconhecidos por funções, que Propp (1978) elenca 31 (trinta e uma), como por exemplo: a ausência, a ordem, o engano, a salvação e a punição. Tais elementos aparecem nos contos maravilhosos dando-lhes uma identidade.

Quanto aos personagens, Propp (1978) consegue classificar sete: o antagonista, o doador, o auxiliar, a princesa e seu pai, o herói e o falso herói. Esses tipos de personagens enveredam pelos caminhos das histórias encantando e despertando sonhos.

Sendo assim, a extensão tem menor relevância para determinar que um texto seja conto maravilhoso ou contrário. Segundo Propp (1978), o que determina o conceito deste gênero textual é a presença das *ações e personagens constantes*. As *unidades estruturais*, como o autor chama, conseguem interagir entre si e se comunicam com o texto como um todo dando significância à história.

O conto passa por transformações provocadas pela vida real, contudo as mudanças não alteraram as unidades estruturais que compõem o conto maravilhoso.

O gênero textual escolhido para desenvolvimento desta pesquisa, conforme relata Gotlib (2004), perpassa por transformações que Propp (1978) nomeia como *forma fundamental*, associado às origens nos cultos religiosos e as *formas derivadas* nas quais envolvem a realidade de onde o conto foi produzido e os aspectos culturais daquele povo.

O conto, assim como outros textos seculares, sofre mudanças significativas ao longo da história. De acordo com Gotlib (2004, p. 23):

Propp conclui que há vinte casos de transformações de elementos do conto fantástico, que se fazem ou por *alteração* da forma fundamental, reduzindo, deformando, intervendo, intensificando ou enfraquecendo as ações das personagens; ou por tipos de substituições e assimilações.

Com relação à origem do conto, há duas fases. Uma primeira evolução do conto aconteceu na pré-história em que o conto, o mito e o rito se entrelaçavam criando a ideia de que seria um só.

Nos tempos primórdios, os sacerdotes contavam histórias para justificar suas atitudes. Segundo Propp (1978), o relato já faz parte do cerimonial, do rito, está vinculado a ele e à pessoa que passa a possuir o amuleto.

O relato era a parte fundamental da cerimônia religiosa. Qualquer integrante da tribo poderia relatar, no entanto, como o ato de narrar envolvia o conhecimento mágico, poucas pessoas poderiam fazê-lo.

Num segundo momento, o conto se desprende da esfera religiosa, ou seja, deixa de ser narrado pelos mais velhos ou sacerdotes e passa a ser contado por qualquer pessoa da comunidade. Dessa forma, o conto passa a ter uma ligação com o folclore ganhando novos aspectos.

O conto maravilhoso para Propp contém “elementos que remontam a fenômenos e representações existentes na sociedade anterior às castas” (GOTLIB, 2004, p.25)

Portanto, na visão de Propp (1978), o conto maravilhoso teve sua origem no passado remoto, durante os cultos religiosos nos quais os relatos eram importantes. Assim, o conto se confunde com o rito e o mito nas cerimônias, todavia vai adquirindo novas técnicas com o passar do tempo e se separa da religião.

2. 4 CONSIDERAÇÕES SOBRE AUTOR E OBRA ESCOLHIDA

A visão de leitura como decodificação dos textos é um processo muito mais fácil que promover o letramento literário. Este exige mais tempo tanto para planejar como para executar as ações que contribuirão com a formação de leitores do Ensino Fundamental. A decodificação é praticamente o que a escola consegue fazer já que seu tempo para leitura é escasso e impreciso.

Com o auxílio do conto maravilhoso, gênero textual escolhido para compor este trabalho, sugerimos atividades que envolvem o letramento literário e que a escola pode optar para suscitar leitores conscientes de sua competência leitora nas práticas pedagógicas e na sociedade.

O conto maravilhoso é um texto que desperta o interesse dos alunos do sexto ano, público-alvo desta pesquisa, por se tratar de um universo com personagens que envolvem o mundo fictício ainda aflorado na imaginação deles.

Esse gênero textual surgiu há séculos, mas sua essência literária permanece e engrandece a arte de narrar. Pode-se recontar o mesmo conto de várias maneiras e até através de outros gêneros, contudo a alma da narrativa perdura e se impõe ao tempo.

Muitos escritores durante os séculos tiveram sua relevância para o surgimento, registro e valorização do conto maravilhoso como o francês Charles Perrault (XVII) os alemães Jacob Grimm e Wilhelm Grimm (XVIII) e outros.

Há muitos contistas célebres que compõem a história da literatura infantil no mundo, natural que haja dúvidas sobre qual escolher. Todos são maravilhosos. Entre tantos autores, Hans Christian Andersen (1805-1875) foi selecionado por seu engajamento social e político, além da grande sensibilidade e talento para contar as mazelas humanas através da ficção, como é possível perceber em seus contos: “A Pequena Sereia”, “A Roupas Nova do Imperador”, “O Soldadinho de Chumbo”, “A Polegarzinha”, “A Princesa e o Grão de Ervilha”, “A Rainha da Neve”, que inspirou o filme da Disney “Frozen”, lançado em 2013, e outros contos.

Para Sandroni (2019), Andersen tinha empatia pelos pobres e excluídos o que torna seus contos atuais. Pois, o que ele escreveu tem uma ligação com sua própria realidade e sensibiliza pela temática e pela forma como é contada.

Andersen nasceu na cidade de Odense, na Dinamarca. Sandroni (2019) salienta que o contato

do escritor com o conto se deu desde cedo, apesar das restrições por ser de origem humilde. A sua dura realidade, afirma Coelho (1991, p. 148), tornou-o “escritor que se preocupou essencialmente com a *sensibilidade* exaltada pelo Romantismo, e em suas estórias tratou-a de maneira terna e nostálgica, Andersen acaba se transformando em um dos mais famosos escritores para crianças, em todo o mundo”.

Andersen produziu seus contos a partir “da *literatura popular* conservada pela tradição oral ou em manuscritos, e da *vida real* que se oferecia aos seus olhos” (COELHO, 1991, p. 150). O que marca a obra de Andersen é a presença de figuras do cotidiano que, por vezes, são oriundos do mundo real do próprio Andersen.

O pai contava-lhe as histórias de *As Mil e Uma Noites* e brincavam com teatro de fantoches. Em outros momentos, Andersen se surpreendia com as histórias do folclore dinamarquês narradas pelos idosos do asilo onde sua avó trabalhava. A mãe, Anne Marie, contava-lhe suas tristes histórias da infância em que fora obrigada pelos pais a sair pelas ruas congeladas pedindo esmolas.

A apreciação pelas histórias surgiu com a família, na infância, mesmo num ambiente de privações e pobreza. Nos mostra também o quanto a família é fundamental nesse processo de leitura. O despertar para a leitura começa na família, depois cabe à escola aprimorar e ampliar a competência leitora do indivíduo.

O falecimento do pai, sapateiro, que se chamava Hans Andersen, tornou a vida da família mais difícil, pois nosso escritor Andersen tinha apenas onze anos.

Quando sua mãe, que trabalhava como lavadeira, se casou pela segunda vez, Anderson se sentiu excluído, solitário. A partir desta experiência começou a escrever pequenas histórias e peças teatrais. Chegou, ainda adolescente, a pertencer e viajar com uma companhia de teatro e continuou escrevendo peças.

Embora soubesse ler e escrever, frequentou por mais seis anos uma boa escola, em Odense. Porém, não teve vida feliz porque, como era magro, alto e desajeitado, sentia-se constrangido diante dos colegas e, com isso, tinha poucos amigos.

É possível perceber a semelhança entre a vida do escritor e sua obra, mais especificamente no conto “O Patinho Feio”. Um patinho nasce diferente dos irmãos e sofre com sua aparência. Nem mesmo os mais próximos o aceitavam, achavam-no feio, desengonçado até descobrirem que ele não era um pato, mas um lindo cisne.

As histórias apresentadas refletem a vida do escritor mesmo que tenham passado por adaptações através dos tempos e nas línguas que foram traduzidas. Andersen criou suas histórias a partir do folclore nórdico que perpassaram os séculos e continuam sendo amadas e admiradas por crianças e por adultos. Não importa a história, o que importa é a forma como se conta para

sensibilizar o leitor.

A realidade vivida, narrada na sua obra, mostra que a literatura não se distancia da vida de quem produz, portanto também não deve ficar distante da vida de quem a acolhe, precisa ser significativa para o leitor.

Através do conto de Andersen “O Patinho Feio” pretendemos mostrar como o conto maravilhoso pode contribuir para a formação do leitor literário. As atividades foram organizadas e aplicadas por meio da Sequência Básica apresentada por Cosson (2021 c). Pois, julgamos ser esta atividade viável para a realidade dos professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental.

Andersen criava suas histórias a partir do que ouvira e do que vivera, pois, sua intenção era sensibilizar o leitor.

No confronto constante que Andersen estabelece entre o poderoso e o desprotegido, o forte e o fraco, mostrando não só a injustiça do poder explorador, como também a superioridade humana do explorado, vemos a funda consciência de que todos os homens devem ter direitos iguais (COELHO, 1991, p. 151).

A obra de Andersen continua sendo lida, estudada e admirada porque o autor “escreveu com ternura, sem pieguices e, realista que foi, não omitiu os traços da violência que parecem inerentes à vida” (COELHO, 1991, p. 150).

No Brasil, há registros de que os contos de Andersen chegaram por aqui ainda no século XIX, em língua francesa. Mas, ainda no século XIX, já no final, os contos foram traduzidos para a língua portuguesa do Brasil. E em 1915, na cidade de São Paulo, inauguraram a Biblioteca Infantil com o lançamento do livro “O Patinho Feio” com a intenção de ampliar o mercado de livros infantis no país.

A explanação sobre Andersen nos sensibiliza e confirma sua importância para o cenário da literatura infantil no Brasil e no mundo. O seu público, as crianças, foram as privilegiadas por encontrarem um autor autêntico, humanista e muito talentoso que retrata a realidade de forma menos doloroso e sofrida. Como descrito por Coelho (2011, p. 17):

Andersen, optando por falar principalmente para as crianças (seres em formação que dirigiriam o mundo futuro), encontrou, como nenhum outro, a fórmula de unir as Ideias ao Viver espontâneo, não só dos humanos, mas de todos os seres (animados ou inanimados) do universo.

Andersen tem seu lugar de destaque na literatura, sua obra é resultado do diálogo travado com textos orais e escritos cujo contato se iniciou na infância, sob influência da família. Em consequência, as experiências literárias que ele viveu hoje instigam a imaginação e a criatividade de pequenos e grandes leitores literários.

3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO:

3.1 METODOLOGIA

O presente estudo tem uma abordagem qualitativa de pesquisa cujas características mais se aproximam para investigar fenômenos educacionais: “[...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (BOGDAN; BIKLEN, 1982 citado por LÜDKE; ANDRÉ, 2015, p. 14).

O ser humano sempre buscou explicações para entender os vários fenômenos ao seu redor. Para Minayo (2007) “a ciência é a forma hegemônica de construção da realidade, considerada por muitos críticos como um novo mito, por sua pretensão de único promotor e critério de verdade”.

A ciência sempre desempenhou um papel importante na sociedade. Contribuiu significativamente para o progresso da humanidade, para sua formação e para a preservação de vidas. Através de pesquisas, novos rumos podem ser traçados para beneficiar a humanidade em seus variados aspectos.

Dessa forma, Minayo (2007, p.16) explica que pesquisa é “a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo”. Enquanto, Gil (2008, p. 26) comenta: “Pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Corroborando com os autores supracitados, Lüdke; André (2015), explanam sobre a abordagem qualitativa, sua relação e como os dados da pesquisa são analisados. Nesse sentido, “Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima” (LÜDKE; ANDRÉ, 2015, P. 14).

Minayo (2007) diz que a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Por isso que o estudo de dados não se limita apenas à identificação do problema, mas às razões que o levaram a existir. Pretende-se com a abordagem qualitativa dos dados explicar, discutir e, em seguida, em se tratando de uma pesquisa aplicada (GIL, 2008), apontar caminhos viáveis que possam, ao menos, atenuar as dificuldades observadas.

A pesquisa que propomos pode ser classificada como participativa, do tipo intervenção pedagógica, pois tem carácter aplicado.

As pesquisas do tipo intervenção pedagógica são aplicadas, ou seja, têm como finalidade contribuir para a solução de problemas práticos. Elas se opõem às pesquisas básicas, que objetivam ampliar conhecimentos, sem preocupação com seus possíveis benefícios práticos (DAMINI et. al., 2013, p. 58).

A pesquisa participativa tem como ponto de partida o pesquisador, que identifica o problema e propõe estratégias para sua resolução.

Nas pesquisas interventivas, é o pesquisador quem identifica o problema e decide como fará para resolvê-lo, embora permaneça aberto a críticas e sugestões, levando em consideração as eventuais contribuições dos sujeitos-alvo da intervenção, para o aprimoramento do trabalho (DAMINI et. al., 2013, p. 60).

Com essa pesquisa participativa com intervenção pedagógica, pretende-se contribuir com as práticas de ensino-aprendizagem, contribuindo dessa maneira para o enriquecimento do trabalho do professor, em especial no ensino de literatura.

3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PÚBLICO-ALVO

A escolha da turma sucedeu, principalmente, porque desenvolveríamos o trabalho com a disciplina de Língua Portuguesa no decorrer deste ano letivo. Assim, aplicaríamos as atividades, já mencionadas neste estudo, sobre como o ensino de literatura pode auxiliar no letramento literário. Conseqüentemente, poderíamos prosseguir com essa proposta no restante das unidades letivas, dando mais ênfase e colaborando para que o aluno adquira um novo olhar e uma nova forma de agir durante o processo de leitura.

A prática de intervenção pedagógica ocorreu em uma turma de sexto ano, de uma escola pública, com trinta alunos, sendo quinze meninas e quinze meninos cuja idade varia entre 10 e 12 anos.

Portanto, é necessário esclarecer que para ser matriculado nesta escola, o aluno tem que passar pelo processo de sorteio eletrônico organizado pelas secretarias de Educação e de Segurança do estado. As inscrições são feitas pela internet, no início de janeiro, e em meados deste mesmo mês acontece o sorteio para as vagas, em Salvador, na presença de várias autoridades civis e militares.

Após a divulgação dos nomes dos contemplados em listas expostas na escola e pelos meios de comunicação, os pais ou responsáveis se dirigem à secretaria do colégio a fim de efetuarem a matrícula do estudante.

Já na primeira semana de fevereiro, esses alunos novatos participam de uma semana de adaptação no turno que vão estudar, ou seja, no vespertino. Chegam, geralmente, assustados,

inseguros, temerosos com a nova realidade que se inicia com o fardamento diferente dos outros alunos como calça jeans escura, blusa branca de malha e tênis preto. Os meninos se apresentam com cabelo bem curto e as meninas com suas madeixas presas num coque perfeito sem desalinhos. Durante esse período, eles têm contato apenas com os militares que passam as instruções sobre o colégio, o regimento interno, símbolos nacionais, aprendem a cantar diversos hinos como o da Independência, o da Bandeira e o do colégio. Também, os novatos recebem instruções sobre os pelotões do colégio e são orientados a fazer parte de um deles seja a banda de música, a Companhia de Fuzil ou o pelotão Guarda-Bandeira. Além disso, tem a opção de participarem do coral da escola que já recebeu vários prêmios não só estado da Bahia, como também em outros estados.

No início das aulas, no vespertino, os alunos são encaminhados para a quadra coberta onde recebem instruções, depois se dirigem ao espaço que funciona como refeitório para lanchar por quinze minutos. Geralmente, recebem frutas neste momento, enchem as garrafas de água e vão para a sala aguardar o professor. A partir deste momento, a turma vai assistir seis horas/aulas de quarenta e cinco minutos cada.

No intervalo, os alunos se dirigem ao refeitório para receberem a merenda escolar que dispõe de um cardápio variado que atende ao gosto dos estudantes a julgar pelo tamanho da fila que se forma todos os dias. Muitos deles, mesmo trazendo de casa sua própria merenda, vão degustando esse alimento tranquilamente enquanto estão na fila. Ao terminarem de merendar, eles ficam livres para visitar qualquer espaço da escola.

Os alunos da turma selecionada são oriundos de bairros diversos da cidade com condição social variante. Todavia, o que nos chamou a atenção foi que um dos alunos mora numa cidade vizinha a mais de 45 quilômetros de distância. Sempre manteve o rosto feliz fazendo todos os dias o mesmo trajeto cansativo, tornando, pois, seu tempo de descanso e de estudo menor do que devia.

A grande maioria da turma utiliza o transporte particular (Van) para se deslocar de casa para escola, por várias razões, entre elas cumprir o horário de entrada exigido pela escola. Os demais alunos chegam à escola no transporte da família e retornam da mesma forma.

É uma turma que realiza as atividades escolares com assiduidade, muito participativa que acaba exigindo do professor um controle e organização para garantir o direito de fala de todos que solicitam. Em contrapartida, há um grupo menor que, por timidez, não se sente à vontade para se expressar oralmente, no entanto, quando solicitado, respondem baixinho e com poucas palavras. Quando recusavam participar das atividades, sua posição é respeitada para não causar constrangimentos.

Dos trinta alunos desta turma, vinte e seis vieram de escola particular e apenas quatro estudaram em escola pública. Esse dado revela que o poder aquisitivo dos integrantes desta turma é

razoável. Talvez, não pela família pertencer a um estrato social privilegiado, mas porque seus membros estão inseridos no exaustivo mundo do trabalho para dar dignidade para seus familiares.

Os alunos desta turma de sexto ano moram com seus pais (incluindo padrastos) e irmãos. Apenas um caso ou outro que o estudante mora com a mãe, os irmãos e a avó materna.

São meninas e meninos alegres, empolgados e carinhosos que muito contribuíram, cada um do seu jeito, com esta experiência literária. Cada olhar, sorriso, palavra e gesto foram significativos na construção de novos saberes e de novas vivências de leitura.

3.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O LOCAL

A proposta de intervenção foi desenvolvida numa escola pública de Vitória da Conquista, no interior da Bahia. Este colégio foi fundado sob o Decreto nº 9.883 Diário Oficial de 21 de fevereiro de 2006 e está localizado num dos bairros mais populosos da Zona Oeste da cidade.

Desde sua criação, este é o colégio público mais procurado da cidade, pois apresenta uma organização peculiar que proporciona muita disciplina, respeito e interesse pelos estudos. Mesmo que o acesso seja através de sorteio eletrônico, muitos pais confiam na proposta de ensino desta instituição.

A equipe pedagógica administrativa é composta pela diretora, três vice-diretoras e duas coordenadoras pedagógicas. A diretora pedagógica, juntamente com as vices, reveza numa escala de forma que fique, pelo menos, duas em cada turno para atender aos pais, professores, alunos e realizar as demandas pertinentes ao cargo. Para manter os docentes atualizados sobre o funcionamento e informá-los sobre algumas particularidades, a direção utiliza, a depender da necessidade, rápidos momentos do intervalo, lista de transmissão via aplicativo de mensagem, como por exemplo, toda segunda-feira a agenda da semana é passada para os professores, atendimento individualizado na sala da direção. E, por fim, ao menos duas vezes por ano, se realiza reuniões gerais para avaliar e traçar novos encaminhamentos para o bom funcionamento da escola.

Além disso, o colégio dispõe de duas coordenadoras, formadas em Pedagogia, que estão presentes nos seus turnos de trabalho, de segunda a sexta. Uma coordenadora trabalha no matutino com 20 horas semanais. A outra coordenadora pedagógica exerce sua função com 40 horas semanais, ou seja, ela dá atendimento nos turnos vespertino e noturno. Semanalmente, elas se reúnem com os professores por área do conhecimento, numa reunião de AC (Atividades Complementares). As duas coordenadoras trabalham em turnos diferentes, mas percebe-se uma sintonia nas atividades desenvolvidas e resolvidas por ambas. Todas têm conhecimento do que ocorre na escola em qualquer turno e sempre as decisões são feitas em consenso e partilhadas com a diretora e vice-diretoras.

O corpo docente é formado por quarenta e dois professores efetivos, na sua maioria com quarenta horas semanais na própria escola. Os docentes que não são concursados (cinco) pertencem ao Regimento Especial de Direito Administrativo (REDA) e chegam à escola via NTE (Núcleo Territorial de Educação) conforme solicitação da direção pedagógica a este órgão. A respeito da formação, entre os efetivos, alguns fizeram a especialização *lato sensu*, a maioria está estudando ou já concluiu a pós-graduação *Stricto Sensu* (mestrado e doutorado). Quase todos foram ou são alunos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

A escola conta com uma estrutura física com boas condições que favorecem o desenvolvimento do trabalho pedagógico e o bem-estar dos 1.154 alunos. Essa realidade é o resultado, em primeiro lugar, de uma conscientização permanente que a direção faz junto aos alunos para eles preservarem aquele espaço, segundo lugar, a escola exige reparação da família caso o estudante danifique algum bem, conforme regimento da unidade escolar e assinatura do termo correspondente no ato da matrícula, e, por fim, há um trabalho de manutenção que é exercido por um servidor público exclusivo para esta função.

O primeiro pavilhão compreende em sua estrutura: sete salas de aula (equipadas com mesas, cadeiras, Smart TV, ar condicionado e câmera), um laboratório de Ciências que funciona, principalmente com alunos do Ensino Médio, a sala do SOPAS (Serviço de Psicologia e Assistência Social), secretaria, sala da coordenação, sala dos professores, banheiros para os alunos e alunas, banheiros para os servidores e servidoras, mecanografia, depósito de merenda, cozinha, copa e um pátio que serve como refeitório onde os alunos costumam merendar. Alguns distribuídos nas dez mesas com bancos acoplados que cabem seis pessoas sentadas, enquanto os demais alunos se espalham pelos outros ambientes da escola, com exceção da sala de aula. A recomendação para não lanchar na sala se deve não só para mantê-la limpa e organizada até o último horário, mas também para evitar outros transtornos.

Ao lado desse pavilhão encontra-se o estacionamento, o auditório recém-construído com capacidade para cem pessoas, com rampa de acesso, portas o portão principal de entrada e um pequeno jardim. Ao fundo, há um centro de atletismo, uma pequena quadra de terra para prática de vôlei, uma quadra com grama sintética foi concluída ano passado (dois mil e vinte e dois) para o futebol *society*. Está em construção, nesse local, já em fase de acabamento, os vestiários que serão utilizados pelos alunos durante as aulas de Educação Física e nas práticas de esportes.

A caminho do segundo pavilhão situa-se um quiosque muito disputado pelos alunos durante o intervalo, a quadra poliesportiva coberta, um depósito de material esportivo, uma sala de aula sem muito garbo e o estacionamento de bicicletas. Importante ressaltar que há um piso tátil direcional do primeiro para o segundo pavilhão para facilitar a locomoção dos alunos com deficiência visual

embora não haja matrícula de aluno com esta necessidade.

No segundo pavilhão, existem oito salas de aulas com mesma estrutura das salas do primeiro pavilhão, banheiros femininos e masculinos para alunos, inclusive há banheiros adaptados, sala da banda de música da escola, banheiros para os funcionários e um pequeno alojamento. A biblioteca da escola fica na entrada deste pavilhão e nela funcionava também a sala de informática que foi desativada porque os computadores, embora ainda estejam por lá, não funcionam adequadamente.

O colégio possui uma biblioteca com um acervo considerável que foi montado através não só de programas federais que enviaram livros paradidáticos, como também a doação de obras pela comunidade escolar e pela UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia). Neste ambiente há mesas e cadeiras, porém em número insuficiente porque não comporta uma turma inteira. Uma funcionária reveza entre os três turnos para atender a demanda dos leitores da escola através do empréstimo de livros para alimentar e ampliar o hábito de leitura.

Os professores de Linguagens, especificamente de Língua Portuguesa, são orientados, pela coordenação, a usarem os livros da biblioteca da escola para desenvolver práticas de leitura em sala de aula durante cada unidade. Geralmente, esta ação transcorre no Ensino Fundamental e cada professor se responsabiliza em planejar e executar as atividades em suas respectivas turmas.

Assim, a escola pretende fazer com que os alunos tenham a oportunidade de adquirir novos saberes, aumentar suas experiências literárias e manter o hábito da leitura. Ademais, conhecer e ler o acervo da biblioteca é vivenciar tudo isso sem custo algum.

3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

O desafio de trabalhar com a literatura para formar leitores críticos e ativos na sociedade exige uma postura diferente daquela que costuma ser abordada em sala de aula. Como aponta Colomer (2007), “a escola precisa levar o aluno a ler literatura mais do que a saber literatura”. Acreditamos que, para obter resultados satisfatórios, a escola urge rever as concepções e as práticas com relação ao ensino de leitura, especificamente, a do texto literário.

Entre vários teóricos presentes, neste trabalho, destacamos Cosson (2021 c) no seu livro *Letramento literário: teoria e prática*, ele sugere algumas sequências didáticas para ampliar o trabalho do professor com o texto literário. O autor apresenta duas sequências: a básica e a expandida.

Para este trabalho, foi escolhido a primeira sequência, pois sua estrutura se aproxima da realidade do público-alvo desta pesquisa. Por outro lado, a sequência expandida exige um pouco mais de amadurecimento para o desenvolvimento das etapas, por isso o próprio autor aconselha

aplicá-la em turmas do Ensino Médio.

A sequência básica idealizada por Cosson (2021 c), e que aparece no livro supracitado, contém quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Nas palavras do autor, a **motivação** prepara o leitor para receber o texto, pode ser integrada a uma atividade de leitura, escrita e oral, já que tais modalidades são importantes para a prática do ensino de língua materna, mostrando que literatura e língua portuguesa podem caminhar juntas. É importante nesse primeiro passo o controle do tempo, que não deve ultrapassar uma aula (COSSON, 2021 c).

A **introdução** é a apresentação do autor e da obra que não deve ser longa, nem tornar a aula expositiva com detalhes que só interessam a pesquisadores. Importante que as informações sejam básicas sobre o autor e sobre aquele texto. É interessante que o professor justifique a escolha da obra, falando também da importância dela para aquele momento. Se possível, o autor, sugere a apresentação da obra física: a capa, a orelha e outras partes que compõem o livro. Isto é, uma leitura do livro, das possíveis ideias expressas pelo título da obra que será analisada. Também o tempo para essa etapa não pode ser extenso, pois o objetivo é deixar que o aluno faça outras incursões na materialidade da obra (Cosson, 2021 c).

No terceiro passo está a **leitura** da obra ou acompanhamento por parte do professor, cujo intuito será de auxiliar nas dificuldades e não fiscalizar a leitura. Caso a obra seja grande, o professor pode criar momentos, que Cosson (2021 c) chama de “intervalos”, em que o aluno apresenta resultados de sua leitura que pode ser através de conversa ou atividades mais direcionadas. Os intervalos podem ser “negociados” com a turma e servem para o professor identificar as dificuldades dos alunos com o vocabulário e com a estrutura composicional do texto e outros problemas e realizar intervenções para a melhor compreensão da obra.

Por último, temos a **interpretação** que, nas palavras de Cosson (2021 c, p.64), é “parte do entretencimento dos enunciados que constituem as inferências, para chegar à construção de sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve o autor, leitor e comunidade.” Para que isso ocorra, Cosson (2021 c) propõe dois momentos nesta etapa de interpretação: um interior e outro exterior. O momento interior é o “encontro do leitor com a obra” (Cosson, 2021 c, p. 65) sem interferência de qualquer atividade pedagógica. É o momento em que aluno demonstrará sua experiência com a leitura, perceberemos a força do texto literário que o fez “se encontrar (ou se perder) em seu labirinto de palavras”. (COSSON, 2021 c, p. 65). No momento exterior é a hora de partilhar e ampliar os sentidos do texto literário na comunidade, na partilha de ideias com os colegas. Assim, o aluno descobrirá que faz parte de uma coletividade, uma comunidade de leitores que contribui com a ampliação da sua competência leitora. A externalização da leitura deve ser feita através de um

registro que pode ser um tipo de texto que corresponda à idade e série do aluno como: dramatizar trechos, produzir diário anônimo, colagens, júri simulado (COSSON, 2021 c).

3.5 PROPOSTA DE SEQUÊNCIA BÁSICA

Na primeira aula, os participantes serão conduzidos para um passeio na biblioteca da escola onde poderão manusear os livros e participar de uma roda de conversa sobre suas experiências ou não com a leitura. Em seguida, responderão a um questionário, primeiro instrumento adotado para colher os dados de campo e traçar o perfil do leitor. O preenchimento de tal questionário não será obrigatório, também poderá ser respondido de forma parcial pelo participante.

Antes de iniciar a Sequência Básica, cada participante receberá um caderno (de matéria única), pautado e com capa personalizada que será o Diário de Bordo, outro instrumento de coleta de dados para este trabalho.

Nesse diário, o aluno será motivado a escrever as suas experiências de leitura: comentários, ideias, descobertas, questionamentos. Poderá também fazer colagens ou desenhos sobre as leituras realizadas. Levando em consideração o tempo, o espaço e outros contratempos, a confecção desses registros poderá acontecer em um ambiente tranquilo, de acomodação: a casa do aluno.

No mesmo dia de visita à biblioteca da escola e preenchimento do questionário, o aluno será motivado para que em casa responda ao Registro I, do diário de bordo.

Ao término deste trabalho, os diários serão recolhidos para a coleta e análise de dados conforme autorização e indicações do Comitê de Ética da Universidade. Em nenhum momento nome ou dados das pessoas que contribuíram com este trabalho serão expostos.

A intervenção pedagógica acontecerá a partir de um modelo de sequência didática idealizada por Cosson (2021 c), a sequência básica. Essa sequência tem uma metodologia específica cujo intuito é a prática do letramento literário, isto é, uma alternativa viável para o desenvolvimento de atividades de literatura na escola.

Em sala de aula, a Sequência Básica se inicia com a leitura e comentário do poema *Diversidade* de Tatiana Belinky. Em outra aula, apresentaremos alguns livros de contos de Andersen, faremos um breve comentário sobre o escritor e o gênero textual conto maravilhoso. Depois, segue a motivação para o Registro II, do diário de bordo.

Após a leitura do conto “O Patinho Feio”, esclarecimento de dúvidas sobre o texto, abre-se o espaço para os comentários sobre o conto lido: sua estrutura e elementos da narrativa, sem intenção, neste momento, de estender para uma interpretação crítica que ocorrera um outra ocasião. Por fim, o participante será motivado a fazer atividades que envolvam desenho e a produção textual,

que estará no Registro III, do diário de bordo.

A última etapa da sequência é dividida em duas partes. Na primeira parte, o participante apresentará a atividade proposta que é a inserção de um novo personagem na história acompanhada de um texto explicativo sobre a escolha. Na segunda parte desta etapa, uma entrevista será elaborada, por duplas, para o suposto protagonista do conto “O Patinho Feio” que supostamente também responderá. Concluindo, em outro dia, com a apresentação/dramatização das entrevistas pelas duplas que aceitarem expor para a turma o texto elaborado.

Para finalizar, será feita a avaliação das atividades de literatura, em um espaço de duas horas/aulas de 45 minutos cada. A avaliação será escrita, conforme Registro V, fixado no diário de bordo e depois socializada por quem desejar.

Nesta etapa também será informado aos alunos sobre a criação do Clube de Leitura do Sexto Ano que funcionará na II e III unidades do ano letivo de 2023 como continuidade do trabalho com leitura, já que a regência da turma está sob nossa responsabilidade. Aproveitando o acervo da biblioteca da escola, em cada unidade, um livro será escolhido para ser lido e, conseqüentemente, haverá momentos de conversa sobre a obra e outras atividades interessantes que possam incentivar a leitura e a partilha das experiências literárias.

Agora, segue a descrição da sequência básica que organizamos para aplicar na turma com o conto maravilhoso “O Patinho Feio”, de Hans Christian Andersen.

Tabela II- SEQUÊNCIA BÁSICA

SEQUÊNCIA BÁSICA
<p>Objetivo geral:</p> <ul style="list-style-type: none">• Despertar, através do texto literário, a autonomia para a construção de sentidos, ampliando seu conhecimento e contribuindo com sua formação como leitor pertencente a uma comunidade de leitores.
<p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none">• Desenvolver o gosto pela leitura de textos literários, especificamente contos maravilhosos;• Promover a leitura de contos maravilhosos que leve a compreensão dos sentidos possíveis do texto e as relações que ele estabelece com outros textos e com a própria vivência;• Ler contos maravilhosos, reconhecendo suas características, sua linguagem, sua função sociocomunicativa.

Recursos:

- Datashow, internet, notebook, papel A3, papel sulfite, lápis de cor, canetas coloridas, caderno de uma matéria, textos xerografados, livros de contos, fita adesiva, caderno brochura (Diário de Bordo).

O PATINHO FEIO

ETAPA	DESCRIÇÃO	QUANTIDADE DE AULAS
MOTIVAÇÃO	<ul style="list-style-type: none">- Acolhimento da turma pela professora;- Distribuição do poema de Tatiana Belinky “Diversidade”, xerografado;- Arrumação da sala em círculo;- Procedimentos para a leitura dos diários, Registro I, pelos alunos;- Leitura silenciosa do poema;- Leitura oral por um(a) aluno(a);- Conversa sobre o poema: Quando leram o título, o que pensaram? Quem poderia falar sobre o texto? As pessoas são como o poema descreve? Vocês concordam com os dois últimos versos?	1 aula
INTRODUÇÃO	<ul style="list-style-type: none">- Acolhida da turma pela professora;- Arrumação da sala em círculo;- Apresentação dos livros que contêm contos de Hans Christian Andersen;- Momento de manuseio e rápida leitura dos livros expostos na sala, pelos alunos;	2 aulas

	<ul style="list-style-type: none"> - Levantamento dos conhecimentos prévios sobre o gênero conto maravilhoso. A partir dessa investigação a professora faz brevemente um comentário a respeito do gênero; - Exibição da imagem de Hans Christian Andersen, no Data Show; - Conversa exploratória: Vocês sabem quem é este senhor? Já ouviram falar de Hans Christian Andersen? - Explicação sobre a biografia de Andersen pela professora de forma objetiva; - Orientações para a resolução do Registro II, do diário de bordo que deverá ser feito em casa. 	
LEITURA	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhida pela professora; - Arrumação da sala em círculo; - Procedimentos para a leitura do Registro II, do diário de bordo, pelos alunos espontaneamente; - A professora revela qual conto de Andersen será lido, “O Patinho Feio”, explora o título junto com os alunos; - Distribuição do conto xerografado para cada aluno; 	2 aulas

	<ul style="list-style-type: none"> - Incentivo para a leitura silenciosa; - Após esclarecimento de dúvidas, a professora faz a leitura oral dinâmica do conto de Andersen “O Patinho Feio”; - Exposição oral pelo aluno sobre a história identificando os elementos que compõem a narrativa e o gênero conto maravilhoso; - Orientações para resolução do Registro III, do diário de bordo, que deverá ser feito em casa. 	
<p>INTERPRETAÇÃO</p>	<p style="text-align: center;"><u>1ª PARTE</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Arrumação da sala em círculo pela professora; - Procedimentos para a leitura dos diários, Registro III; - Momento para os alunos tecerem comentários sobre o que foi lido e ouvido; - Orientação para que o aluno, em casa, num papel sulfite, desenhe ou cole a imagem de um novo personagem para o conto do patinho feio. Em seguida, ele deve recortar a imagem e colar no diário de bordo e escrever um pequeno texto justificando a escolha. - Arrumação da sala em círculo; - Exibição dos desenhos/colagem para os colegas da sala; 	<p>8 aulas</p>

- Momento, espontâneo, de partilha sobre o novo personagem que se encaixaria na história e a justificativa da escolha;

-Conversa, espontânea, sobre a experiência da produção do novo personagem: O que acharam desta atividade? Gostaram dos novos personagens?

2ª PARTE

- Acolhida da turma e conversa informal: Vocês sabem o que é uma entrevista? Como é que ela acontece?

- Exploração da função e da estrutura do gênero entrevista, com uso do quadro branco e pincel;

- Esclarecimento de dúvidas sobre o gênero;

- Orientações para a produção de uma entrevista com o protagonista do conto “O Patinho Feio”, conforme Registro IV, fixado no diário de bordo. Esta entrevista deverá conter 4 perguntas que apenas o protagonista poderá responder. Em seguida, a dupla responderá como se fosse o entrevistado.

- Esclarecimento de dúvida dos alunos pela professora;

-Divisão da turma em duplas para iniciar a atividade de produção textual;

	<ul style="list-style-type: none"> - Momento de apresentação da entrevista pelas duplas, sem obrigatoriedade; - Conversa informal sobre a atividade realizada. 	
AVALIAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Arrumação da sala em círculo; -Motivação para a resolução da ATIVIDADE V, do diário de bordo, que se refere às aulas de literatura propostas; -Momento de partilha, espontânea, das anotações; - Comentário da professora sobre a experiência de leitura que foi vivenciada e agradecimento pela atenção que todos deram à intervenção e às aulas de literatura; - Esclarecimento, pela professora, sobre a criação de um Clube de Leitura do Sexto Ano que deverá acontecer nas unidades seguintes como continuação do trabalho de leitura; - Momento de escuta e esclarecimento de dúvidas sobre o Clube de Leitura; - Recolhimento dos Diários de Bordo e momento de confraternização. 	2 aulas

Além dessa sequência básica do conto “O patinho Feio”, também se produziu uma sequência com o conto de Andersen “A Pequena Vendedora de Fósforos”. Um conto cuja história emocionante e provoca experiências surpreendentes. Este, no entanto, não foi possível aplicar pela extensão das atividades, porém fica como sugestão para promoção de aulas de literatura que poderão ajudar na

formação do leitor literário.

O material relacionado à sequência básica de “A Pequena Vendedora de Fósforos” pode ser encontrado nos Apêndices.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção serão apresentados e analisados à luz do referencial teórico-metodológico os dados coletados por intermédio da aplicação da proposta de intervenção.

Inicialmente, serão analisadas as informações contidas no questionário aplicado no primeiro encontro com a turma, em uma hora/aula de quarenta e cinco minutos. Essas informações são fundamentais para conhecermos um pouco o participante deste trabalho como leitor, de que forma ele interage com o texto literário, como ele tem acesso a estes escritos e quais frutos que a leitura gera em sua vida.

Num segundo momento, após essa análise, as atividades desenvolvidas na sala de aula, durante a proposta de intervenção, serão descritas e analisadas cuidadosamente. A intervenção foi elaborada a partir da proposta de Sequência Básica de Cosson (2021 c), trabalho pedagógico muito organizado que visa promover uma participação mais significativa do leitor para que este obtenha resultados satisfatórios durante o processo de leitura na escola.

Para desenvolvimento da sequência básica, o gênero textual escolhido foi o conto maravilhoso porque ainda faz parte do imaginário infantil e sua estrutura contribui para o desenvolvimento da criatividade e da imaginação. Mais especificamente, o escritor dinamarquês Hans Christian Andersen foi selecionado com seu conto “O Patinho Feio” por conseguir conciliar ficção e realidade de forma tão sensível e priorizar sua obra para as crianças.

Por último, faremos a análise dos registros nos diários que chamamos de “Diário de Bordo” cuja função e objetivos se assemelham a um diário de leitura, conforme explicitamos na Metodologia.

As anotações dos alunos poderão mostrar quais caminhos possíveis, através da literatura, que podem ser trilhados para que o letramento literário seja uma realidade dentro do espaço escolar.

4.1 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

4.1.1 Aplicação e objetivo

Na sequência básica descrita na seção Metodologia, este início ocorreria na biblioteca da escola, no intuito de fazer os participantes conhecerem esse espaço literário, já que são novatos. Entretanto, esse espaço precisou ser usado temporariamente para armazenamento dos livros didáticos do atual ano letivo, o que acabou inviabilizando o acesso ao local.

No primeiro dia deste trabalho, em sala de aula, a pesquisadora comentou sobre a proposta de intervenção e como ela seria desenvolvida naquela turma. Alguns participantes expressaram oralmente suas dúvidas, que foram prontamente esclarecidas.

Em seguida, o questionário xerografado foi apresentado à turma. Após a leitura, explicação de cada questão e elucidações das dúvidas, foi comunicado para os participantes que não havia obrigatoriedade para responder as interpelações escritas. Portanto, o participante poderia optar em não preencher ou fazer de forma parcial, caso não se sentisse à vontade com alguma das perguntas.

As informações coletadas permitiram o conhecimento do nível de envolvimento do participante com a leitura e suas vivências na escola e na família. Dessa forma, foi possível traçar um perfil da turma mostrando as consequências e as competências geridas durante o processo de formação como leitor literário até aqui processadas.

4.1.2 Questões propostas e análise

É interessante conhecer as particularidades do público que será alvo da intervenção para facilitar a compreensão e análise dos dados. O questionário visa evidenciar, resumidamente, alguns aspectos de suas práticas como leitor. Com o questionário, foi possível também não só conhecer as experiências de leitura dos participantes como também conhecer os empecilhos para vivenciá-las, principalmente com o texto literário.

Portanto, o questionário, com doze questões de múltipla escolha, foi aplicado aos trinta alunos que compõem a turma. Os participantes preencheram com atenção o questionário que possibilitou a aquisição de informações relevantes que servirão para análise *a posteriori*.

1. Gosta de ler?

A resposta deveria ser escolhida entre “Muito”, “Mais ou menos”, “Pouco” ou “Nada”. A pergunta foi bem direta e ampla para que o participante respondesse considerando toda sua experiência com os textos, independentemente de serem obras literárias ou não.

Gráfico 01



Gráfico elaborado pela pesquisadora, 2023.

O resultado da primeira pergunta mostra que 20% dos participantes gostam muito de ler, ou seja, a vivência com a leitura é mais constante e acessível para essas crianças. Já 73% dos alunos registraram que “mais ou menos”, indicando que apreciam ler, contudo não há uma perseverança no hábito de leitura. O mesmo acontece com os 7% dos alunos que assinalaram que gostam de ler, porém “pouco”, isto é, a leitura não é uma prática fundamental para eles.

Essas informações possibilitam entendermos que a maioria dos participantes tem uma relação regular, gostam, mas não são fiéis ou fascinados pela leitura a ponto de praticá-la com assiduidade.

Como a pergunta é genérica, eles podem estar pensando em leitura de livros, não reconhecem que há vários tipos de textos que permeiam o cotidiano e são essenciais para a vida em sociedade. Sobre isso, Cosson (2021 c, p. 38) relata que:

Os astrólogos leem as estrelas para prever o futuro dos homens. O músico lê as partituras para executar a sonata. A mãe lê nos olhos do rosto do bebê a dor ou o prazer. O médico lê a doença na descrição dos sintomas do paciente. O agricultor lê o céu para prevenir-se da chuva. O amante lê nos olhos da amada a traição. Em todos estes gestos está a leitura.

Desse modo, o autor nos lembra de que a leitura transcende a linguagem verbal, ela se manifesta nas diversas relações do ser humano com o mundo que o cerca. Por exemplo, para esses alunos, ler uma mensagem nas redes sociais, o itinerário do ônibus, a tabela com horário de aulas, a embalagem do salgadinho, o cartaz no mural da escola, a bula do remédio não são práticas de leitura. Infelizmente, devido a forma como lhes apresentam a leitura, o conceito desta acaba se restringindo ao ato de ler livros.

Mesmo que sejam crianças cujo processo de amadurecimento denota um tempo mais longo, com as atividades da intervenção, pretendemos ajudá-las a entender a leitura como um processo de

construção de sentido nos vários momentos de interação com outros indivíduos e com diferentes modalidades textuais.

2. Para você, a leitura é importante para sua formação?

Os alunos deveriam assinalar no “Sim” ou no “Não”. Mesmo que exija uma reflexão e até um certo amadurecimento sobre o conteúdo da pergunta, acreditamos que, pela experiência, o aluno detém um conhecimento que lhe permita respondê-la.

Gráfico 02

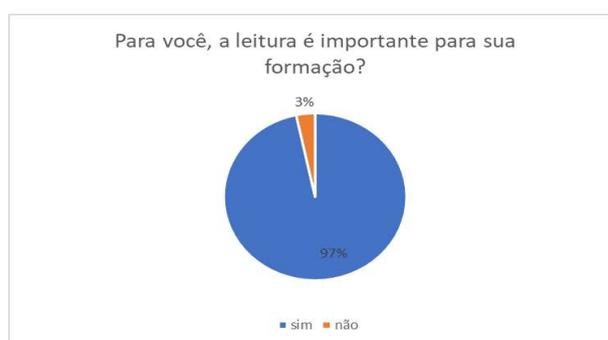


Gráfico elaborado pela pesquisadora, 2023.

De forma quase unânime, 97% dos alunos reconhecem a importância da leitura para a sua formação, porém apenas 3% da turma nega que o ato de ler pode contribuir para o seu desenvolvimento pessoal.

A quantidade de “Sim” indica que existe, nessa maioria, uma consciência de que o universo da leitura pode colocá-lo tanto na escola como fora dela. A configuração da leitura vivida na família e na escola leva o indivíduo a entender que esse processo pode afetar sua vida positivamente, transformando-o em um cidadão “preparado” para a sociedade.

Por outro lado, esse procedimento da família e da escola pode conter um viés diferente do que está sendo proposto neste trabalho. A educação literária para essas instituições, fundamenta-se no princípio de aquisição e desenvolvimento das competências linguísticas como: ampliação do vocabulário, aperfeiçoamento na escrita e na oralidade, desenvolvimento da criatividade e do raciocínio, entre outros. Não negamos a importância destas habilidades para o aluno, porém propomos que o texto literário seja utilizado na sala de aula, com planejamento, como instrumento que auxilie na construção de sentidos que leva ao conhecimento de si próprio e do mundo que o cerca.

A atitude do aluno de marcar o “Não”, revela que ele não compreende a leitura também como um ato presente no seu dia a dia quando está na padaria, no jogo de futebol com os amigos, numa loja para comprar alguma coisa. Ou seja, a visão de leitura é bem limitada ao livro, ao texto literário que ele, provavelmente, tem pouco contato e pouca vontade de interagir.

Logo, esperamos que as atividades de intervenção propostas criem uma consciência de que a leitura é imprescindível para a formação do ser humano. A respeito disso, Colomer (2007, p. 31) defende que:

É a partir deste valor formativo que se pode afirmar que o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a *formação da pessoa*, uma formação que aparece ligada indissolivelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem.

Portanto, a escola precisa rever o ensino de literatura, colocá-lo no âmbito formativo do indivíduo como um todo e não apenas para o desenvolvimento de aspectos linguísticos.

3. O que você costuma ler?

Foi permitido que assinalassem até duas respostas, pois, assim, ficaria evidente quais as leituras feitas com mais regularidade pelas crianças.

Gráfico 03

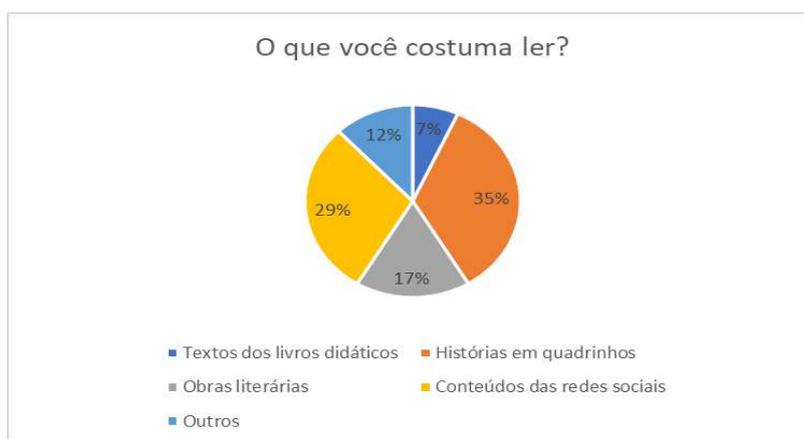


Gráfico elaborado pela pesquisadora, 2023.

Como mostram os dados acima, quando se trata do que os alunos costumam ler, os participantes puderam marcar mais de uma alternativa, gerando as seguintes informações: 7% costumam ler “Textos dos livros didáticos”; 35% costumam ler “História em quadrinhos” e 17%

leem “Obras literárias”. Na parte que envolve a tecnologia, 29% dos alunos apontaram a opção “Conteúdos das redes sociais”. Na alternativa “Outros”, 12% deles escreveram que normalmente leem “diários”, “biografias”, “mangás”, “livros sobre jogos”, “fanfic” e “ficção científica infantil”.

O despertar para as histórias em quadrinhos nos surpreendeu e despertou a curiosidade, já que julgávamos outro resultado, como os conteúdos das redes sociais. Para desvendar essa situação, viabilizamos uma conversa posterior com a turma da qual fez grandes revelações com relação à escolha das histórias em quadrinhos.

O acesso foi uma das razões para a escolha porque muitos alunos podiam pegar emprestado na biblioteca ou na sala de leitura da antiga escola ou de amigos e familiares. Também citaram que a família tem o costume de comprar em livrarias, bancas da cidade e até num mercadinho que fica às margens de uma rodovia numa cidade litorânea próxima. Alguns relataram, com carinho e emoção, que tinham herdado a coleção de gibis do pai e outros informaram que tinham acesso através da internet lendo em arquivo *pdf*.

Ademais, o hábito de leitura das histórias em quadrinhos advém das seguintes razões: segundo a turma, esse gênero é muito mais criativo, divertido, interessante porque possui frases curtas e muitos desenhos que atraem mais a atenção do leitor; os personagens preferidos estão nas HQs; o tempo passa mais rápido; a presença de heróis e personagens divertidos deixam a HQ na escala de preferência e também porque é mais fácil de imaginar a história lendo o gibi do que lendo os livros de linguagem verbal. Na visão dos alunos, os livros são formais e possuem um vocabulário que dificulta a imaginação.

Com todo esse relato, é notório perceber que há um esforço da família para incentivar o hábito de leitura, são ações positivas. Mas, e depois? Como essa leitura transpassa as fronteiras sociais do aluno?

Os diferentes gêneros e tipos de textos que os alunos estão acostumados a ler, são interessantes e relevantes para eles, dão-lhes prazer, contudo como esse trabalho está sendo desenvolvido para contribuir com a formação de um leitor proficiente?

Cosson (2021 c, p. 23) revela que ler por prazer não é suficiente, a leitura deve “garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza.” Portanto, se evidencia a responsabilidade da escola em promover o letramento literário para que o aluno perceba que o ato de ler está além da decodificação de palavras e no prazer proporcionado pela ficção lida. Ler está na reconstrução de si através das experiências promovidas pela leitura bem direcionada e que lhe servirá de aporte para a vida toda.

4. Com relação aos textos literários, o que você mais gosta de ler?

Propôs-se uma lista dos gêneros mais presentes nas atividades pedagógicas do público desta pesquisa como a poesia, o conto, o romance, o cordel e a fábula.

Gráfico 04

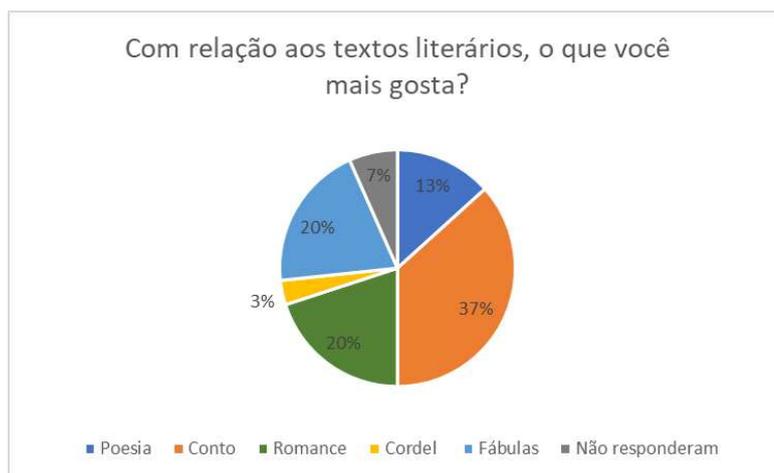


Gráfico elaborado pela pesquisadora, 2023.

Dentre os textos literários apresentados, 13% dos alunos preferem a poesia; 37% o conto; 20% o romance; o cordel 3% e 20% dos leitores da turma gostam de fábulas.

Poderíamos ter incluído outros gêneros como a peça teatral e a crônica, entretanto, selecionamos estes da tabela porque são os textos que os alunos têm mais contato, seja pelo livro didático ou por outros suportes trabalhados durante as aulas. O fato de conhecerem as características dos textos literários apresentados facilitou a compreensão da questão.

O conto aparece como o gênero predileto para a maioria da turma, pois ele proporciona uma leitura mais rápida, a história é narrada de forma mais dinâmica e concisa que faz o leitor sair da realidade e viajar pela imaginação. Esse tipo de texto, Aguiar (2013, p. 155) destaca como aquele que:

[...] abre-se para o que pode ser, dando margem à imaginação e à criação, ultrapassando as referências espaciais e temporais com que se estruturam, para jogar com o provável, com o possível: é o campo da ficção, sem liames diretos com as regras da realidade externa.

Portanto, a natureza ficcional do conto impulsiona a leitura por permitir extraordinárias experiências literárias com o que for possível, pois, como ressalta Terra (2014, p. 28) “o que se propõe aqui é que o objeto de conhecimento seja o texto literário, um produto cultural, que é o *locus* em que se manifesta a interação autor/leitor.”

5. Qual o formato de leitura de sua preferência?

Esta questão teve como opções de resposta “Leitura em papel”, “Leitura por meio digital (celular, computador, leitor digital, etc)” e “Leitura em audiolivros”.

Gráfico 05

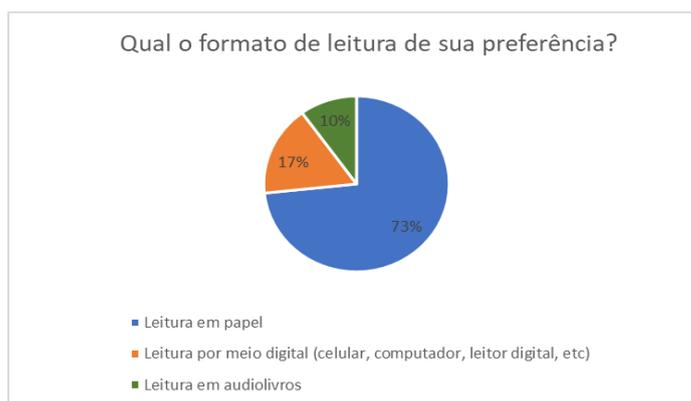


Gráfico elaborado pela pesquisadora, 2023.

Observando os dados, 73% dos alunos preferem o formato tradicional, em papel. Enquanto 17% preferem fazer leitura em formato digital e apenas 10% optaram por audiolivros.

Ainda que haja diversos meios de comunicação digital presentes na sociedade, o frágil papel continua sendo o suporte preferido dos leitores desta turma. Por mais que seja uma geração que está familiarizada com aparelhos eletrônicos e que tem significativo acesso ao mundo digital, vinte e dois participantes realizam suas leituras no formato tradicional, ou seja, preferem ter o papel em mãos para visualizar e sentir a proximidade das palavras.

Logo, o acesso à leitura se faz através do que está disponível para o aluno e para a família, seja o livro físico, o celular, o computador ou outros suportes. Vale ressaltar que, mesmo em formatos diferentes, é imprescindível que a leitura seja um processo contínuo e transformador para o leitor-aluno.

6. Em casa, com que frequência você lê?

Nesse questionamento as alternativas foram “Todos os dias”, “De vez em quando” e “Só quando é atividade da escola”. Tais respostas visam mostrar como o leitor vivencia suas experiências no ambiente familiar.

Gráfico 06



Gráfico elaborado pela pesquisadora, 2023.

Ler em casa, para 20% da turma, é uma atividade que acontece todos os dias. Entretanto, para 63% a leitura em casa ocorre de vez em quando. O restante, 17% dos alunos, registraram que só leem quando é atividade da escola. Nesta questão, a leitura refere-se a qualquer material de linguagem verbal.

Com esse questionamento, o resultado aponta que os participantes não leem com frequência, pois a leitura para eles não se configura como uma prática diária assim como tantas outras que realizamos no dia a dia. Com este trabalho, esperamos que compreendam que a leitura se realiza em variados tipos de textos, em diferentes suportes que fazem parte do nosso cotidiano.

Não se pode negar que há muitas atividades, algumas interessantes e outras obrigatórias, que a família precisa realizar no cotidiano. No entanto, entre as responsabilidades, está o papel de auxiliar no processo de formação leitora das crianças, pois essa incumbência não cabe apenas à escola. É preciso a colaboração da família para que a escola consiga formar leitores conscientes de sua função na sociedade. Pois, para Aguiar (2013), “A atividade de leitura propicia, [...] a expansão do leque de experiências do sujeito, que passa a interagir com novas ideias e sentimentos, novas formas de conceber o mundo e as relações humanas” (p.154). Isso poderá ser possível com um trabalho conjunto entre a escola e a família.

7. Com que frequência você vê alguém da sua família ou alguém com quem você mora lendo livros?

As sugestões de respostas foram “Nunca vi”, “De vez em quando eu vejo” e “Vejo sempre”. Nessa questão, teremos uma ideia de como a família se comporta dentro desse processo de formação, se ela incentiva a leitura ou desconhece essa responsabilidade.

Gráfico 07



Gráfico elaborado pela pesquisadora, 2023.

No gráfico, 13% dos alunos nunca viram as pessoas com quem moram lendo um livro, contudo, a maioria dos participantes, especificamente 64%, marcaram que veem as pessoas da casa de vez em quando lendo livros. Ao passo que 20% deles sinalizaram que presenciam sempre e apenas 3% da turma não respondeu à pergunta.

O resultado apresentado mostra que, em geral, as pessoas, do mesmo espaço físico que o aluno, não demonstram ser leitoras ativas. Essa situação pode dificultar que membros da família, principalmente as crianças, criem o hábito de ler, de partilhar suas impressões e, com isso, ampliar seu conhecimento. Afinal, é assumindo uma postura coerente que se consegue conquistar o outro e inspirá-lo a ter as mesmas ações, como aconteceu com que costumam ver seus familiares debruçados sobre um livro.

Sabe-se que a família é o primeiro espaço social frequentado pela criança bem como seu primeiro espaço de promoção de conhecimento. Logo, o que ela aprende ali, convivendo com seus familiares, acaba levando para o ambiente escolar, seja o desejo de experimentar novas práticas de leitura, o que vai favorecer o letramento literário, ou terá um comportamento indiferente nas aulas de literatura.

Portanto, o comportamento da família contribui, consideravelmente, para que a criança se sinta estimulada a ler e a viver suas primeiras experiências literárias.

8. De que forma você tem acesso com mais frequência aos livros literários?

Os alunos poderiam marcar uma entre as quatro opções de resposta “Através de empréstimos na biblioteca da escola”, “Através de empréstimos com outras pessoas (colegas, parentes, professores, amigos, etc)”, “Por meio virtual (bibliotecas virtuais, plataformas de leitura ou *downloads* na internet)” e “Através dos pais ou responsáveis que sempre compram”.

Gráfico 08



Gráfico elaborado pela pesquisadora, 2023.

Os dados acima indicam que o acesso mais comum para os alunos adquirirem livros literários acontece: para 73% dos alunos através da biblioteca da escola; apenas 3% da turma pede emprestado para outras pessoas; 17% dos alunos têm acesso por meio virtual; para 7% dos estudantes esse acesso se faz através dos pais e/ou responsáveis que sempre compram livros físicos.

O acesso aos livros literários é primordial para o desenvolvimento de competências que envolvam a leitura.

A verdade é que o contato com os livros de literatura se deu há pouco tempo para a maioria da população brasileira. Antes, somente as pessoas com melhor condição financeira podiam comprar e manter uma relação mais próxima com os livros. Quando a literatura passou a ser escolarizada, os livros começaram a circular entre as várias classes sociais e, até hoje, é o principal suporte de leitura do texto literário.

9. *Nas aulas de português, a leitura se dá somente nos textos do livro didático?*

Como sugestões de resposta: “Sim” e “Não” que apontaram para o seguinte resultado:

Gráfico 09

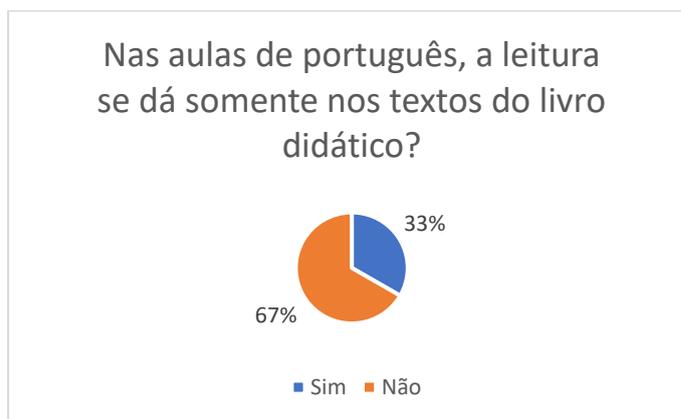


Gráfico elaborado pela pesquisadora, 2023.

A este questionamento, 33% dos estudantes manifestaram que a leitura, durante as aulas de português, se restringe aos textos apresentados no livro didático. Por outro lado, 67% dos participantes marcaram “Não”, indicando que a leitura, durante as aulas de português, realiza-se através de textos não só do livro que recebem do governo federal, mas também através de outros suportes como o Data Show, o papel A4, a Smart TV, cartolinas, papel pardo e os livros da biblioteca da escola.

A variação do suporte, em sala de aula, colabora consideravelmente para o desenvolvimento de competências, pois o aluno acaba percebendo que o ato de ler pode ser realizado em outros materiais, além do papel. Ademais, conhecer o suporte onde o texto foi publicado significa adquirir uma aprendizagem sobre o contexto das publicações.

10. Como é a leitura de histórias em sala de aula para você?

Com este questionamento, os leitores poderiam assinalar em “Animada/Interessante” ou “Cansativa/Chata”.

Gráfico 10

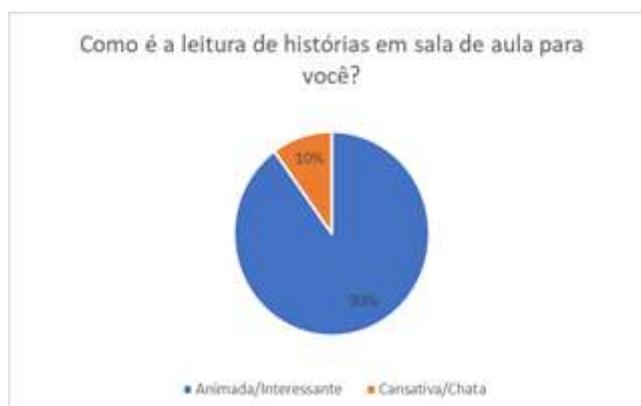


Gráfico elaborado pela pesquisadora, 2023.

Exatamente 90% dos alunos demonstram, no resultado, que as histórias lidas em sala de aula são animadas e interessantes para eles e apenas 10% consideram essa leitura cansativa e chata.

Aqui, pensamos nas histórias contadas pelos livrinhos de literatura infantil. Essa observação foi informada aos alunos, no início da aula, durante a leitura e o esclarecimento de dúvidas relacionados à aplicação desta atividade. Com o intuito de resgatar uma memória mais distante e uma memória mais contemporânea sobre as histórias infantis, pretendemos fazer com que eles refletissem sobre o acolhimento do trabalho desempenhado desses textos durante as aulas e o quanto essa experiência foi importante.

11. Você já leu qual(is) destas histórias?

Contém quatro alternativas com o título de contos infantis. São eles: “*João e o pé de feijão*”, “*O gato de botas*”, “*Aladim e a lâmpada maravilhosa*” e “*O soldadinho de chumbo*”. Nesta pergunta, o participante poderia marcar de uma a quatro opções que quisesse, revelando quais destes textos ele teve contato através da leitura.

Gráfico 11

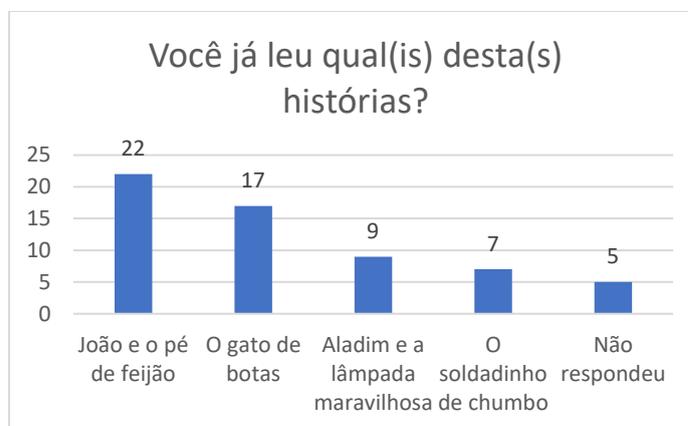


Gráfico elaborado pela pesquisadora, 2023.

A história mais conhecida pelos alunos foi “*João e o pé de feijão*”, seguida das histórias de “*O gato de Botas*”, “*Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*” e “*O soldadinho de Chumbo*”.

Curiosamente, 5% dos participantes não se sentiram à vontade para indicar quais histórias conheciam. Ao entregar o questionário, estes alunos sinalizaram que desconheciam os contos citados nesta penúltima questão. Porém, conheciam outros como “*Chapeuzinho Vermelho*”, “*Cinderela*” e “*A Branca de Neve e os Sete Anões*”.

Com relação ao contato da criança com contos que lhe são destinados, Colomer (2007, p. 73)

defende que “Grande parte da formação dos meninos e das meninas se produz através do seu contato direto com a literatura destinada à infância e à adolescência.”

Os alunos não tinham a obrigação de conhecer os contos indicados no questionário. No entanto, ao saber que tiveram contato com outros contos, essa informação nos trouxe tranquilidade porque mostra que os garotos também tiveram a oportunidade de ter sua educação literária originada a partir da leitura de outros contos, ou seja, de uma literatura específica.

12. Já ouviu falar sobre o conto maravilhoso?

A essa pergunta o aluno poderia marcar no Sim ou Não, constituindo o quadro a seguir:

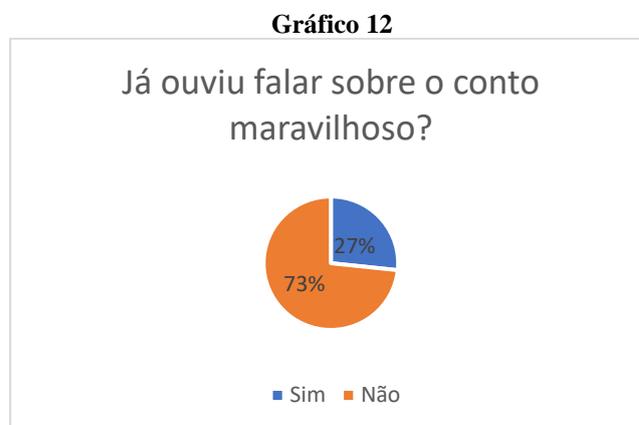


Gráfico elaborado pela pesquisadora, 2023.

Os dados indicados no gráfico revelam que 27% da turma já ouvira, em algum momento, sobre o gênero conto maravilhoso. Em contrapartida, 73% das crianças marcaram “Não”, evidenciando que nunca ouviram falar deste gênero em nenhum ambiente, inclusive na escola.

O conhecimento sobre as características do gênero conto maravilhoso, na etapa da aplicação da proposta de intervenção, vai contribuir com expressividade para o desenvolvimento das atividades.

Contudo, o fato de não saber da existência do gênero em destaque, não impedirá a sensibilização, a realização e a vivência das atividades literárias, pois haverá um momento para elucidar as informações básicas acerca do conto maravilhoso e tornar viável para todos a participação ativa nas atividades que serão propostas na Sequência Básica.

Em resumo, o questionário foi aplicado à turma com intuito de colher informações referentes ao processo de formação como leitor nos espaços da família e da escola porque acreditamos que o que se aprende em casa reflete na escola. A partir dessas descobertas, delineamos o perfil deste público para compreendermos sua relação com a leitura, mais precisamente, com a leitura do texto

literário assim como as implicações que contornam essa ação na sala de aula.

4.2 APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA BÁSICA

A aplicação da sequência básica, método apresentado por Cosson (2021 c) que colabora para que o leitor se veja como parte ativa no processo de leitura do texto literário, decorreu na primeira unidade do ano letivo em curso, totalizando 15 horas/aulas.

Cosson (2021, c, p. 47) nos diz que “o ensino de literatura deve ter como centro a experiência do literário”, por isso, tomando como referência o pensamento do autor as atividades pretendiam despontar para uma experiência literária através do conto maravilhoso de Hans Cristian Andersen “O Patinho Feio”.

4.2.1 Motivação

A sequência básica teria outro início conforme a descrição na Metodologia. O poema de Tatiana Belinky “Diversidade”, já estava na pasta para ser entregue à turma, quando percebemos uma pequena confusão entre alguns alunos que estavam entrando na sala. Foi possível ouvir apenas “...e você me excluiu”. Imediatamente, procuramos acalmar a turma, inicialmente acomodando os alunos em seus lugares com as cadeiras em círculo.

Após o momento inicial que fizemos para restabelecer a tranquilidade, percebemos o olhar de curiosidade e um pouco de inquietação dos educandos sobre o que seria feito naquele dia em sala. Embora todos soubessem que daríamos início à intervenção que seria aplicada na turma e esclarecida em aula anterior, queriam saber, especificamente, quais ações se desenvolveriam ali com eles.

Diante desta expectativa agitada e dos questionamentos, retomamos para uma conversa a fim de acalmá-los e deixá-los à vontade para este momento preliminar.

Em seguida, o espaço foi dado para a leitura do Registro I, produzido em casa, após orientação na aula anterior quando preencheram o questionário. Nesta parte, os participantes manifestaram suas primeiras impressões e expectativas acerca do trabalho que seria desenvolvido. Boa parte da turma se dispôs a fazer a leitura da primeira página do diário, entretanto um grupo pequeno preferiu só ouvir o que os colegas tinham registrado, atitude respeitada pela professora pesquisadora e demais participantes.

A curiosidade começou a ser atenuada quando a turma foi motivada a responder às seguintes perguntas: “Vocês sabem o que significa ‘excluir’?”

Alguns alunos se manifestaram indicando o conceito que se baseava em “É deixar a pessoa de lado”. Em seguida, continuamos com o questionamento: “Alguém aqui, já se sentiu excluído ou excluída por alguém?” Surpreendentemente, a maioria levantou o braço indicando que já se sentira excluído ou excluída em algum momento por pessoas do seu convívio diário.

Naquele momento, decidimos que o poema “Diversidade” ficaria para outra oportunidade, depois de aplicarmos a sequência básica, pois a conversa ali seria longa. Portanto, o poema não faria mais parte da **motivação** da sequência.

De forma organizada, sempre obedecendo a ordem de fala, os alunos relataram que a exclusão que sofreram ocorreu em lugares importantes para a vida deles: na antiga escola e no ambiente familiar.

Na escola, a exclusão, geralmente, partia de colegas, que antes os aceitavam no círculo de amizade, depois de um tempo passaram a recusá-los naquele círculo. A justificativa, para uns não havia motivo que levasse a esta separação, já outros alunos disseram que eram “deixados de lado” porque não eram bons no futebol ou no videogame ou porque as novas amizades não cediam espaço para os velhos companheiros.

Na família, o isolamento acontecia porque também não dominava algumas habilidades como jogar futebol, outros eram tratados por apelidos ligados ao seu aspecto físico.

De acordo com o que entenderam, os depoimentos deste primeiro dia foram para as páginas do diário.

Aluno 26

Muitas vezes eu me senti excluído, meu irmão estava jogando bola ele me disse que eu não jogava bem e não me deixou jogar no time dele.

Aluno 29

Fui excluído por causa da minha aparência. Muitas pessoas me julgam e me chamam de gordo, quatro olhos e eu me sinto muito excluído. Porque ninguém gosta de mim, até minha família me chama de gordo e eu fico muito triste [...]

Interessante que alguns alunos demonstraram empatia e proferiram, numa linguagem simples, discursos curtos de motivação, de elogios, de esperança para os colegas depoentes.

Ao serem questionados se ser excluído é algo bom, responderam em coro que “Não”, “Porque magoa”, “Deixa a pessoa muito triste e até com depressão”.

O que mais chamou a atenção foi a declaração de um aluno emocionado:

Aluno 24

...isso me doía muito. As pessoas sempre me excluíaam e eu nem sei nem o porquê, mas me doía muito...

A frase do aluno 24, entre tantas, foi marcante porque a dor se destacou nas palavras e nos olhos marejados daquela criança que deveria ser acolhida, amada e respeitada por todos as pessoas que fazem parte da sua rotina.

Por outro lado, teve uma minoria, que declarou nunca ter passado por situações de exclusão nem na escola nem em casa ou qualquer outro ambiente. Manifestaram, com alegria, que sempre foram bem tratados pelas pessoas com os quais convivem.

Aluno 07

Eu nunca senti excluído as pessoas sempre falaram comigo nos lugares que eu ia.

Aluno 12

Eu não me lembro de nenhuma vez ter me sentido excluído.

Aluno 21

Todo lugar eles me tratam bem, com carinho.

Diante dos comentários citados, entende-se que a boa convivência prevalece na sociedade para algumas pessoas, incluindo para os participantes deste trabalho que, ao perceberem que são acolhidos por todos, possuem uma autoestima elevada, são mais sorridentes e receptivos com os colegas.

Embora sejam crianças, pressupõe um comportamento imaturo, no entanto, durante os depoimentos tristes dos colegas, a turma deixou-se levar pelos sentimentos de empatia e solidariedade, tornando a aula mais viva e expressiva.

Neste primeiro momento, conforme sugeriu Cosson (2021 c, p. 57) “o limite da motivação dentro de nossa proposta costuma ser de uma aula”, caso precise passar disso, o autor alerta que a motivação não cumprirá seu papel dentro dos procedimentos estruturais da sequência básica.

Enfim, realizou-se este momento na perspectiva do que Cosson (2021 c, p. 56) defende que “a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia nem o texto nem o leitor”. Mesmo que o texto de motivação tenha sido mudado, as palavras de Cosson ressoaram verdadeiras no decorrer deste período de aprendizagem.

4.2.2 Introdução

Esta etapa iniciou-se com uma estratégia de leitura: um levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero conto maravilhoso e o escritor Hans Christian Andersen através de perguntas orais que obtiveram pouquíssimas respostas.

Com esta investigação pedagógica, explicamos resumidamente o que determina um texto receber a classificação de conto maravilhoso. Muitos alunos reconheceram que era um gênero conhecido por eles, só não sabiam que o conto tinha o nome de maravilhoso.

Com o auxílio do Datashow, a imagem de Andersen foi exibida para que todos tivessem uma ideia de como seria esse escritor.

Figura 1 – Hans Christian Anderson em 1869, aos sessenta e quatro anos.



Fonte: Artigo - Hans Christian Andersen Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hans_Christian_Andersen. Acesso: 10-11-2022.

Dando continuidade ao momento, através de uma conversa informal averiguou-se quais referências a turma tinha sobre Andersen. Apenas dois ou três alunos manifestaram ter ouvido falar do escritor quando, na antiga escola, a professora lia as histórias e falava o nome dos autores. Isso ainda nos primeiros anos do ensino fundamental, porém outras informações não tinham sobre o escritor.

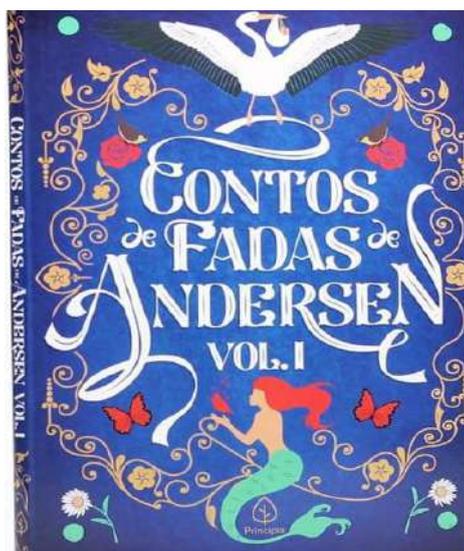
Com esta revelação ficou mais interessante o momento em que, de forma objetiva, comentamos a respeito da biografia de Andersen, ressaltando sua vida pessoal, o trabalho desenvolvido especialmente para o público infantil e a justificativa da escolha. Para esta etapa, Cosson (2021 c, p. 60) ressalta que “A biografia do autor é um entre outros contextos que acompanham o texto. No momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas àquele texto.”

Em seguida, sobre a mesa do professor, com a sala ainda em círculo, foram colocados seis livros físicos contendo contos de Andersen que deixou a turma eufórica e ansiosa para conhecê-los.

Cada livro foi apresentado e explorado em seus elementos externos e internos (capa, apresentação, sumário, ilustrações, diagramação, etc.). Para Cosson (2021 c), essa apresentação corresponde à análise de “elementos paratextuais que introduzem uma obra” (p. 60).

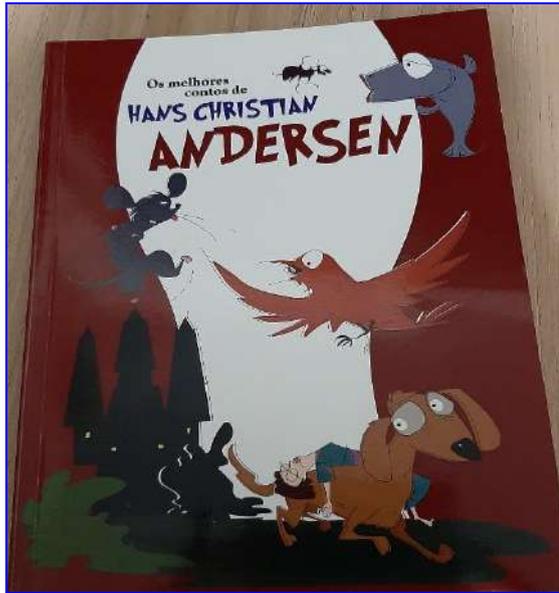
Durante essa parte, eles demonstraram surpresa com a descoberta de contos conhecidos que tinham sido escritos por Andersen. E, finalmente, os alunos puderam tocar, manusear e alguns até cheiraram os exemplares quando chegavam em suas mãos. Muitos ficaram encantados com a beleza das obras e, por instantes, leram algumas linhas dos textos literários ali contidos.

Figura 2– Livro de contos Vol. I.



Fonte: Contos de fadas de Andersen. Disponível: www.livrariasfiliacrista.com.br/contos-de-fadas-de-andersen-vol-1-hans-christian-andersen. Acesso:08/11/22

Figura 3 – Livro de contos -Hans Christian Andersen.



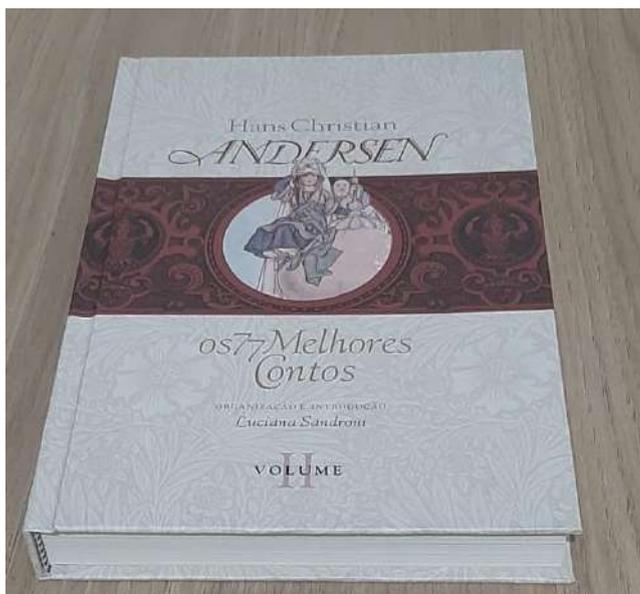
Fonte: Arquivo pessoal da autora,2023

Figura 4 – Livro de contos Vol I



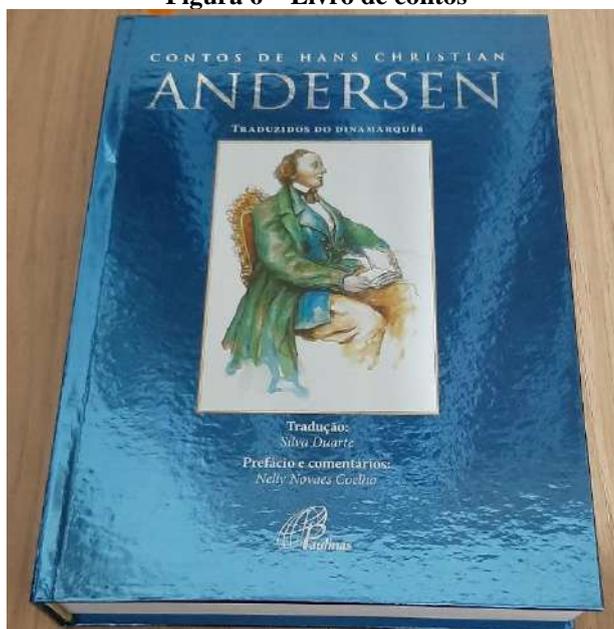
Fonte: Arquivo pessoal da autora,2023.

Figura 5 – Livro de contos Vol. II.



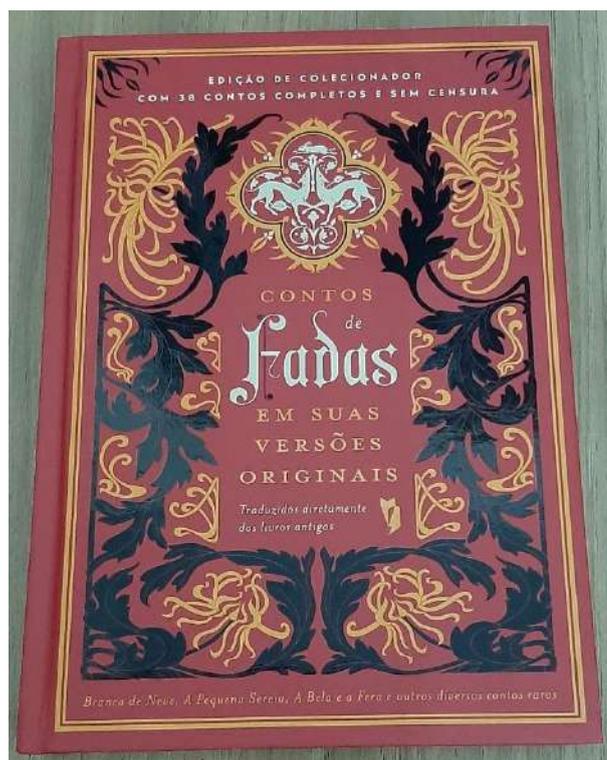
Fonte: Arquivo pessoal da autora,2023

Figura 6 – Livro de contos



Fonte: Arquivo pessoal da autora,2023.

Figura 7 – Livro de contos de Fadas em suas versões originais.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Os quatro últimos livros na sequência supracitada das imagens são de capa dura e foram os mais disputados pelos alunos que, segundo eles, nunca tinham visto livros tão bonitos e interessantes.

Para conclusão deste momento da sequência que durou 2 horas aulas, os participantes receberam orientações para a resolução, em casa, do Registro II do diário de bordo que estimula a produção de conhecimento sobre a aula deste dia que envolveram o gênero conto maravilhoso e o escritor de Hans Christian Andersen.

4.2.3 Leitura

Na aula seguinte, a turma estava empolgada arrumando as mesas e cadeiras em círculo para iniciar a aula de literatura. Após os cumprimentos e a acolhida, todos já estavam com o diário de bordo em mãos e alguns pediram para lê-lo.

Assim, aqueles que desejaram, leram com satisfação o que registraram no diário. Todos que queriam ler suas anotações sobre a aula anterior, tiveram esse desejo realizado. Outros, uma minoria, ainda se sentiam tímidos para participar deste momento e seu posicionamento foi respeitado.

Logo, a professora pesquisadora informou que todos conheceriam a história de um personagem que também passou por momentos de exclusão e, com certeza, ele também chorou,

ficou magoado e muito triste. “Sabem de que história estou falando?” Ao ser questionada sobre qual história seria, a turma respondeu em coro: O Patinho Feio.

A partir dessa resposta, a turma ficou à vontade para relembrar o que sabia do conto. Basicamente expuseram os mesmos aspectos sobre a narrativa e, ainda, revelaram que o primeiro contato com o conto se deu na família através dos pais ou, para outros, o contato veio pela escola, nos anos iniciais.

Agora, no sexto ano, todos teriam a oportunidade de reler uma das histórias de Andersen, porém mais extensa, ou seja, completa. Seria uma história de “O Patinho Feio” mais ampla que aquelas ouvidas ou lidas na escola e na família, em tempos anteriores. A informação de que leriam a história integral aguçou a curiosidade e a ansiedade dos alunos para leitura do texto.

O conto foi entregue individualmente, numa folha xerografada, e a turma foi incentivada a fazer, primeiramente, a leitura silenciosa, que para Cosson (2021 a), “requer como primeiro e insubstituível passo o encontro pessoal do aluno com a obra” (p. 98), na aula de literatura.

É sabido que a leitura silenciosa, na escola, precisa ser repensada, pois sua aplicação não tem promovido resultados satisfatórios para a formação do leitor. Cosson (2021 a, p. 98) afirma que esse tipo de leitura teve como motivação o livro didático que propõe aulas com leitura silenciosa seguida de resolução de atividades correlacionadas com o texto.

No entanto, a proposta da leitura silenciosa nessa sequência básica, se inspirou numa proposição de Cosson (2021 a) denominada “leitura silenciosa sustentável”. O intuito é que após a leitura pessoal, o leitor tenha a oportunidade de partilhar a experiência vivida com o texto. Com essa visão, a leitura silenciosa compôs esta etapa de leitura da sequência.

Somente depois que todos tinham lido o texto, em silêncio, é que a aula prosseguiu com a motivação para que o participante revelasse quais dúvidas tinham surgido durante a leitura e que atrapalhavam a compreensão da história. As dúvidas que surgiram se relacionavam ao vocabulário do texto. Único problema destacado por eles até aquele momento.

Para sanar essas incertezas com relação ao significado das palavras, vários dicionários da escola foram disponibilizados para a pesquisa. Durante esta ação, notamos que alguns alunos apresentavam dificuldade para manusear o dicionário. Imediatamente, chamamos a atenção da turma e orientamos como aquele livro poderia ser manipulado. Aqueles que precisavam do dicionário retornaram à pesquisa sem dificuldade. Os poucos alunos que se manifestaram, tiveram suas dúvidas sanadas.

Como não havia mais nada a esclarecer, informamos que leríamos o conto em voz alta e que os participantes acompanhassem na leitura ou ouvindo.

Por causa da extensão do texto, a leitura realizou-se de forma pausada, com encenação nos

diálogos, olhar direto para os ouvintes de vez em quando, caras e bocas: tudo isso para manter a atenção do público discente. Funcionou! Ao final, a turma aplaudiu em meio a comentários como: “Que história!”, “Foi emocionante!” “Tadinho do patinho!”

Logo depois, os alunos foram instigados a comentar sobre o que leram e/ou ouviram do conto. A intenção deste momento se baseou na ampliação do conhecimento sobre o gênero e a identificação dos elementos da narrativa para melhor participação na próxima etapa que incluirá o pensamento crítico sobre a obra. Como escreveu Cosson (2021 c, p. 62): “A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento”.

Muitos disseram que não imaginavam que o patinho tivesse passado por tantas dificuldades e momentos tristes, entretanto gostaram de ter conhecido a história mais ampla e aprenderam muito com ela.

A conclusão desta etapa, que durou duas horas/aulas, sucedeu com as orientações para resolução, em casa, da Registro III do diário de bordo cujo intuito baseou-se na escrita das impressões, dos pensamentos, dos sentimentos despertados pelo aluno durante a leitura e audição do conto.

4.2.4 Interpretação

A etapa de **interpretação** precisou ser dividida em duas partes, inclusive esta é uma orientação do próprio autor da sequência, Cosson (2021 c). Afinal, as ações concebidas para esta fase necessitam de mais tempo e mais cuidado na aplicação. São ações imprescindíveis e de grande contribuição para o desenvolvimento da competência leitora dos participantes.

Segue, portanto, a descrição da primeira parte que durou quatro horas/aulas.

A arrumação da sala em semicírculo se tornou um costume da turma quando o horário se destinava para a disciplina de Língua Portuguesa. A aula iniciou com a motivação para a leitura das anotações que os alunos fizeram no diário de bordo, do Registro III, em casa. A leitura desses diários e os comentários ocupou exatamente 2 horas/aulas.

Seguindo a ordem de inscrição, o aluno lia e comentava seus escritos. O restante da turma ouvia atentamente o que os colegas falavam sobre as dúvidas, os sentimentos e as sensações que surgiram durante a leitura do conto, analisaram o comportamento das personagens, destacaram o que mudariam na história, o que perguntariam ao autor, justificaram se a história foi importante ou não para eles.

No começo, os mesmos alunos participavam deste momento de leitura do diário. À medida

que o tempo foi passando, os textos sendo lidos sem censuras ou observações, outros leitores se sentiram mais à vontade para ler suas anotações e se envolveram também na discussão que ficou enriquecedora com a cooperação deles.

Em outro dia, ainda com o Registro III que pedia a produção de um novo personagem para a história e um pequeno texto que explicasse por qual motivo ele tinha sido escolhido. A imagem do personagem poderia ser desenhada ou colada.

Foi outro momento de euforia para a turma, pois a curiosidade era imensa para conhecer o personagem nomeado pelos colegas e, ao mesmo tempo, exibir o deles. Portanto, permitiu-se que os alunos circulassem pela sala com o diário aberto mostrando para os colegas o personagem escolhido. Uma parte preferiu não expor o desenho e teve sua vontade respeitada.

Com a recomposição dos alunos em seus devidos lugares, o espaço foi aberto para a apresentação e justificativa do personagem indicado por eles. Alguns alunos não desenharam nem colaram a personagem, preferiram apenas usar a linguagem verbal para compor sua resposta, o que não invalidou a atividade, mas tornou-a diversificada. E não poderia ser negada essa oportunidade de o aluno poder se expressar. O ensino de literatura conduz para essa realidade de que o leitor pode usar de várias linguagens para expor o que pensa e o que sente. E foram mais 2 horas/aulas.

Na segunda parte desta etapa, composta por quatro horas/aulas, a turma foi acolhida pela pesquisadora com a sala arrumada em semicírculo. A sequência básica prosseguiu com um rápido esclarecimento sobre o gênero entrevista que a turma produziria naquele dia a partir do conto “O Patinho Feio”.

Em duplas, os alunos se organizaram para elaborar quatro perguntas que fariam numa pressuposta entrevista com o protagonista do conto em estudo. Teriam que ser perguntas que só o entrevistado poderia responder. A aula seguiu com o esclarecimento de dúvidas e demais orientações sobre esta atividade que durou 2 horas/aulas para ser produzida.

Esse momento ímpar proporcionou que os estudantes trocassem ideias, demonstrassem respeito pela opinião alheia, mesmo discordando, e chegassem a um consenso para o texto que estavam elaborando. No começo, surgiram alguns conflitos que resolvemos com uma boa conversa e o restante da aula seguiu na possível tranquilidade.

Nas duas aulas seguintes, já com a entrevista pronta no diário, Registro IV, as mesmas duplas se reuniram para os últimos ajustes e se organizaram para a apresentação da entrevista.

A dupla se dirigiu até à frente e dramatizou a entrevista com um aluno sendo o entrevistador e o outro fazendo papel do entrevistado. A participação dos primeiros incentivou outras duplas a partilharem o que produziram.

Eis algumas perguntas da suposta entrevista:

Aluno 07

Patinho, o que você sentiu quando a mamãe pata te obrigou a nadar?

Aluno 27

Guarda rancor da sua família?

Aluno 29

Você aceitaria sua família de patos, se ela pedisse para você voltar?

As perguntas elaboradas seguiram as orientações passadas, isto é, foram questões muito subjetivas para as quais o protagonista não poderia buscar as respostas na superfície do texto.

Outras questões com suas respectivas respostas estarão na análise de dados da categoria de interpretação do gênero diário.

4.2.5 O último encontro: a avaliação

Avaliar é sempre necessário para se repensar o planejamento e as ações em sala de aula, no entanto, quando o assunto é literatura, essa prática precisa ser construída com cuidado. Por isso, as questões que estavam afixadas no diário de bordo não pretendiam avaliar o que o aluno aprendera do conteúdo ou sobre a estrutura do enredo e do gênero conto, pois essas informações se distanciam do que foi apresentado neste trabalho.

Como afirma Cosson (2021 a), “[...] antes de qualquer coisa, que o professor tome a literatura como uma experiência e não um conteúdo a ser avaliado.” (p. 131) Assim, a avaliação elaborada procurou descobrir quais as dificuldades apresentadas, os avanços e a opinião dos alunos durante essa experiência de leitura. E, também, serviu como mecanismo para avaliação das intenções com essa proposta de intervenção pedagógica.

Com os alunos dispostos em círculo, a aula teve início com o incentivo para a realização do Registro V, fixado no diário de bordo, que correspondia às questões de avaliação da experiência literária desenvolvidas nas últimas semanas com a turma. Estipulou-se trinta minutos para essa produção.

Após todos concluírem a avaliação escrita, os participantes, espontaneamente, manifestaram,

através da leitura ou da oralidade, sua opinião a respeito do trabalho protagonizado naqueles dias sobre leitura. Eles destacaram que as atividades foram interessantes, divertidas e a partilha de ideias também foi muito válida, pois se sentiram à vontade para expressar o que estavam sentindo e pensando sem se preocuparem que o conteúdo da fala deles contivesse acertos ou erros. A receptividade, o acolhimento e o desenvolvimento do que foi proposto ocorreram positivamente em todos os estágios para os participantes naqueles dias.

Em seguida, agradecemos o empenho e a participação de todos na intervenção pedagógica, que só obteve êxito devido ao entusiasmo e ao comprometimento de cada aluno. Por esta razão, para dar continuidade ao incentivo à leitura e contribuir para a formação literária de leitores proficientes, foi anunciado a criação do clube de leitura que será estruturado junto com a coordenação pedagógica para ampliar a valorização da leitura do texto literário na escola. Pois, é importante intensificar e priorizar o ensino de literatura na escola para formar leitores proficientes. Ainda sobre o ensino de literatura na escola, Cosson (2021 c) ressalta que:

É necessário que sejam sistematizados em um todo que permita ao professor e ao aluno fazer da leitura literária uma prática significativa para eles e para a comunidade em que estão inseridos, uma prática que tenha como sustentação a própria força da literatura, sua capacidade de nos ajudar a dizer o mundo e a nos dizer a nós mesmos (COSSON, 2021, p. 46).

Na escola, o ensino de literatura se faz uma prática necessária e contínua cujas atividades poderão ser construídas a partir de uma organização de planejamento e com objetivos bem definidos. Com isso, o ensino de literatura poderá contribuir para o letramento literário, isto é, para a formação de leitores conscientes de seu papel na sociedade letrada.

4.3 DIÁRIO DE BORDO: PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Após o preenchimento do questionário, no primeiro dia de início desta pesquisa, cada aluno recebeu um caderno brochura pequeno com 50 folhas pautadas com um adesivo na capa escrito “Diário de Bordo”. Um tempo foi dado para que o diário (caderno) fosse folheado pelos participantes que demonstraram alegria e satisfação.

Figura 8 – Diários de Bordo dos alunos.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2023.

Para melhor compreensão do que seria proposto, reservamos um tempo para esclarecer o que seria o gênero diário. Algumas meninas relataram que tinham um diário pessoal, mas não gostavam de mostrar para ninguém, pois continha seus segredos.

Aproveitamos para diferenciar o diário pessoal do diário de leitura, que no nosso caso se chamaria Diário de Bordo. Enquanto no primeiro, a pessoa relata experiências, acontecimentos, sentimentos do seu cotidiano para si mesma e por isso não se sente à vontade para expô-lo, no segundo tipo de diário, que usaríamos nas aulas de literatura, o aluno registraria suas experiências com a leitura para depois partilhar com a turma, se assim achar conveniente.

Naquele caderno poderiam escrever o que quisessem sobre as aulas de literatura, pois seria feita uma viagem incrível pelo mundo da leitura e eles não poderiam deixar de registrar, no diário de bordo, cada momento vivido. Por isso, as páginas do diário deverão mencionar os acontecimentos da aula, os sentimentos, as sensações, as ideias e até as dúvidas que forem surgindo durante a leitura ou comentário dos colegas sobre o texto literário.

No fim de cada encontro, os participantes foram orientados com relação ao que poderiam anotar no diário. Algumas perguntas estavam fixadas no diário com intenção de ajudá-los na reflexão e na produção escrita.

REGISTRO I: PRIMEIROS REGISTROS

O que você espera destas aulas de leitura?

O que você deseja aprender?

REGISTRO II: CONTOS MARAVILHOSOS E ANDERSEN

Você já tinha ouvido falar sobre contos maravilhosos?

O que teve de novidade para você sobre esse gênero textual?

O que você aprendeu sobre Andersen?

A vida dele é parecida com a vida de alguém que você conhece?

Que novo personagem você acrescentaria nesta história? (Desenho, colagem ou texto verbal)

REGISTRO III: “O PATINHO FEIO”

Que dúvidas surgiram após a leitura desse conto?

Algum dos personagens se parece com você ou com alguém que você conhece?

O que você sentiu ao ler/ouvir o conto?

Se pudesse, o que trocaria na história?

O que perguntaria ao autor sobre essa história?

O que você aprendeu com esse conto?

REGISTRO IV: ENTREVISTA

Agora, faça de conta que você é um jornalista que vai entrevistar o protagonista da história. Elabore 4 perguntas que só ele poderia responder. Depois, responda-as como se fosse o entrevistado.

REGISTRO V: AVALIAÇÃO

Para concluirmos, precisamos da sua opinião sobre esses momentos que estivemos juntos. Sua resposta será muito importante para nosso trabalho.

1. Qual dos contos foi seu preferido? Por quê?

2. Você gostou ou não das aulas de literatura que tivemos?

3. Teve algo de interessante?

4. Por que não foi melhor?

5. O que você aprendeu com estas aulas?

6. Aumentou seu interesse pela leitura?

7. A leitura do conto fez você refletir sobre o mundo, as pessoas e até sobre você?

8. Que Emoji você escolhe para avaliar as atividades de leituras que desenvolvemos juntos (as)?



É válido ressaltar que sempre esclarecemos que eles tinham liberdade para ampliar ou até mesmo expor outras ideias ou pensamentos não mencionados nas questões indicadas.

Também deixamos claro que não seria atribuída nenhuma nota ao diário que influenciasse nas avaliações trimestrais exigidas pela escola. Seria uma atividade à parte, sem nota. Contudo, a participação, a frequência e a realização das atividades, por cada educando, ajudaria no desenvolvimento de várias habilidades que ampliariam o conhecimento e suas competências enquanto leitor literário.

Afinal, a literatura, segundo Cosson (2021 c, p. 16), “não apenas tem a palavra em sua constituição material, como também a escrita é seu veículo predominante”. Logo, com a inserção do diário de bordo, nesse processo, é possível conhecer como os alunos se expressam através da escrita e, principalmente, como acolheram a proposta do ensino de literatura para a promoção do letramento literário.

4.3.1 Análise dos registros no diário de bordo

O diário é um instrumento significativo para a coleta de dados que contribuíram substancialmente para a pesquisa. Silva (2019)³ também optou pelo diário como instrumento para registrar as informações que serviram para análise no seu trabalho de dissertação do PROFLETRAS/UFC. Para justificar a escolha do diário corroboramos com as seguintes afirmações de Silva (2019, p. 93):

Dessa forma, a escolha do gênero diário de leituras mostrou-se adequada porque é um gênero discursivo que permite ao aluno interagir com os textos literários e aprender gradativamente a se posicionar criticamente sobre as concepções de leitura.

Silva (2019), em seu estudo, usou o termo “diário de leitura”, conforme trecho supracitado, nós optamos por “diário de bordo” cuja justificativa da escolha se encontra na parte da Metodologia deste trabalho. Embora este tenha surgido numa época mais remota que aquele, ambos possuem as mesmas finalidades no ambiente escolar que é a de cooperar com a formação do leitor literário.

Na análise, serão indicados alguns fragmentos das anotações produzidas pelos alunos, durante a aplicação da sequência básica, nas aulas de literatura. A citação estará com a identificação numérica do autor, conforme entrega dos diários, no encontro que concluiu as atividades de

³ Daniely Moreira Coelho da Silva produziu sua Dissertação intitulada *Práticas de letramento literário em uma turma de 7º ano*, do Mestrado Profissional em Letras, na Universidade Federal do Ceará, em 2019. Teve como orientadora a Professora Doutora Maria do Socorro Silva Aragão e coorientadora a Professora Doutora Maria Silvana Militão de Alencar.

intervenção.

Todos os fragmentos foram reescritos a partir dos trechos originais com algumas alterações para seguir a norma padrão língua portuguesa, o que não é uma prioridade neste trabalho, porém se faz necessário para deixar a escrita mais clara para os leitores.

4.3.2 As categorias de interpretação do gênero diário

Essa experiência com o texto literário com a parceria do diário de bordo será analisada a partir das “Categorias de interpretação” apresentadas por Buzzo (2003)⁴ e que serviram de inspiração para o trabalho acadêmico de Silva (2019). As categorias de interpretação apresentadas pelas estudosas são: avaliações, resumos, comentários, dúvidas, relações e contribuições.

Em seguida, além das categorias citadas, uma análise de outros fatores encontrados nos diários será apresentada para reforçar a ideia de como o ensino de literatura pode contribuir, através da leitura de contos maravilhosos, para o letramento literário.

Avaliações

Para Buzzo (2003), a avaliação “constitui-se como um julgamento pessoal que o diarista, conforme a designação da autora, faz sobre o texto lido, de uma forma mais ou menos explícita” (p. 97). No primeiro momento, será apresentada a avaliação que os discentes fizeram em referência às aulas de leitura desenvolvidas na turma. Em seguida, a avaliação ocorrerá através da exposição de trechos sobre o conto lido e, logo depois, seguirá a avaliação sobre o desfecho do conto que também apareceu nos diários.

Nesta categoria, com relação às aulas de literatura, os alunos manifestaram sua opinião, no diário, através da escolha de um Emoji que representasse o seu grau de satisfação.



Legal! Gostei.



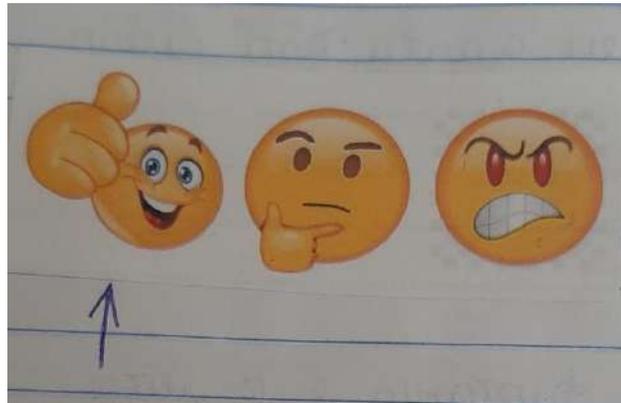
Regular.



Não gostei!

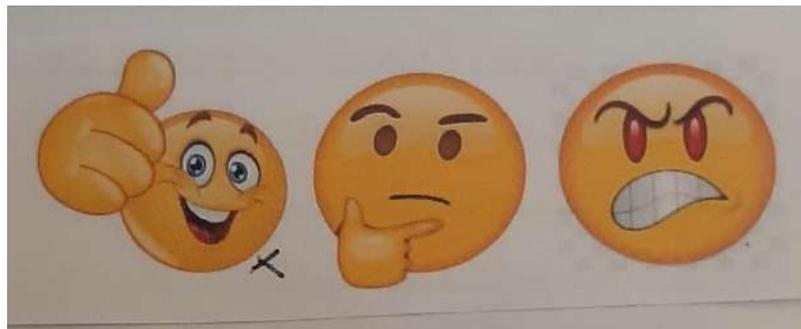
⁴As categorias de interpretação do gênero diarista foram apresentadas por Marina Gonçalves Buzzo (2003) em sua dissertação *O diário de leituras: uma experiência didática na educação de jovens e adultos (EJA)*, que teve como orientadora a Professora Doutora Anna Rachel Machado, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Figura 9 – Avaliação das aulas de literatura



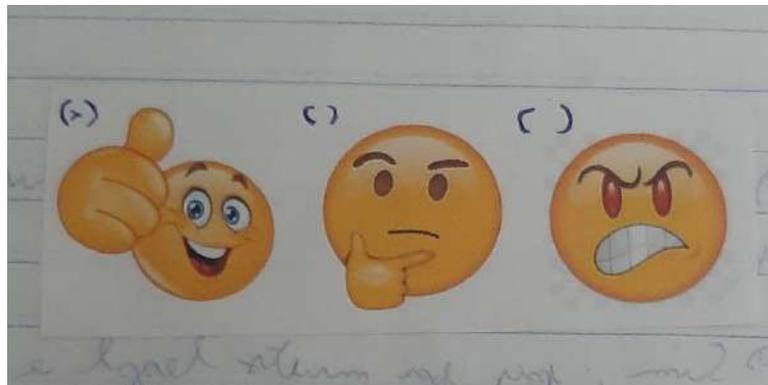
Fonte: Diário de bordo do aluno 05, Ano,2023.

Figura 10 – Avaliação das aulas de literatura



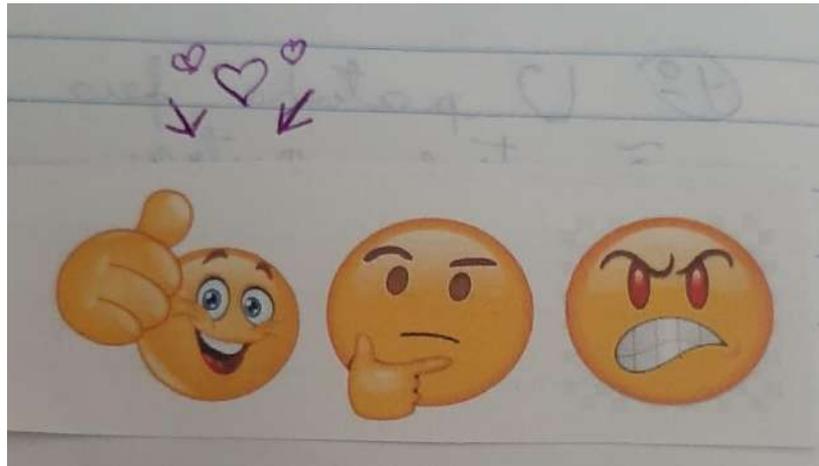
Fonte: Diário de bordo do aluno 24, Ano, 2023.

Figura 11 – Avaliação das aulas de literatura



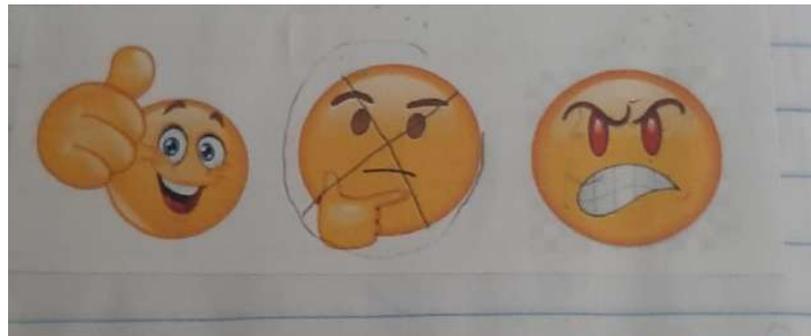
Fonte: Diário de bordo do aluno 26, Ano,2023.

Figura 12– Avaliação das aulas de literatura



Fonte: Diário de bordo do aluno 28, Ano,2023.

Figura 13 - Avaliação das aulas de literatura



Fonte: Diário de bordo do aluno 19, Ano, 2023.

As práticas de leitura desenvolvidas obtiveram um resultado satisfatório para a turma conforme resultado apresentado no gráfico a seguir.

Gráfico 13

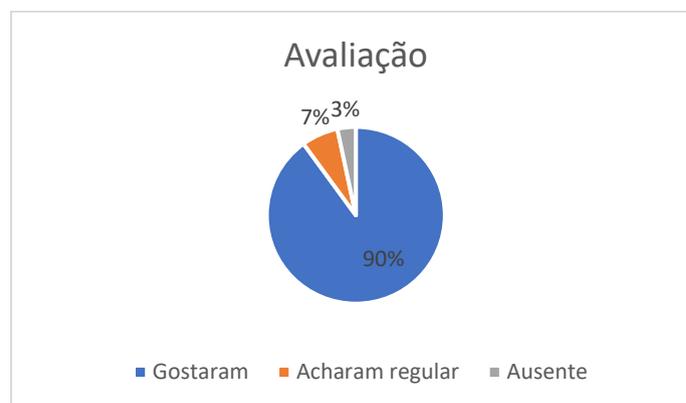


Gráfico elaborado pela pesquisadora, 2023

Praticamente quase uma unanimidade com relação a avaliação positiva das aulas de literatura. O entusiasmo e a participação ativa no decorrer das ações literárias já sinalizavam esse posicionamento da turma que resultou em 90% de aprovação.

Eis alguns pequenos trechos que evidenciam os motivos pelos quais levaram a apreciação favorável dos alunos por essas aulas.

Aluno 10

Gostei muito, pois teve experiências novas e foram muito boas.

Aluno 11

Adorei, pois foram legais e interativas e além disso nos proporcionou aprendizado e aproximação dos colegas.

Aluno 17

Eu simplesmente adorei essas aulas porque aprendi muito sobre os contos maravilhosos.

Aluno 29.

Gostei, foram muito divertidas, principalmente a atividade em dupla [...]

Aluno 30

Porque nós fizemos muitas coisas legais e emocionantes.

Os relatos acima comprovam que, quando estruturadas, as práticas de leitura podem gerar momentos significativos de sensibilização e interação com o texto. Sobre isso, Colomer (2007, p. 70-71) afirma que:

É conveniente, portanto, propor atividades que mobilizem a capacidade de raciocinar, que permitam aprender enquanto se realizam os exercícios, de maneira que as crianças entendam mais a obra quando terminam a tarefa [...] e de maneira que os exercícios não tenham servido apenas para avaliar se os alunos foram capazes de fazê-los.

Os exercícios sugeridos no diário tinham como propósito promover situações que conduzissem à reflexão de naturezas distintas oriundas da vivência literária. Conseqüentemente, nos registros, as aulas de literatura ofereceram atividades interativas, divertidas que proporcionaram novas experiências, mais proximidade com os colegas e, sobretudo, a aprendizagem. Em quase todos os diários, vinte e oito precisamente, havia o emprego da forma verbal “aprendi”, indicando que consciência de que, com a leitura, a pessoa pode adquirir muitos conhecimentos que servirão não

apenas para a vida na escola como também fora dela.

Nesta categoria, também decorreu a avaliação do conto “O Patinho Feio” nas páginas do diário.

Aluno 01

Amei ler a história do patinho feio.

Aluno 02

Gostei. Porque eu conheci a verdadeira história do patinho feio.

Aluno 08

[...] O conto do patinho feio foi muito interessante, divertido e achei lições muito importantes para levar para a vida.

Mesmo sendo uma história conhecida, a turma demonstrou muita estima com o conto escolhido, pois este lhe foi apresentado com um enredo mais amplo do que aquela versão lida nos anos iniciais na escola ou pela família. O que tornou a história mais interessante foi justamente a gama de personagens envolvidas que geraram mais ações, ampliando o conflito e, conseqüentemente, a extensão do tempo, o que chamaram de “verdadeira história do patinho feio”.

O protagonista passou por situações diversas em todas as estações do ano, por isso, nos comentários das anotações do diário, a turma, surpresa, reconheceu que o tempo da narrativa levou aproximadamente um ano. Esse longo tempo se contrapôs ao que passaram para a turma, em épocas remotas, de que a história do patinho tinha ocorrido em menor espaço de tempo.

O depoimento “achei lições muito importantes para levar para a vida”, do aluno 08, reflete às experimentações vividas no decorrer da leitura literária que nem sempre acontecem nos ambientes escolares. Principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental cuja leitura, segundo Cosson (2021 a), “... reserva-se a pura fruição das obras literárias, sem que esse exercício de leitura seja inserido em um processo verdadeiramente educativo.” (p. 70) Portanto, o comentário deste aluno, abre-se como um indício de que é possível tornar o ensino de literatura o que Cosson (2021 c) ressalta como uma prática significativa no processo de ensino-aprendizagem. (p.11)

Ainda analisando o conto, quanto à estrutura do enredo, o desfecho mereceu atenção nos relatos:

Aluno 03

O final do conto maravilhoso O Patinho Feio foi muito bom.

Aluno 13

O final do conto foi muito bom, teve muitas partes legais do conto, mas o mais legal para mim foi o final.

Aluno 17

[...] além de que deixou todos bem tristes, mas o final é bem feliz para nós e para ele, pois ele arruma novos amigos.

Aluno 18

[...] a história é muito triste, mas o final que é bom...

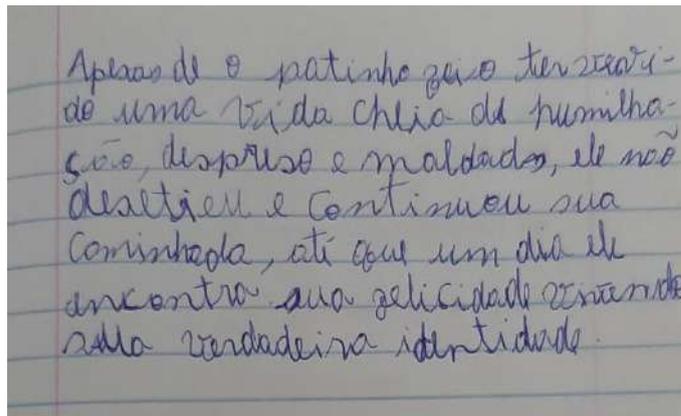
O conto “O Patinho Feio”, apresentado para a turma era completo. Portanto havia mais personagens, mais ações. Embora continuasse as situações de tristeza, de medo e até desespero para o protagonista. O desfecho do conto com o encontro do protagonista com sua família e com amigos suavizaram as mazelas sofridas pelo personagem. O final feliz é sempre o desejado pelos leitores desta idade. Afinal, após passar por vários momentos tristes, o personagem principal recebeu uma recompensa: encontrar sua felicidade com uma família e novos amigos.

Resumos

No diário, de forma sintetizada, o aluno se expressou sobre algumas singularidades que envolveram o processo de leitura literária do conto “O Patinho Feio” e a vida de seu autor.

A história do patinho feio, após a etapa de leitura da sequência básica aplicada, suscitou em cada participante o desejo de recontar, resumidamente, a história do personagem principal. Assim, alguns resumos da história serão apresentados para evidenciar as ocorrências desta categoria nos diários e suas peculiaridades.

Figura 14 – Resumo da obra



Apesar de o patinho feio ter vivido de uma vida cheia de humilhação, desprezo e maldades, ele não desistiu e continuou sua caminhada, até que um dia ele encontrou sua felicidade e viveu sua verdadeira identidade.

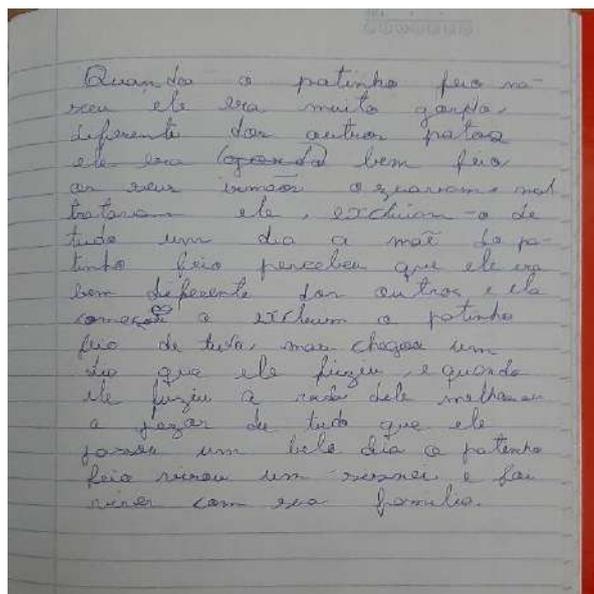
Fonte: Diário de bordo do aluno 19, ano 2023.

Aluno 19

Apesar de o patinho feio ter vivido uma vida cheia de humilhação, desprezo, e maldades, ele não desistiu e continuou sua caminhada até que um dia ele encontrou sua felicidade, viveu sua verdadeira identidade.

(Reescrita a partir do texto original com algumas alterações.)

Figura 15 - Resumo da obra



Quando o patinho feio nasceu ele era muito diferente dos outros patos e ele era tratado bem feio os seus irmãos o zombavam e tratavam ele, até que um dia a mãe do patinho feio percebeu que ele era bem diferente dos outros e ela começou a chamar o patinho feio de tuas mas chegou um dia que ela morreu e quando ele fugiu a mãe dele morreu e ele fez de tudo que ele podia um belo dia o patinho feio viveu um momento e foi viver com sua família.

Fonte: Diário de bordo do aluno 24. Ano,2023.

Aluno 24

Quando o patinho feio nasceu, ele era muito gordo, diferente dos outros patos. Ele era bem feio. Os seus irmãos o zoavam, o maltratavam, o excluía de tudo.

Um dia, a mãe do patinho feio percebeu que ele era bem diferente dos outros e começou a excluir o patinho de tudo.

Mas, chegou um dia que ele fugiu e quando ele fugiu a vida dele melhorou, apesar de tudo que ele passou.

Um belo dia, o patinho feio virou um cisne e foi viver com sua família.

(Reescrita a partir do texto original com algumas alterações.)

Os alunos recontaram a história numa visão mais subjetiva, enfocando aquilo que julgaram mais patente na narrativa: o sofrimento do personagem principal e sua resiliência.

A história de vida de Hans Christian Andersen, retratada brevemente pela pesquisadora durante aplicação da sequência básica, ganhou espaço nas linhas do diário de bordo dos alunos, como os exemplos a seguir:

Aluno 12

... aos 11 anos... perdeu o pai e a mãe dele se casou de novo. O padrasto e Andersen não se davam bem. Então Hans saiu de casa. Acharam ele trabalhando e colocaram numa escola novamente. Ele sofreu bullying na escola e morreu com 81 anos...

Aluno 19

Hans Christian Andersen foi um escritor de historinhas. A vida dele foi bem difícil. Ele teve que trabalhar cedo.

Aluno 20

[...] Andersen era de uma família pobre, saiu de casa, sofreu bullying e virou um escritor que tem mais de 180 histórias.

A etapa da introdução, da sequência básica, contribuiu consideravelmente para o participante informar-se acerca do autor. Essa atitude é imprescindível para estimular a leitura e ajudar na formação do leitor literário. Quanto a isso afirma Terra (2014, p.59) que “[...] quanto mais conhecimento armazenado na memória o leitor tiver, maior sua compreensão, pois esta resulta de uma atualização do texto com base nos conhecimentos prévios.”

É necessário esclarecer que, na anotação do aluno 19, o termo “*historinhas*” se refere aos contos clássicos, que por serem, geralmente, destinados às crianças, o uso do diminutivo remete a esse público.

Acredita-se assim que ter ciência da vida e da obra do autor pode cooperar para o despertar de habilidades leitoras e, conseqüentemente, a produção de novos saberes com o texto literário.

Comentários

Nesta categoria, predominará, segundo Buzzo, o “posicionamento dos diaristas, que surgem da reflexão e que servem para ilustrar um ponto de vista ou um estabelecimento de relação” (p. 98) com relação à obra e outros aspectos associados ao texto.

Os trechos a seguir mostrarão como o participante reagiu diante do conto maravilhoso lido.

Aluno 01

Eu senti raiva por ele ser maltratado e tristeza. No final, senti orgulho por ele ser uma ave muito bonita.

Aluno 09

Eu achei muito linda a história dele. Eu tive um sentimento bom e, às vezes, ruim por causa da humilhação que fizeram com ele. Mas, no final, ele conseguiu achar a família dele.

Aluno 11

Quando ouvi a história, eu senti dó e quando li também. Senti pena do patinho por ele ser desprezado. Acho que várias pessoas que foram excluídas se identificaram com ele. Essa história pode ser um incentivo para elas não desanimarem.

Aluno 13

[...] eu passei um nervoso pelo patinho ter sofrido tanto. Fiquei com muito dó dele, sofreu muito... Amei demais participar dessas aulas...

Essa sensibilidade demonstrada pelos alunos, nas citações acima, também apareceu numa página de diário analisada por Silva (2019, p.96) que justifica afirmando que:

Essa sensibilização [...] pelo aspecto abordado na obra confere segundo Zilberman (1989, p.110) ao leitor “um papel produtivo e resulta da identificação desse com o contexto lido” e reforça que isso só acontece quando há relacionamento da obra com o seu destinatário num processo de interação.

Os comentários produzidos pelos alunos, no diário de bordo, indicam que houve uma interação entre texto e leitor, contribuindo assim para a elaboração de sentidos a partir da obra literária. Essa interação não só envolveu a sensibilidade do leitor para com a história da personagem como também extrapolou o texto quando o aluno 11 cita: “Acho que várias pessoas que foram excluídas se identificaram com ele. Essa história pode ser um incentivo para elas não desanimarem”. Ou seja, o texto provocou, no leitor, reflexões de si mesmo com o texto como também de aspectos inerentes à comunidade a que ele pertence. Pois, segundo Zilberman (2009) “ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca.” (p. 30)

Para completar esta categoria, encontrou-se também, nos diários, pequenos comentários sobre as atitudes das personagens.

Aluno 15

A mamãe pata deveria proteger um pouco mais o patinho feio, pois querendo ou não ele era um filho dela...

Aluno 30

Eu fiquei triste porque todos os animais o dispensavam porque ele era diferente deles.

Mais uma vez, o comentário sai de uma visão superficial do texto para aprofundar, com críticas coerentes, acerca do comportamento de personagens que deveriam amar e proteger o patinho/cisne, no entanto, foram os primeiros a desprezá-lo.

Os comentários traçados pelos alunos, mostram que o ato de ler deve exceder, ir além da narrativa e sua compreensão estrutural, deve levar o leitor a fazer julgamentos, críticas, questionamentos a partir do que lhe expõe o texto literário.

Ademais, o conto trouxe para os escritores do diário ensinamentos fundamentais apreendidos pela experiência literária e que servirão para a boa convivência em sociedade. Afinal, para Cosson

(2021 c, p.68): “O importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de uma forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar”.

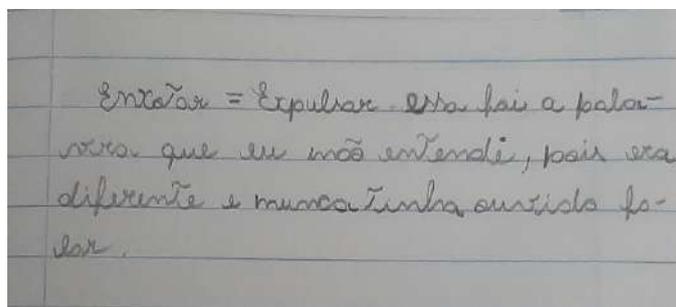
As atitudes de refletir o texto e de externalizar o pensamento são passos importantes para o letramento literário ser uma realidade na escola.

Dúvidas

Durante o processo de aplicação desta experiência, surgiram incertezas com relação ao texto literário lido. Estas dúvidas envolviam tanto palavras cujos significados os alunos desconheciam, como o comportamento de alguns personagens, inclusive o protagonista e até mesmo o autor foi interpelado sobre o seu modo de criação do conto em estudo.

Na etapa da **leitura**, inclusa à sequência básica, a respeito de dificuldades surgidas durante a leitura e que impediram a compreensão total ou parcial do conto, poucos alunos apresentaram dúvidas que se limitaram ao significado de algumas palavras.

Figura 16 – Dúvidas sobre o texto



Fonte: Diário de bordo do aluno 11, Ano, 2023.

Além do vocábulo “*enxotar*”, naquele momento em sala e depois registrados nos diários, apareceram, de forma mais repetida, as seguintes palavras com os respectivos significados pesquisados pelos alunos:

Brejo: pântano

Grunhiu: voz do porco

Resignado: que suporta um mal sem se revoltar

Sinuoso: recurvado

Fonte: Diário de bordo dos alunos, 2023.

É natural que haja a incompreensão do significado de vocábulos do texto literário. Mesmo que tenhamos buscado uma versão com uma linguagem mais acessível ao público deste trabalho, vários fatores contribuem para que esta dificuldade aconteça. Entre eles, o pouco contato com o texto clássico, ou seja, os escassos momentos de leitura de textos literários que, muitas vezes apresentam palavras que não fazem parte do cotidiano dos alunos e a forma como tais textos são explorados na sala de aula.

Houve um momento para pesquisa das palavras durante a etapa da **leitura** para a compreensão da narrativa, com auxílio de dicionários, dessa forma, o trabalho com o texto literário escolhido teria um resultado mais satisfatório para o que estava sendo proposto.

À medida que o diálogo com o texto ia acontecendo através dos textos escritos nos diários, percebeu-se a presença de dúvidas relacionadas à história cujas respostas estariam além do texto.

Aluno 01

Como o ovo do cisne foi parar no meio dos ovos de patinhos?

Aluno 15

Eu fiquei em dúvida com o que ia acontecer com o patinho feio. Além disso, no final, veio a dúvida sobre a mãe pato e os outros patinhos: será que ficaram com saudade e foram atrás do patinho?

Aluno 28

Eu queria saber que fim levaram sua mãe e seus irmãos patos[...]

Aluno 29

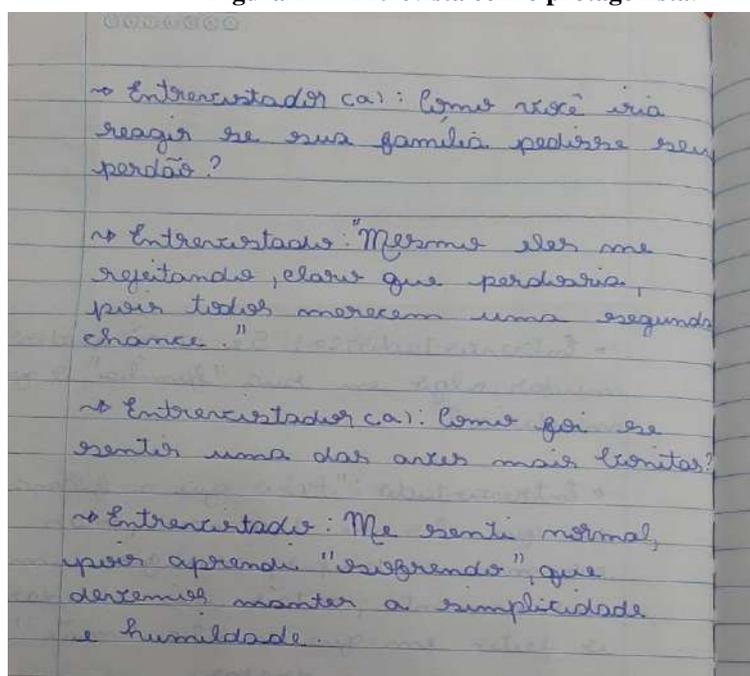
Por que ninguém o ajudou ou foi amigo dele?

Os questionamentos procedem pelas ações transmitidas pelo conto: “Como o ovo do cisne foi parar no meio dos ovos de patinhos?” A história já se inicia com a mamãe ajeitando o ninho perto de um rio, próximo a um castelo, para chocar os ovos. Não há indícios de como aquele ovo de cisne chegara até o ninho de uma pata. Assim, como procedeu a família da pata após a partida do chamado patinho feio? Houve arrependimentos? Foram felizes com a expulsão do estranho patinho? E, por

fim, por que ninguém ajudou verdadeiramente aquele personagem? As justificativas não transparecem no texto quiçá nas entrelinhas. Cabe ao leitor, fazer suas interpretações e reflexões. São perguntas criativas que podem gerar diversas possíveis respostas. Como propõe Terra (2014, p.64), “o texto, dessa forma, deve ser visto como um projeto que serve de orientação para a leitura.”

Em outro momento, os alunos transformaram aquilo que gostariam de saber e que não estavam no texto em uma entrevista. Como entrevistadores, eles fizeram suas indagações para o entrevistado e, em seguida, criaram respostas que o protagonista supostamente daria. As respostas foram concebidas sob a perspectiva do aluno e sua experiência com o conto.

Figura 17 – Entrevista com o protagonista.



Fonte: Diário de bordo do aluno 06, Ano, 2023.

Aluno 06

Entrevistador (a): Como você iria reagir se sua família pedisse seu perdão?

Entrevistado: Mesmo eles me rejeitando, claro que perdoaria, pois todos merecem uma segunda chance.

Entrevistador (a): Como foi se sentir uma das aves mais bonitas?

Entrevistado: Me senti normal, pois aprendi “sofrendo”, que devemos manter a simplicidade e humildade.

(Reescrita a partir do texto original com algumas alterações.)

Neste trecho da entrevista, com uma escrita bem estruturada mostrando um nível satisfatório de conhecimento linguístico, o aluno produziu tanto os questionamentos quanto as respostas que supostamente o entrevistado daria. As respostas foram voltadas para os sentimentos do personagem a partir do que ele viveu em sua trajetória na história. A produção das perguntas e das respostas nos confirma que, num texto, nem tudo foi dito pelo autor.

As dúvidas são intervenções que o leitor pode fazer no texto, pois o autor, por mais metódico que seja, sempre deixará informações incompletas. Sobre isso, Terra (2014, p. 65) afirma que:

[...] o texto é algo mais do que a soma das frases que o constituem, já que há lacunas (*gaps*) deixadas intencionalmente pelo autor; pois, pelo princípio da economia, o produtor do texto não explicita todas as informações, uma vez que pressupõe conhecimentos partilhados pelo leitor que não precisam ser explicitados.

Quando o leitor começa a transcender as linhas com suas objeções, reflexões e posicionamentos diversos sobre o texto, assim, as lacunas vão sendo preenchidas pelo leitor numa visão pessoal e despontadas pelos encaminhamentos tomados durante a leitura.

A primeira explicação do entrevistado, mostra a perspectiva do leitor de que o perdão é algo inerente ao ser humano “claro que perdoaria”. Mesmo não sendo protegido, amado e acolhido pela primeira família, o personagem, na visão do discente, perdoaria sua família sob a justificativa de que todo indivíduo que erra pode receber o perdão para ter, novamente, a chance de ser uma pessoa melhor, “pois todos merecem uma segunda chance”.

Na segunda explicação, esperava-se que o personagem se apoiasse na vaidade para engrandecer a beleza da sua espécie. Contudo, o posicionamento do protagonista de se sentir normal revela que a os obstáculos da vida ajudam o indivíduo a manter-se simples e humilde no seu cotidiano.

A atividade da entrevista proporcionou momentos de reflexões, indagações, ou seja, a construção de pensamento numa concepção pessoal do texto literário para preencher espaços vagos na narrativa.

Em um dos diários, o aluno notou a existência dessas lacunas e relatou esse fenômeno da seguinte forma:

Aluno 27

[...] Quando fiz a entrevista, vi a magnitude e a quantidade de perguntas do conto que não foram respondidas e que poderiam fazer teorias para explicar a história do pato. [...]

O aluno 27 reconhece a grandeza do conto por lhe fazer perceber que muita coisa não estava nas linhas do texto, confirmando que uma obra literária não consegue comunicar tudo ao leitor: “vi... a quantidade de perguntas do conto que não foram respondidas”. Ou seja, durante a elaboração das perguntas para a entrevista, ele foi entendendo que havia muito mais informações para serem dadas, mas que não estavam na superfície do texto. Terra (2014, p.65) relembra que

Mas, como nos *icebergs*, o texto diz mais do que se vê em sua superfície, competindo ao leitor, por meio de inferências feitas a partir de pistas presentes na superfície textual e de indícios presentes no contexto e contexto, fazer vir à tona essas informações escondidas.

No trecho: “... e que poderiam fazer teorias para explicar a história do pato”, os alunos criaram suposições na entrevista para complementar algumas lacunas existentes no texto.

Por último, dúvidas relacionadas ao autor também evidenciaram nas páginas dos diários.

Aluno 01

Essa história tem alguma coisa a ver com sua vida?

Aluno 12

Se ele é o criador, será que ele poderia controlar tudo assim que pegasse no lápis?

Aluno 18

Eu perguntaria se esse conto foi baseado em uma história real e depois mudou para animais e por que o nome do conto é patinho feio sendo que ele era um cisne.

Aluno 28

Como é ser um escritor?

As perguntas não obtiveram respostas, entretanto esses questionamentos ajudam o aluno a entender qual seu papel nesse processo de leitura. Para Santos e Souza (2011, p.33) “questionar é uma estratégia de leitura”. Nessa condição, o leitor sente que há vazios no texto, nem tudo está declarado. Quando o leitor reconhece essas carências e as questiona, ele está inserido num processo de leitura mais amplo, que se faz com o explícito e o implícito no texto.

A participação efetiva do leitor questionando, se posicionando, preenchendo lacunas, tudo

isso o encaminha para o letramento literário, por isso é importante ouvir e procurar atenuar as dúvidas do leitor. As hesitações precisam ser bem acolhidas pelo mediador porque elas permitem que o leitor trace um diálogo subjetivo com o texto, desenvolvendo competências leitoras que o acompanharão na escola e na sociedade.

Relações

As atividades propostas para o diário conduziram os alunos, conforme Buzzo (2003, p.99) propôs a estabelecer uma relação da história lida com comportamentos e atitudes dos indivíduos na sociedade e em sua vida pessoal.

Na primeira relação estabelecida, a vivência literária com o conto “O Patinho Feio” trouxe ponderações que o aluno tomou como lições que podem ser vividas em diversas situações sociais.

Aluno 17

O conto ensina que nós devemos respeitar todos, não importa a aparência ou a religião. Somos iguais e devemos respeitar todos do mesmo jeito.

Aluno 27

A história serve de lição para aprendermos a nunca desistir, a sempre buscarmos o melhor e a respeitarmos os outros não olhando apenas para a aparência.

Aluno 29

A história é importante para as crianças não ficarem preconceituosas com outras pessoas por causa da aparência ou da cor da pele.

Os fragmentos citados, exemplificam a relação que seus autores fizeram da história com a realidade. Todos os eventos transcorridos pelo protagonista inspiraram os alunos a lembrarem de problemas sociais contemporâneos como a intolerância religiosa e o racismo.

A escola como uma instituição social não pode ficar alheia ao que acontece na sociedade e o texto literário se apresenta como instrumento provocador de conversas, discursões e reflexões sobre os problemas sociais vigentes. Por isso, para o aluno 29 “A história é importante para as crianças não ficarem preconceituosas”. Ou seja, ele reconhece que é função da escola fazer com que novas

gerações tenham um posicionamento de empatia e respeito pelo outro.

Além disso, o aluno 27 aponta que “A história serve de lição para aprendermos a nunca desistir, a sempre buscarmos o melhor”. O otimismo e a autoestima são fatores preponderantes para combater o preconceito, pois o respeito aos “outros não olhando apenas para a aparência” também é significativo para se viver em harmonia.

Alecrin (2020, p. 102)⁵ ressalta, em seu trabalho acadêmico do PROFLETRAS, os benefícios da leitura, principalmente, para o ambiente social.

[...] a leitura traz benefícios a todos os cidadãos, pois proporciona o pensamento crítico social, levando o leitor a refletir sobre si mesmo e sobre o meio que o cerca. Por meio da leitura, o indivíduo se torna autônomo, pois esta proporciona o conhecimento de culturas que favorece a boa convivência em sociedade. Assim como também, promove a reflexão sobre conceitos e valores que norteiam a comunidade.

A leitura pode auxiliar na construção de uma sociedade mais humana porque promove reflexões direcionando o ser humano para uma mudança nas formas de pensar e agir.

Uma outra relação determinada pelos estudantes se concentra no comportamento de algumas pessoas, do seu convívio, com personagens do conto.

Aluno 01

Refleti que os animais que aparecem na história se parecem com pessoas mal educadas que julgam as outras. Não conseguem aceitar as outras que são diferentes.

Aluno 22

A história de Hans se parece com do meu pai. Ele teve que parar de estudar. Ele começou a trabalhar com 12 anos e também sofreu bullying porque passava necessidade.

Aluno 25

Uma ex-amiga se parece com a mulher da cabana que estava esperando algo. Como essa ex-amiga percebeu que eu não era o que ela esperava, começou a me tratar mal.

⁵ Rosimeire Santos Alecrin produziu sua Dissertação *A formação do leitor crítico nos anos finais do ensino fundamental por meio da leitura de contos* para o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em 2020. A orientação para o trabalho acadêmico ficou sob responsabilidade do Professor Dr. Márcio Antônio de Souza Maciel (UEMS).

Observa-se no discurso do aluno 01 que o comportamento dos animais com o patinho/cisne, no texto, é associado ao comportamento de muitas pessoas que agem da mesma forma, ou seja, com preconceito, com intolerância ao outro por ser, pensar ou agir diferente. Na concepção desse aluno, estas pessoas são mal-educadas, deixando transparecer o quanto a família, a escola e a sociedade estão falhando enquanto instituições de formação humana.

Já no segundo fragmento, a realidade do aluno 22 relembra a história de Andersen que começou a ter grandes responsabilidades, ainda na adolescência, devido ao falecimento do pai que sustentava a família. Esta situação é relacionada com a vida familiar do autor deste diário. Embora não tenha descrito o motivo do pai ter iniciado no mundo do trabalho aos doze anos, o aluno retratou, de forma condensada, que seu pai passara por momentos tristes que o levaram a abandonar os estudos para iniciar, precocemente, no mercado do trabalho. E durante a vida, este homem foi ridicularizado e desrespeitado por pessoas que não tinham empatia nem compreendiam sua situação social e econômica.

No entanto, o aluno 25 estabeleceu uma relação entre a atitude de uma das personagens com uma experiência pessoal. A mulher a qual se refere acolheu o patinho/cisne em sua cabana porque pensava que se tratava de uma pata que poderia oferecer-lhe muitos ovos e, com estes, produziria muitas guloseimas. Dias se passaram, nada de ovos. A mulher descobriu que o novo hóspede era macho, portanto, não poderia atender às suas expectativas. Conseqüentemente, o pequeno animal passou a ser maltratado e acabou fugindo daquele lugar.

Neste terceiro fragmento, o diarista retratou algo de sua vida bem semelhante ao que está registrado no conto. Por um tempo, sua amizade foi aceita, até que percebeu que não passava de um jogo de interesses, que ao serem frustrados, levou aquela amizade a uma fase de desprezo.

Nos registros dos seus alunos, Alecrin (2020) também encontrou trechos que denotam essa relação do personagem com a vida real o que lhe causou surpresa pela maturidade com a qual essa relação foi estabelecida. A respeito disso comenta que:

O impressionante nestas respostas, está no fato dos estudantes relacionarem os elementos do conto com a realidade vivida por eles no cotidiano social. Principalmente, por perceberem que o perigo, hoje, representado pelo “lobo mau”, não se restringe ao gênero feminino, mas que o gênero masculino, também, é atingido por ele. Na realidade, ninguém está isento de ser assediado pelo “lobo mau” representado pelo álcool, as drogas e outros vícios citados pelos adolescentes. (p .90)

Com esses comentários, nota-se a riqueza de conhecimentos que o texto literário pode gerar em cada indivíduo.

Com as inferências dos alunos sobre os contos, confirma-se as palavras de Zilberman (2009)

de que “a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca.” (p. 30).

A literatura, portanto, não está fora do indivíduo, mas se constrói na subjetividade e se espalha na partilha das vivências pessoais e do outro.

Além das relações sociais e individuais, os alunos também estabeleceram ligações entre a obra e a vida do autor.

Aluno 03

Não tem ninguém, mas já vi muitas crianças sem ser da minha família passando por dificuldades como Hans.

Aluno 07

Eu pensei: por que o autor sofria muito bullying igual ao patinho feio.

Aluno 28

... a história é baseada na vida de Andersen que também sofreu. Ambos sofreram bullying por um motivo parecido, os dois eram julgados pela aparência [...]

Os contos de Andersen foram inspirados na triste história de vida do próprio autor e do seu povo. Na etapa da **introdução**, da sequência básica, o aluno teve a oportunidade de conhecer um pouco sobre a vida do escritor Andersen e, após a leitura do conto “O Patinho Feio”, fez algumas induções entre a história de vida do autor e a história da vida ficcional do patinho feio.

Durante a conversa em sala estimulada pelas anotações do diário, o aluno deixou claro que reconhece a existência, na cidade onde está localizada a escola, de muitas famílias com dificuldades para se manterem financeiramente e terem uma vida mais digna. Por este motivo, segundo a turma, é possível encontrar muitas crianças e muitos adolescentes nas ruas vendendo doces, panos de prato ou pedindo dinheiro para os adultos no intuito de ajudar nas despesas de casa.

Silva (2019) também encontrou nas anotações com esse recurso de ligação entre texto e realidade.

Notamos o aluno ampliar seus horizontes de compreensão não apenas para construção de sentido acerca da obra, mas também para a sua sensibilidade no que diz respeito às questões sociais “agente se importa com as pessoas nas ruas”. Isso é uma das grandes funções da literatura que é a de sensibilização, a de transformação e a de humanização do ser humano (SILVA, 2019, P. 118).

Assim, o aluno percebeu que o texto literário e a realidade não estão dissociados, eles se complementam e dialogam.

Em suma, nesta categoria, ficou evidente a afirmação de Aguiar (2009, p.160) de que “Ler ficção... não é entrar num mundo mágico, irreal e alienado, mas captar a realidade mais intangível, aquela sedimentada no imaginário a partir das ingerências do cotidiano da história individual e social.” Com essas referências, o processo de interação entre autor, leitor e texto pode apresentar-se de forma mais significativa para o letramento literário.

Contribuições

As anotações nos diários revelaram que as aulas de literatura contribuíram consideravelmente não só para ampliar o conhecimento dos participantes desta pesquisa como também proporcionar novas experiências com o texto literário.

As contribuições, segundo Buzzo (2003, p.100), “referem-se à expressão de subsídios para sua vida, que os diaristas julgam que o texto lhes traz”. Tais subsídios poderão surgir do próprio texto ou do processo no qual está inserido.

São inúmeras as contribuições, porém algumas foram selecionadas e se organizam tanto do texto para o leitor como vice-versa.

Aluno 06

Gostei muito das aulas de literatura. Também aprendi a refletir mais. Outra coisa, achei muito importante que foi a mãe do patinho feio que se importou mais com o que os outros falavam. Então é muito bom você seguir seu coração.

Aluno 14

Eu entendi que o patinho sofreu bullying da própria família e que, no final, ele ficou mais bonito que a família dele. É triste saber que muita gente passa por isso. O patinho se sentiu tão excluído da família dele que precisou fugir de casa para encontrar um lugar melhor para viver em paz.

Aluno 16

...eu achei muito importante, pois ensina as pessoas a não praticar o bullying, a ajudar o próximo e a tratar as pessoas bem.

Aluno 18

Que a beleza e a aparência não importam, mas, sim, quem você é por dentro.

De acordo com os registros dos alunos 06, 14, 16 e 18, as aulas de literatura proporcionaram momentos de interação e aprendizado com o texto literário, inclusive um novo tipo de leitura que conduz a reflexões do leitor para si mesmo e para o mundo.

Aluno 07

Aprendi a enturmar com as pessoas da sala. Agora eu me interessei mais pela leitura. Eu já estou lendo o livro Harry Potter.

Aluno 13

O interesse pela leitura aumentou que fui procurar livros de Hans Christian na biblioteca e peguei um que agora estou lendo.

Para outros participantes, esse período criou oportunidades para a turma interagir mais e despertou o interesse pela leitura de obras literárias contemporâneas e clássicas, cumprindo assim um dos objetivos desta pesquisa: “Desenvolver o gosto pela leitura de textos literários, especificamente contos maravilhosos”. Tudo bem que Harry Potter não se classifica como gênero conto, entretanto seu mundo ficcional se compõe a partir de um universo do maravilhoso.

Com relação ao gênero escolhido, os alunos escreveram que já tinham ouvido falar sobre os contos maravilhosos em aulas anteriores ou em casa e até citaram o título de alguns como “Polegarzinha”, “João e o pé de feijão”, “Os três porquinhos”, “A roupa nova do imperador”, “O soldadinho de chumbo”, dentre outros.

Aluno 17

Já sim. Eu, com esse gênero textual, aprendi conhecimentos novos. Nos contos maravilhosos não temos fadas, mas temos magia no texto, (...) deixando a história mais divertida.

Outros revelaram que conheciam os contos com as características citadas durante as aulas, entretanto desconheciam o nome que lhe era atribuído como gênero.

Aluno 08

...Já tinha lido várias histórias desse tema, mas não sabia que esse era o nome.

A novidade não foi o gênero em si, mas o termo *conto maravilhoso* que, após a apresentação do conceito, a turma reconheceu que já tinha lido vários sem saber que o gênero recebia este nome: conto maravilhoso.

Outra contribuição importante proporcionada por estas aulas foi que a grande maioria dos alunos demonstrou, no início, não saber da existência de Hans Christian Andersen e da sua relevância para a literatura infantil. Ao final, através dos registros, a turma não só demonstrou o conhecimento adquirido sobre o autor como também reconheceu a relevância da sua escrita para a sociedade.

Aluno 06

[...] a novidade para mim foi que antes eu não o conhecia, mas conhecia os contos, que aliás, achei muito criativos e também achei que em cada conto ele menciona críticas sociais. [...] Aprendi também que Hans aprendeu, desde cedo, a gostar de arte e da literatura com seu pai que construía teatro de fantoches para suas brincadeiras e contava histórias.

Aluno 26

[...] nos ensina a não desistir, pois ele não desistiu e encontrou uma família e amigos.

Aluno 28

Aprendi que Andersen era muito inteligente, estudioso, trabalhador e grande escritor. Hans já morreu, mas suas obras permaneceram para sempre.

O aluno 06, inicialmente, ressalta que não sabia da existência de Andersen “antes eu não o conhecia”, porém revelou que já tivera acesso a muitos contos desse autor sem saber que a ele

pertenciam as narrativas e considerou essas histórias como criativas e permeadas de críticas sociais. O trecho foi concluído com a lembrança do contato que Andersen tivera, desde a infância, com a literatura através da contação de histórias, da confecção e manuseio de fantoches ensinados pelo pai, mostrando com isso a importância da família para a formação leitora do escritor.

Para o aluno 26, o conto “O Patinho Feio”, lhe fez refletir sobre os sentimentos de otimismo e de perseverança. As pessoas têm sonhos, os obstáculos que surgem durante o caminho não devem desanimá-las, mas servir de motivação para não desistir assim como aconteceu com o patinho/cisne.

Como escreveu o aluno 28, Andersen foi um rapaz muito inteligente, estudioso, trabalhador que se transformou em um “grande escritor”. Venceu os desafios e como contista, conseguiu reverter sua situação de vida e suas histórias se eternizaram.

Portanto, o conhecimento com relação à vida de Andersen possibilitou que os alunos, no decorrer do processo de leitura, fizessem inferências, comparações e questionamentos com mais propriedade.

Como afirma Cosson (2021 c, p.35.) “é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura”.

No decorrer da análise das categorias de interpretação do gênero diário foi perceptível que essa ampliação dos “horizontes de leitura”, citado por Cosson (2021 c), foi provocada através das práticas de leitura literária vividas pelos alunos durante a aplicação da sequência básica. Portanto, o detalhamento das categorias revelou que as ações estabelecidas contribuíram, de formas diversas, para a formação de um leitor proficiente no sexto ano.

4.3.3 Outros benefícios proporcionados pelo ensino de literatura com o diário de bordo

Além de ter possibilitado a análise das categorias de interpretação supracitadas, o diário de bordo revelou outras informações pertinentes que mostram como o ensino de leitura pode beneficiar o indivíduo em sua formação leitora.

Alguns registros chamaram a atenção pela criatividade, espontaneidade, envolvimento com a leitura do conto, ou seja, o leitor percebeu que sua função também é importante e necessária para trazer novos significados ao texto literário.

Após a leitura e conversa sobre o conto, já na etapa **interpretação** da sequência básica, em uma das atividades para compor o diário, nomeada de Registro II, pedia que os alunos escolhessem um novo personagem para participar da história. Eles poderiam desenhar, colar ou utilizar da linguagem verbal para apresentar esse novo participante bem como poderiam justificar a escolha.

Alguns alunos, por não disporem de habilidades para o desenho, optaram pela colagem da personagem um cisne mãe respondendo à seguinte questão: “Que novo personagem você acrescentaria à história?”

Figura 18 – Novo personagem



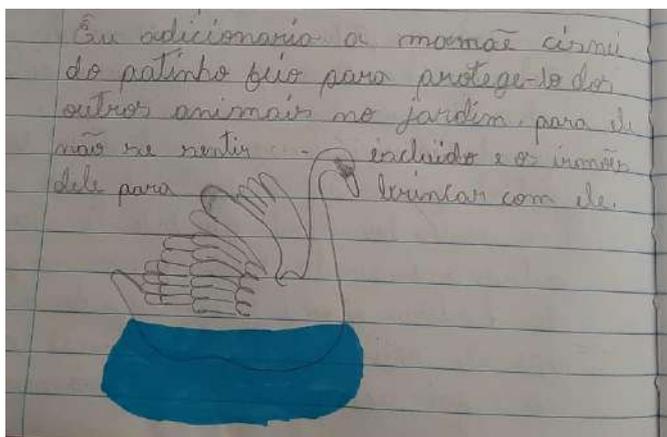
Fonte: Diário de bordo do aluno 01, Ano,2023.

Aluno 01

A acrescentaria um cisne mãe para adotá-lo e ele ter apoio de uma mãe.

Outros alunos preferiram expressar essa mesma ideia da mamãe cisne através de um desenho simples, porém significativo.

Figura 19– Novo personagem



Fonte: Diário de bordo do aluno 18, Ano, 2023.

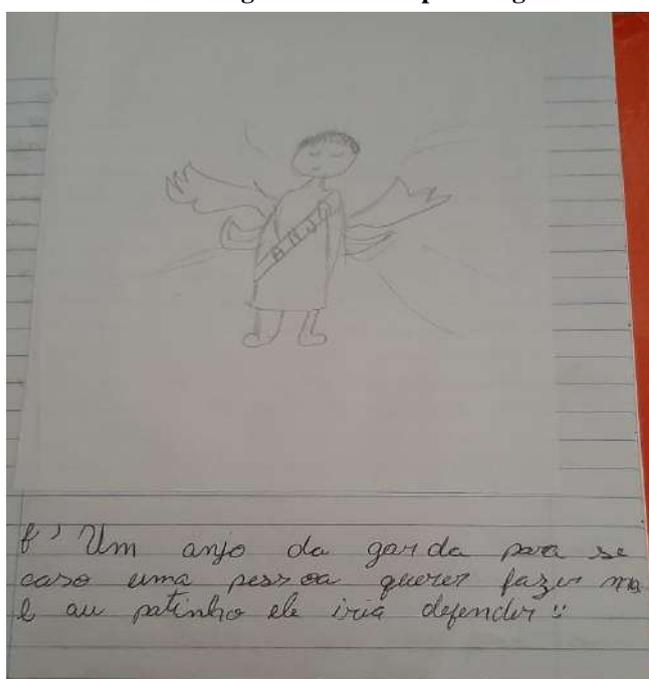
Aluno 18

Eu adicionaria a mamãe cisne do patinho feio para protegê-lo dos outros animais do jardim, para não se sentir excluído e os outros irmãos pararem de brincar com ele.

Nos diários dos alunos 01 e 18, a figura da mamãe cisne, seja num lago de águas tranquilas e com filhotes ao seu redor (colagem do aluno 01) ou num lago de águas translúcidas e azuis (desenho do aluno 18), retrata um ser que acolhe e protege, contrapondo à figura feminina do conto, a mamãe pata, que não reconhece o pequeno ser estranho, que surgira em seu ninho, como seu filho. E, sob pressão dos outros animais da fazenda, a mamãe pata, acaba não aceitando o patinho esquisito como parte de sua ninhada e o deixa partir, sem intervenção alguma.

Segundo o aluno 25, o personagem mais indicado para fazer parte da narrativa e que, com certeza, ajudaria o patinho a escapular de várias situações desagradáveis seria um anjo da guarda.

Figura 20 – Novo personagem



Fonte: Diário de bordo do aluno 25, Ano, 2023.

Aluno 25

Um anjo da guarda para se caso uma pessoa fizer mal ao patinho, ele iria defender.

O aluno 25 escolheu um anjo da guarda como novo personagem do conto “O Patinho Feio”. O desenho simples deixa claro a figura de um anjo com sua veste celestial, com asas e uma faixa atravessada com o nome “ANJO”. Para o aluno, o ser celestial seria a melhor companhia, pois estaria sempre pronto para entrar em ação assim que a maldade começasse a circundar o frágil patinho.

Para outros alunos, o conto não precisava ser acrescido de novos personagens, tudo estava perfeito. Para expressar essa posição, a linguagem verbal aparece como preferência por alguns alunos da turma.

Aluno 08

Não colocaria mais nenhum personagem porque obviamente mudaria o rumo da história...

Aluno 27

Eu não acrescentaria nenhum personagem. Acho que o mágico dos personagens já está bem construído e não há necessidade de adicionar ou remover nada.

Portanto, para esses alunos não é pertinente sugerir que se faça alterações no enredo. Segundo o aluno 27, o enredo foi muito bem construído, a escolha das personagens foi muito bem-feita, “não há necessidade de adicionar ou remover nada”, caso isso aconteça, o aluno 08 deixou o alerta de que “mudaria o rumo da história.”

Em outra oportunidade, mais precisamente no Registro III, para ajudar na produção do diário entre outras perguntas, havia esta: “Se pudesse, o que trocaria na história?”

Os alunos se manifestaram sugerindo algumas mudanças na história.

Aluno 06

A forma como os outros patinhos o tratava por ser diferente de seus irmãos...

Aluno 11

Eu faria a troca por um irmão que apoiasse e ficasse do lado do patinho ao invés de desprezá-lo...

Aluno 15

Faria a mamãe pata proteger um pouco mais o patinho feio, pois querendo ou não, ele é um filho dela...

Aluno 17

Nesta história, eu trocaria muita coisa, principalmente, a má educação das personagens com o patinho feio... eles agiram mal, com falta de respeito e muito preconceito.

Em hipótese, alguns mudariam o comportamento dos personagens para com o protagonista. Os alunos 6 e 17, por exemplo, pensaram que se os animais envolvidos na narrativa tivessem um comportamento mais respeitoso, o patinho/cisne não teria sofrido tanto, nem com os irmãos e menos ainda com os outros personagens. Já os alunos 11 e 15 pensaram que o apoio da família seria fundamental para a vida do personagem principal, pois teriam companheirismo e proteção. Portanto, as mazelas não seriam tão grandes e subseqüente.

Nesse registro, houve alunos que relataram que nada trocariam do conto porque não há necessidade. Para eles, todos os elementos narrativos são satisfatórios para a construção da história. Esse posicionamento também apareceu na atividade sobre um novo personagem que eles poderiam inserir no conto.

As atividades desenvolvidas com a inserção de uma nova personagem e uma possível troca de algo incômodo do texto provocaram a criatividade, a imaginação e o senso crítico do aluno. Com isso, o aluno percebeu que sua posição como leitor não é passiva, ela é tão importante quanto a posição do texto e do escritor. Sobre essa postura, Santos e Souza (2011) defendem que “a leitura não deve ser uma atividade passiva: o leitor precisa se sentir parte de todo o processo, envolvimento que torna as crianças ativas, vivas e entusiasmadas, ao lerem” (p.32). Desse modo, as práticas de leitura devem também envolver o leitor e torná-lo protagonista na construção do seu próprio saber.

Segundo Santos e Souza (2011, p.50), no texto ficcional:

A estrutura é marcada pelos vazios que chamam o leitor para preenchê-los, dando vida ao mundo formado pelo leitor. Cada criança os preencherá de uma maneira, de acordo com sua vivência, experiência e imaginação, e não apenas decifrando o código”.

Por isso, a compreensão com relação às diversas mudanças sugeridas para o enredo e as diversas sugestões de personagens para serem acrescentados à história. As lacunas foram preenchidas pelo leitor conforme sua experiência e seu conhecimento de mundo.

As atividades realizadas durante a aplicação da sequência básica e registrada no diário de bordo, geraram essa construção do saber. O interessante que essa ação não aconteceu de forma individualizada, apenas. Alguns alunos perceberam que essa aquisição de conhecimentos, principalmente no que se refere à leitura também, notoriamente, pode ocorrer de forma coletiva.

Aluno 06

Para mim, o mais interessante foi ouvir a opinião dos outros e saber as suas ideias.

Aluno 08

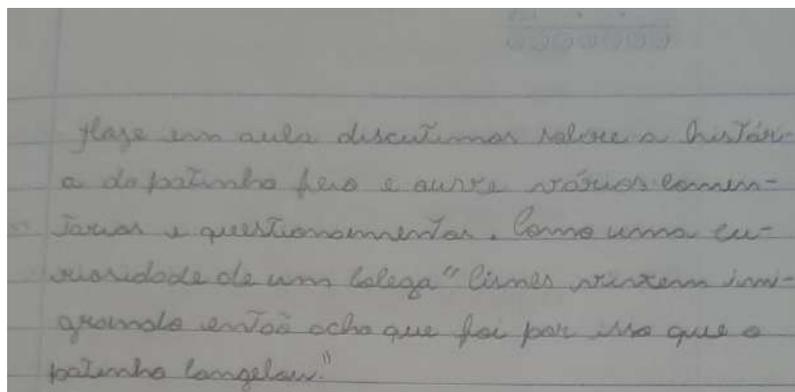
[...] Meus colegas sabiam várias coisas sobre a história e sobre cisnes. Então apresentaram esses fatos para a turma.

Alguns conheciam pessoas que são ou eram tratadas dessa maneira por amigos, primos, vizinhos, colegas ou... conhecidos.

[...]

Eu adorei as aulas com o diário de bordo e mesmo que eu não tenha lido todas as respostas fiquei chocada pelo fato de alguns colegas colocarem respostas parecidas com as minhas.

Figura 21 – Participação coletiva



Fonte: Diário de bordo do aluno 11, Ano, 2023.

Aluno 11

Hoje, em aula, discutimos sobre a história do patinho feio e ouvi vários comentários e questionamentos. Como a curiosidade de um colega “cisnes vivem imigrando. Então acho que foi por isso que o patinho congelou.

Aluno 15

Após apresentar minha entrevista, ouvi várias perguntas interessantes e respostas criativas...A professora pediu que nós disséssemos o que entendemos da aula e nisso aprendi muito sobre aves, cisnes, etc.

Os fragmentos acima revelam a percepção do aluno de que a leitura também ocorre na partilha. O depoimento do aluno 06, chega a ser emocionante, porque reconhece esse momento de socialização como o “mais interessante” das atividades desenvolvidas. Com referência a isso, Cosson (2021 c, p.66) afirma que:

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma sociedade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

Essa consciência de pertencer a uma comunidade de leitores, em que ouvir as inferências do outro é tão importante e interessante quanto expor as suas, mostra um amadurecimento imenso desse leitor.

Ainda sobre a comunidade de leitores, Colomer (2007, p.143) relata que:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor...Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas.

Compartilhar as interpretações acarretou novos conhecimentos como os alunos 08 e 11 perceberam. Inclusive, o aluno 11 expressou seu pensamento numa escrita bem estruturada com conectivos, pontuação adequada, clareza de ideias e uso de aspas para destacar o discurso direto do colega. Isso indica que este aluno possui um nível de conhecimento satisfatório o que poderá levá-lo a muitas aprendizagens.

Alunos mais curiosos fizeram uma pesquisa sobre os cisnes utilizando a internet. Durante a leitura dos relatos do diário de bordo, muitas informações foram passadas deixando a turma encantada e mais eufórica com relação ao conto.

Acredita-se que a curiosidade, muito própria da idade, e a expectativa das aulas de literatura, moveram os alunos a pesquisarem sobre as aves. Eles sempre se mostraram interessados e animados durante a aplicação das atividades pedagógicas.

A atitude de ir em busca de conhecimento, espontaneamente, foi muito positiva. Para Colomer (2007) “A necessidade de saber ‘mais’ para poder entender ‘melhor’ é algo próprio a qualquer processo de compreensão, inclusive, é claro, a leitura.” (p. 71)

Portanto, essa busca voluntária pelo saber contribuiu significativamente para a aquisição de novos conhecimentos. A literatura, com isso, cumpre seu papel de provocar a curiosidade para suscitar novas aprendizagens e novas experiências literárias.

É interessante ressaltar também que as atividades pedagógicas desenvolvidas com o diário de bordo proporcionaram novas experiências literárias através da liberdade de expressão que resultou em contribuições significativas para este trabalho.

Mesmo com orientação didática de como poderiam fazer as anotações nos diários, teve participante que utilizou de poucas linhas para se expressar enquanto outros produziram textos maiores. Já em outra atividade, teve participante que preferiu respondê-la com colagem, outros optaram em usar o talento e desenhou o que tinha sido solicitado e ainda teve um terceiro grupo que preferiu usar a linguagem verbal. Sobre esse assunto, Buzzo (2003, p.110) destaca que “nos diários, essas diferentes formas de apresentação funcionam como um suporte para a liberdade de expressão, pois o produtor dirige seu raciocínio para onde lhe convier, ao concordar ou não, ao posicionar-se, ao relacionar, etc”.

Toda as ações elaboradas, aprofundadas e executadas sobre o processo de ensino de leitura, estimulou o surgimento de novos pensamentos e diversas formas de expressão sobre a obra lida. Essas ações foram relevantes, pois realçam o quanto a literatura pode ajudar a escola a tomar o caminho para o letramento literário. Segundo Silva (2019, p.121):

O trabalho com a leitura literária no ambiente escolar foi fundamental para tornar o aluno um sujeito consciente na sociedade, um sujeito que reflete e tenta mudar a sua realidade. E isso foi observado no decorrer da leitura da obra quando, de forma autônoma, cada aluno pode compartilhar seu posicionamento e suas sensações diante dos acontecimentos da narrativa, compartilhar sua compreensão sobre o livro, relacionando-o com suas vivências. (p.121)

Então, estas atividades propostas apontam caminhos viáveis que a escola pode trilhar para

que o letramento literário não seja apenas um assunto nos ambientes acadêmicos, mas que se torne realidade nas escolas e na sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção pedagógica descrita em suas ações pedagógicas e depois na análise dos dados pretendeu suscitar e confirmar algumas reflexões acerca do papel da literatura na escola, especificamente nos anos finais do ensino fundamental.

A escola procura exercer, com dificuldade, sua função como promotora de competências leitoras que podem ser desenvolvidas, como propomos neste trabalho, através do letramento literário. Nessa perspectiva, Cosson (2021 c) confirma que esse letramento é fundamental no processo educativo porque nos ensina a ir além de uma simples leitura.

Este trabalho não teve o propósito de apontar a solução para o problema já citado, porém sugerir um possível caminho, entre outros, de como o ensino de literatura pode contribuir para a formação de leitores proficientes.

Assim que a proposta foi apresentada à direção pedagógica da escola onde a pesquisa seria aplicada, os gestores expressaram muita satisfação e se colocaram à disposição para auxiliar no que fosse necessário. Pediram que ficássemos à vontade para utilizar, sem ressalvas, o material pedagógico disponível na escola.

A boa receptividade para nossa pesquisa não só partiu dos gestores como também da turma que acolheu a intervenção com entusiasmo e carinho. E esse comportamento permaneceu ao longo da aplicação da sequência básica. Isso facilitou o desenvolvimento das atividades interventivas que resultou em dados satisfatórios.

O intuito da sequência básica se configurou em tecer considerações sobre como o ensino de literatura pode contribuir para o letramento literário, através de estratégias de leitura, que ampliariam o conhecimento e a competência leitora do indivíduo.

A coleta dos dados para análise desta pesquisa ocorreu no primeiro semestre de 2023. A turma recebeu um material específico para fazer seus registros, durante aplicação da sequência básica. O diário de bordo foi o grande encantamento inicial e um marco para esta coleta. Um caderno brochura pequeno, de capa dura, vermelho, sem adornos, com apenas um adesivo com desenho de um avião, livros e o globo terrestre informando a função: Diário de Bordo.

Com este recurso em mãos, os alunos puderam escrever suas impressões e suas hesitações afloradas durante as aulas de literatura. O uso do diário foi fundamental, não só pela captação de dados, mas porque o aluno teve a oportunidade de desenvolver, entre outras habilidades, as de escrita e pôde também se expressar sem preocupação com as correções.

Para a turma, esta foi uma atividade inédita. No entanto, mesmo com orientação, alguns alunos não conseguiram produzir textos mais longos como se costuma encontrar em diários. Talvez,

isso tenha acontecido pelo fato de a escrita não ser um hábito comum para eles. Falamos da escrita como expressão livre do pensamento, como instrumento de aprendizagem e não apenas para a verificação do uso das normas gramaticais. Não que seja necessária essa supervisão, porém não precisa ocorrer em todas as produções das crianças. Portanto, é interessante promover momentos que envolvam a leitura e a escrita, com direcionamento, e que o indivíduo se sinta à vontade para expor seus pensamentos.

E, assim, percebemos que a alegria, o entusiasmo contagiou os alunos na realização das atividades. Eles entenderam que poderiam expressar seus pensamentos e seus sentimentos sem se preocupar com as rígidas punições ou correções gramaticais.

Dessa forma, foi possível notar olhares felizes, sorriso nos lábios e a ansiedade despontada com o diário na mão, pronto para ser lido. No momento da leitura, o silêncio reinava porque estavam curiosos para saber o que o outro tinha escrito. Palmas e gritinhos premiavam cada leitura proferida. Esta experiência não só ajudou no desenvolvimento das habilidades de leitura, de escrita e de oralidade, como também de respeito ao direito do outro poder se expressar.

A experiência literária vivida em sala gerou outros benefícios importantes. No questionário aplicado no início da pesquisa, constatou-se que a maioria não tinha o hábito de ler com frequência e liam apenas o gênero história em quadrinhos. Em relatos escritos e orais, os alunos informaram que as atividades despertaram neles o gosto pela leitura e por novos gêneros textuais como contos e até o romance Harry Potter.

Muitos alunos fizeram suas considerações no último encontro de que sentiriam falta das aulas e do diário, frequentariam com mais assiduidade a biblioteca da escola, relataram que “tinha aprendido a ler melhor” e que conhecer Andersen, sua história e suas obras, despertou o interesse por outros escritores. Em seguida, informamos a turma de que se estava encerrando uma etapa de trabalho com leitura, contudo daríamos continuidade às aulas de literatura no decorrer do ano letivo porque, como regente da turma, se faz necessário prosseguirmos com as práticas de leitura já iniciadas.

Duas sequências básicas com contos de Andersen, “O Patinho Feio” e “A Pequena Vendedora de Fósforos” foram pensadas e elaboradas. Contudo, o tempo só nos permitiu aplicar a primeira. Embora sejam histórias tristes, mas a forma como é contada por Andersen faz o leitor passar por uma experiência extraordinária de leitura que envolve a criatividade, a emoção e a imaginação.

Alguns pequenos incômodos surgiram no decorrer da aplicação deste trabalho, entretanto não impediram a continuidade do que tinha sido proposto. Um grupo pequeno de alunos não se sentiu à vontade para participar da leitura coletiva dos diários e da apresentação da entrevista.

Consciente de que tais dificuldades encontraríamos, nossa atitude foi de respeito e compreensão.

O resultado analisado neste trabalho, a partir dos textos dos diários, revelaram o quão significativo as atividades propostas se tornaram, pois conduziram os participantes a vivências profundas e relevantes sobre leitura. Criou oportunidades de socialização da leitura, de interação entre texto e leitor, de interação entre leitores, provocou reflexões, isto é, ajudou a construir novos saberes.

Com isso obtiveram uma nova visão a respeito do ensino de literatura e um novo conceito de leitura, diferente daquele apresentado no questionário respondido no início desta intervenção.

Nestas páginas, não está registrada a salvação para a “pátria leitora”, porém acreditamos ter provocado reflexões que ajudarão a rever o ensino de leitura na escola, levando a consciência de que a leitura se constrói pela experiência pessoal e se ampliada com a experiência do outro porque, dessa forma, a escola conseguirá formar cidadãos conscientes de sua posição dentro de uma sociedade letrada.

Os professores poderão se apropriar deste trabalho que realizamos e adaptá-lo, se preferir, para sua realidade de sala de aula. Este trabalho nasceu a partir das nossas angústias porque não conseguíamos ampliar o conhecimento do aluno nem o interesse dele pela leitura através do ensino literário. Portanto, a intenção desta dissertação é colaborar com a prática pedagógica do professor, que assim como nós, sente a necessidades de repensar e refazer as práticas de leitura literária em sala.

6 REFERÊNCIAS:

ABREU, Márcia. **Cultura letrada literatura e leitura**. Coleção paradidáticos. São Paulo: Editora. UNESP, 2006.

ALECRIN, R.S. *A formação do leitor crítico nos anos finais do ensino fundamental por meio da leitura de contos*. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. PROFLETRAS, Campo Grande, 2020. (dissertação de mestrado)

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo; Editora Perspectiva; 2015.

BOSI, Alfredo, 1936. **História Concisa da literatura brasileira**. São Paulo, Cultrix, 34ª ed., 1994.

BUZZO, Marina Gonçalves. **O DIÁRIO DE LEITURAS: uma experiência didática na Educação de Jovens e Adultos (EJA)** PUC/SP - 2003 (dissertação de mestrado).

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** 8ª imp. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHARTIER, Roger CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Brasília: UNB, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

_____ **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____ **Panorama Histórico da Literatura Infantil/juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nely Novaes **Literatura infantil**. São Paulo: Moderna, 2000.

_____ **A escola e a leitura da literatura**. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (org.) **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. p. 17-39.

COLOMER, Teresa **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil**. São Paulo: Global, 2003.

_____ **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: _____. **Valise de Cronópsia**. São Paulo:

Perspectiva, 2006. p. 147-163.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2021.

_____ **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.

_____ **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2021.

_____ **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2021.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca, 1999.

DALVI, Maria Amélia; Neide Luzia de REZENDE, Rita JOVER-FALEIROS, orgs. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FARIA, Vitória Líbia Barreto. **Memórias de leitura e educação infantil**, In: SOUZA, Renata Junqueira de (org.) **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004, p. 49-59.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** – 6ª ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2004.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

JOLLES, André. **Formas simples**. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo, Cultrix, 1976.

JOUBE, Vicent. **Por que estudar literatura?** (Tradução: Marcos Bagno e Marcos Marcionilo) – São Paulo: Parábola, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRE, Marli E.D.A. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2015.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. (org.) **A função da literatura na escola - resistência, mediação e formação leitora**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2021.

MAGALHÃES JR., R. **A arte do conto: sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.

MINAYO, Maria Cecília Souza (org.). **Pesquisa social – Teoria, método e criatividade**. São Paulo: Vozes, 2007.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto**. Trad. de Jaime Ferreira e Vítor Oliveira. Lisboa, Editorial

Vega, 1978.

PROPP. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

SANDRONI, Luciana. **Hans Christian Andersen: os 77 melhores contos**. Volume I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

SANTOS, Ana Maria Martins da Costa; SOUZA, Renata Junqueira. **Andersen e as estratégias de leitura – atividades práticas no cotidiano escolar**. São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques; ROSING, Tânia M. K. (orgs) **Mediação de leitura – discussões e alternativas para a formação de leitores**. 1ª ed. São Paulo: Global, 2009.

SILVA, Daniely Moreira Coelho da. **Práticas de letramento literário em uma turma de 7º ano / Daniely Moreira Coelho da Silva**. –2019 (dissertação de mestrado PROFLETRAS – UFCE)

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOLÉ. Isabel. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artemed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira; COSSON, Rildo. Uma proposta para a sala de aula (artigo) Universidade Estadual Paulista (UNESP) Júlio de Mesquita Filho – Univesp (Universidade Virtual do Estado de São Paulo). Pág. 101 a 107.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

TODOROV, Tzevetan. **A literatura em perigo**. Tradução: Caio Meira. 13ª.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2021.

_____ **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICES



APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
(UESB)



QUESTIONÁRIO – COLETA DE DADOS
PERFIL DO LEITOR

01. Gosta de ler?

- Muito
- Mais ou menos
- Pouco
- Nada

02. Para você, a leitura é importante para sua formação?

- Sim
- Não

03. O que você costuma lê? *(Pode selecionar 2 opções)*

- Textos dos livros didáticos
- Histórias em quadrinhos
- Obras literárias
- Conteúdos de redes sociais
- Outros _____

04. Com relação aos textos literários, o que você mais gosta de ler?

- poesia
- conto
- romance
- cordel
- fábula

05. Qual o formato de leitura de sua preferência?

- Leitura em papel
- Leitura por meio digital (celular, computador, leitor digital, etc)
- Leitura em audiolivros

06. Em casa, com que frequência você lê?

- Todos os dias.
- De vez em quando.
- Só quando é atividade da escola.

07. Com que frequência você vê alguém da sua família ou alguém com quem você mora lendo livros?

- Nunca vi.
- De vez em quando eu vejo.
- Vejo sempre.

08. De que forma você tem acesso com mais frequência aos livros literários?

- Através de empréstimos na biblioteca da escola.
- Através de empréstimos com outras pessoas (Exemplos: colegas, parentes, professores, amigos, etc).
- Por meio virtual (Exemplos: bibliotecas virtuais, plataformas de leituras ou downloads na internet).
- Através dos pais ou responsáveis que sempre compram.

09. Nas aulas de português, a leitura se dá somente nos textos do livro didático?

- Sim
- Não

10. Como é a leitura de histórias em sala de aula para você?

- Animada/Interessante.
- Cansativa/ chata.

11. Você já leu qual(is) desta(s) história(s)?

() João e o pé de feijão

() O gato de botas

() Aladim e a lâmpada maravilhosa

() O soldadinho de chumbo

12. Já ouviu falar sobre conto maravilhoso?

() Sim

() Não

APÊNDICE B – DIÁRIO DE BORDO DOS ALUNOS
Fotografia dos alunos exibindo a capa do diário de bordo



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2023.

APÊNDICE C – ATIVIDADES COM O DIÁRIO DE BORDO
CONTO: O PATINHO FEIO

Registros para o Diário de Bordo

REGISTRO I:

O que você espera destas aulas de leitura?

O que você deseja aprender?

REGISTRO II: CONTOS MARAVILHOSOS E ANDERSEN

Você já tinha ouvido falar sobre contos maravilhosos?

O que teve de novidade para você sobre esse gênero textual?

O que você aprendeu sobre Andersen?

A vida dele é parecida com a vida de alguém que você conhece?

Que novo personagem você acrescentaria à história? (Desenho ou texto verbal)

REGISTRO III:

Que dúvidas surgiram após a leitura desse conto?

Algum dos personagens se parece com você ou com alguém que você conhece?

O que você sentiu ao ler/ouvir o conto?

Se pudesse, o que trocaria na história?

O que perguntaria ao autor sobre essa história?

O que você aprendeu com esse conto?

Que novo personagem você acrescentaria nesta história? (Desenho, colagem ou texto verbal)

REGISTRO IV. ENTREVISTA

Agora, faça de conta que você é um jornalista que vai entrevistar o protagonista da história. Elabore 4 perguntas que só ele poderia responder. Depois, responda-as como se fosse o entrevistado.

REGISTRO V: AVALIAÇÃO

Para concluirmos, precisamos da sua opinião sobre esses momentos que estivemos juntos. Sua resposta será muito importante para nosso trabalho.

1. Qual dos contos foi seu preferido? Por quê?
2. Você gostou ou não das aulas de literatura que tivemos?
3. Teve algo de interessante?
4. Por que não foi melhor?
5. O que você aprendeu com estas aulas?
6. Aumentou seu interesse pela leitura?
7. A leitura dos contos fez você refletir sobre o mundo, as pessoas e até sobre você?
8. Que Emoji você escolhe para avaliar as atividades de leituras que desenvolvemos juntos (as)?



APÊNDICE D – SEQUÊNCIA BÁSICA
CONTO: A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS		
<p>Objetivo geral:</p> <p>Despertar, através do texto literário, a autonomia para a construção de sentidos, ampliando seu conhecimento e contribuindo com sua formação como leitor pertencente a uma comunidade de leitores.</p>		
<p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver o gosto pela leitura de textos literários, especificamente contos maravilhosos; • Promover a leitura de contos maravilhosos que leve a compreensão dos sentidos possíveis do texto e as relações que ele estabelece com outros textos e com a própria vivência; • Ler contos maravilhosos, reconhecendo suas características, sua linguagem, sua função sociocomunicativa. 		
ETAPA	DESCRIÇÃO	QUANTIDADE DE AULAS
MOTIVAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento da turma pela professora; - Distribuição da letra da música “Sementes” de Emicida e Drik Barbosa, xerografada; - Leitura silenciosa da letra da música xerografada; - Exibição do vídeo, no Datashow, da música “Sementes”: https://youtu.be/C7I0AB--I3c; - Conversa sobre o vídeo e letra da 	1 aula

	<p>música: Gostaram da música? Já conheciam os compositores? Que tipo de música é essa? Qual sua finalidade? O que fala a letra da música? O que chamou mais sua atenção no vídeo?</p>	
INTRODUÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do livro <i>Hans Christian Andersen - Os 77 Melhores Contos</i>, organizado por Luciana Sandroni, publicado em 2019, Volume II. A professora explicará e mostrará que o livro faz parte de um box com dois volumes, o primeiro livro também será apresentado. Alguns títulos de contos de cada volume serão lidos para os alunos reconhecerem outras obras de Andersen. - Em seguida, a página onde está o conto “A pequena vendedora de fósforos” é exibida para os alunos. - Conversa informal: Vocês conhecem este conto? Por causa da tradução, ele pode aparecer com outros títulos. Alguém conhece este conto por outro título? - Exposição de informações sobre o autor e sobre o conto de forma sucinta. - Orientações para as anotações no diário de bordo, Registro I, que deverá ser feito em casa. 	1 aula
	<ul style="list-style-type: none"> - Momento destinado à leitura espontânea das anotações no diário. 	1 aula

LEITURA	<ul style="list-style-type: none"> - Distribuição do conto A pequena vendedora de fósforos, xerografado; - Incentivo para a leitura silenciosa; - Após esclarecimento de dúvidas, a professora faz a leitura oral do conto de Andersen “A pequena vendedora de fósforos”; - Reconhecimento dos elementos da narrativa do texto literário lido pelo aluno com auxílio da professora e abordagem da finalidade do conto; - Momento em que o aluno faz uma comparação do conteúdo do vídeo exibido na motivação com o conto “A pequena vendedora de fósforos”. - Orientações para as anotações no diário de bordo, Registro II, em casa. 	
INTERPRETAÇÃO	<p style="text-align: center;"><u>Primeiro momento:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Conversa sobre as impressões que o conto provocou: O que você sentiu durante a leitura do texto? Que parte da história mais lhe tocou? Por quê? - Orientações para as anotações no diário de bordo, Registro III, em sala. <p style="text-align: center;"><u>Segundo momento:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A professora divide o conto em 5 partes e entrega uma parte para cada grupo desenhar o que estava escrito. Após a distribuição do material (papel sulfite, lápis de cor, canetas coloridas) cada grupo terá 30 minutos para realizar a atividade; 	6 aulas

	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação dos desenhos pelos grupos de forma aleatória para a turma adivinhar. Em seguida, todos julgam os erros e acertos da parte desenhada. - Exposição dos desenhos no mural da sala, após autorização dos membros do grupo. - Conversa, espontânea, sobre a experiência de leitura do conto “A pequena vendedora de fósforos”: O que mais chamou a atenção no conto? Qual a ideia mais importante desse conto? O que você sentiu ao ler/ouvir o conto? Como as outras pessoas se comportavam com relação à menina na rua? Como podemos perceber as diferenças sociais neste conto? Vocês conhecem alguém que passa por esta situação? Como podemos ajudar a diminuir a dor daqueles que estão desamparados? - Motivação para a produção de texto: Gostaram da história da menina que vendia fósforos? Que tal mudarmos apenas o final? Que desfecho você daria a este conto? - Explicação de como os participantes deverão registrar o novo desfecho, Registro IV, no diário de bordo. Essa atividade será realizada em casa. - Na aula seguinte, acontecerá a leitura espontânea do conto “A pequena vendedora de fósforos” com o desfecho criado pelo aluno e registrado no diário de bordo. 	
--	---	--

AVALIAÇÃO

AVALIAÇÃO	<ul style="list-style-type: none">- Arrumação da sala em círculo;- Conversa sobre as atividades propostas;- Motivação para a resolução da Registro V, do diário de bordo, que se refere às aulas de literatura propostas;- Momento de partilha, espontânea, das anotações;- Comentário da professora sobre a experiência de leitura que foi vivenciada e agradecimento pela que todos deram à pesquisa e às aulas de literatura;- Esclarecimento, pela professora, sobre a criação de um Clube de Leitura do Sexto Ano que deverá acontecer nas unidades seguintes como continuação do trabalho de leitura;- Momento de escuta e esclarecimento de dúvidas sobre o Clube de Leitura;- Recolhimento dos Diários de Bordo e momento de confraternização.	2 aulas
-----------	---	---------

APÊNDICE E - ATIVIDADES COM O DIÁRIO DE BORDO
A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Registros (sugestões) para o Diário de Bordo

REGISTRO I

Gostou da aula? Conte tudo que aconteceu nela.
O que você não sabia e aprendeu na aula de hoje?
Que dúvidas surgiram durante a leitura?

REGISTRO II

Como foi a aula? O que teve de interessante?
Qual a ideia mais importante desse conto?
O que tem na história que fez você pensar assim?
O que você aprendeu hoje?

REGISTRO III

O que aconteceu durante a aula?
Você recomendaria este conto para alguém? Por quê?
Se pudesse, o que mudaria na história?
O que perguntaria ao autor sobre essa história?

REGISTRO IV. MUDANÇA DE FINAL

Agora, você vai colocar em prática seu lado escritor(a). Que outro final você daria ao conto “A pequena vendedora de fósforo”? Como seria esse final produzido por você.

REGISTRO V: AVALIAÇÃO

Para concluirmos, precisamos da sua opinião sobre esses momentos que estivemos juntos. Sua resposta será muito importante para nosso trabalho.

1. Qual dos contos foi seu preferido? Por quê?
2. Você gostou ou não das aulas de literatura que tivemos?
3. Teve algo de interessante?
4. Por que não foi melhor?
5. O que você aprendeu com estas aulas?
6. Aumentou seu interesse pela leitura?
7. A leitura dos contos fez você refletir sobre o mundo, as pessoas e até sobre você?
8. Que Emoji você escolhe para avaliar as atividades de leituras que desenvolvemos juntos (as)?



